



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Pós-Graduação em Educação Especial – Domínio Cognitivo Motor

A PSICOFETIVIDADE E A DISLEXIA

Márcia Raquel Silva Rodrigues de Castro
2012503

Porto, 04 de julho de 2013



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Pós-Graduação em Educação Especial – Domínio Cognitivo Motor

A PSICOAFETIVIDADE E A DISLEXIA

Projeto de Investigação Realizado no Âmbito da Unidade Curricular de
Seminário de Projeto - Área Problemas Cognitivos e Motores

Orientadora: Professora Doutora Helena Serra

Discente: Márcia Raquel Silva Rodrigues de Castro

Porto, 04 de julho de 2013

Ano letivo 2012 / 2013

EPÍGRAFE

*“Não há transição que
não implique um ponto de partida,
um processo e um ponto de chegada.
Todo amanhã se cria num ontem,
através de um hoje.”*

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIAS

Este projeto só foi possível porque, durante o meu percurso profissional, encontrei alunos com dificuldades específicas de aprendizagem que despertaram em mim a curiosidade de saber como ajudá-los. Assim, este projeto é também por eles.

Foi uma honra e um enorme privilégio ser orientada pela Professora Doutora Helena Serra ao longo deste trajeto, agradeço os momentos de partilha, a disponibilidade, a orientação científica e o gosto transmitido por esta problemática que tanto acarinhou ao longo da sua vida. O meu sincero, muito obrigada!

A todos os professores desta pós-graduação que tanto saber transmitiram e nos ensinaram a ver estes seres especiais com outros olhos.

Agradeço a participação de todos os entrevistados, pela colaboração tão pronta que tiveram para a realização deste projeto e pela partilha de uma experiência tão pessoal.

Às minhas colegas de pós-graduação, a Sílvia e a Carla, pelo apoio ao longo deste percurso, pela amizade e pela entreaajuda constante.

Por fim, quero agradecer àqueles que desempenham um papel mais significativo na minha vida e que foram os que mais sofreram com a minha ausência, os meus filhos, o meu marido e os meus pais. Obrigada por me terem apoiado a perseguir este meu sonho e por compreenderem a razão desta minha ausência.

A todos, o meu sincero muito obrigado!

Bem Hajam!

RESUMO

É já uma ideia generalizada de que a Educação é essencial para a socialização e plena integração de um indivíduo em sociedade.

Apesar disso, vivemos uma crise educativa, pois a Escola é composta por uma população heterogénea, crianças com diferentes vivências e especificidades para as quais a Escola ainda não é Inclusiva.

A Escola que se requer Inclusiva deve atender a criança como um todo, respeitando assim o seu desenvolvimento académico, sociocultural e pessoal, proporcionando-lhe uma educação de qualidade e que permita à criança atingir o sucesso no seu processo de ensino-aprendizagem.

Este princípio aplica-se também às crianças disléxicas, crianças inteligentes mas com um ritmo e processo de aprendizagem diferentes. Enquanto professores temos que nos capacitar de competências que permitam chegar a um diagnóstico correto e precoce. É de vital importância perceber que a Dislexia traz consigo imensas dificuldades ao nível da aprendizagem da leitura e da escrita, mas traz também consequências emocionais significativas cujos efeitos perduram por toda a vida.

Assim, o enfoque deste projeto abarca os fatores psicoafectivos, fatores esses que poderão ser condicionantes da aprendizagem de um aluno disléxico.

No trabalho que desenvolvemos adotamos uma metodologia de investigação qualitativa tendo sido realizadas oito entrevistas.

Os resultados obtidos demonstram, de uma forma geral, que os fatores psicoafectivos condicionam a aprendizagem de alunos disléxicos.

Aferimos que nem sempre a Escola dispõe de uma resposta educativa de qualidade e que, quando o faz, tal acontece numa fase já muito tardia. Esse facto obriga muitos pais a recorrerem a serviços particulares e muito dispendiosos.

Por fim, realça-se o facto de todos os pais relatarem que as dificuldades psicoafectivas causadas pela Dislexia acompanharam estas crianças até à fase adulta.

Espera-se, por isso, que este projeto possa contribuir para uma reflexão sobre a Dislexia e os fatores psicoafectivos, dada a grande importância que assume no equilíbrio emocional destes jovens.

Palavras-chave: Dislexia, Fatores Psicoafetivos

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	12
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	14
CAPÍTULO I – DISLEXIA.....	15
DEFINIÇÃO.....	15
ETIOLOGIA.....	18
TIPOLOGIAS DA DISLEXIA	20
CARACTERÍSTICAS DA DISLEXIA	21
ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO	25
FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO DE UM DISLÉXICO	30
CAPÍTULO II - FATORES PSICOAFECTIVOS	39
A PSICOAFETIVIDADE	39
A INFLUÊNCIA DOS FATORES PSICOAFECTIVOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	43
CAPÍTULO III - IMPLICAÇÃO DA PSICOAFETIVIDADE NA DISLEXIA.....	49
ENQUADRAMENTO EMPÍRICO	53
CAPÍTULO I - CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	54
DEFINIÇÃO DA PERGUNTA DE PARTIDA E OBJETIVOS DE ESTUDO	54
DEFINIÇÃO E CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA	55
CAPÍTULO II - OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	56
OPÇÕES GERAIS	56
MÉTODOS E TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS.....	58
MÉTODOS E TÉCNICAS DE TRATAMENTO DE DADOS	60
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	61

CAPÍTULO IV – SÍNTESE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS...	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
BIBLIOGRAFIA.....	84
WEBGRAFIA.....	85
LEGISLAÇÃO	85

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXOS	87
ANEXO 1 - AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA	88
ANEXO 2 - GUIÃO DE ENTREVISTA	90
ANEXO 3 - AUTORIZAÇÕES DAS ENTREVISTAS	96
ANEXO 4 - ENTREVISTAS.....	105
ANEXO 5 - GRÁFICOS E TABELAS	126

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 O cérebro humano.....	30
Figura 2 Localização dos hemisférios cerebrais.....	30
Figura 3 Localização dos lobos cerebrais.....	31
Figura 4 Localização das áreas de Broca e de Wernicke.....	32
Figura 5 Aprendizagens pré-primárias e primárias segundo Fonseca (2004:224).....	33
Figura 6 Localização dos sistemas cerebrais para a leitura.....	35
Figura 7 A marca neural da Dislexia. (Fonte: Shaywitz, 2006:74).....	36
Figura 8 Os sistemas neurais usados na leitura.....	37
Figura 9 Detecção da Dislexia.....	61
Figura 10 Primeira reação face à Dislexia.....	62
Figura 11 Quem levantou a suspeita.....	62
Figura 12 Quem efetuou o diagnóstico.....	63
Figura 13 Com que idade foi realizado o diagnóstico.....	63
Figura 14 Apoio Educativo.....	64
Figura 15 Local do Apoio Educativo.....	64
Figura 16 Tipo de Apoio Educativo.....	65
Figura 17 Educação Especial.....	65
Figura 18 Duração da Educação Especial.....	66
Figura 19 Penalização a nível académico.....	66
Figura 20 Relação do disléxico com os seus professores e colegas.....	67
Figura 21 Os pais e a Dislexia.....	67
Figura 22 A Dislexia e a relação parental.....	68
Figura 23 Idade.....	68
Figura 24 Habilitações Académicas.....	69
Figura 25 Situação atual.....	69
Figura 26 Detecção da Dislexia.....	70
Figura 27 Quem levantou a suspeita.....	70

Figura 28 Quem efetuou o diagnóstico.....	71
Figura 29 Primeira reação face à Dislexia.....	71
Figura 30 Local do Apoio Educativo.....	72
Figura 31 Tipo de Apoio Educativo.....	72
Figura 32 Educação Especial.....	73
Figura 33 Duração da Educação Especial.....	73
Figura 34 Penalização a nível académico.....	74
Figura 35 A Dislexia e as perspetivas académicas e profissionais.....	74
Figura 36 Os pais e a Dislexia.....	75
Figura 37 A Dislexia e os fatores emocionais.....	75
Figura 38 Idade dos pais.....	76
Figura 39 Habilitações Académicas dos pais.....	76
Figura 40 Situação Profissional dos pais.....	77

INTRODUÇÃO

Este projeto foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Seminário de Projeto - Área Problemas Cognitivos e Motores para a conclusão da Pós-Graduação em Educação Especial, Domínio Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Enquanto professores reconhecemos que as crianças têm capacidades extraordinárias para a aprendizagem. Uma dessas capacidades é a aquisição da leitura e da escrita. Que prazer sentimos quando os nossos alunos, tão pequeninos, começam a ler as primeiras linhas!

Todavia, em alguns casos, este processo de aquisição da leitura e da escrita é moroso e repleto de obstáculos. Estamos a falar de alunos disléxicos, alunos esses que encontramos frequentemente nas nossas classes de ensino regular e para os quais não temos uma resposta educativa de qualidade.

Os alunos disléxicos são crianças tão inteligentes quanto poderiam ser sem a Dislexia. Importa-nos, pois, adequar a aprendizagem, as atividades para que estes alunos possam alcançar o sucesso educativo.

Estas crianças lidam, todos os dias, com a sensação de fracasso, apesar de todos os seus esforços. Estas marcas são profundas e persistem por toda a vida, tendo consequências negativas na sua autoestima, condicionando a relação com os outros e, em diversos casos, condicionando também o percurso académico e profissional.

A nossa realidade educativa não acolhe os disléxicos como deveria, dado que não proporciona atividades que lhes permitam potencializar os seus conhecimentos e capacidades específicas.

É verdade que muito se deve à inércia daqueles que tem poder de decisão e a fatores económicos que excluem os disléxicos da Educação Especial, mas muito se deve também à falta de formação específica dos professores para que sejam eles mesmos a identificar, diagnosticar e intervir junto deste grupo de crianças.

É preciso fazer algo por estas crianças, pois as consequências psicoafectivas causadas pela Dislexia podem ser devastadoras e castradoras de um futuro promissor.

Em contraste, se houver um diagnóstico e acompanhamento atempado, estruturado e adequado, as consequências emocionais tornar-se-ão quase nulas e o aluno disléxico recuperará a sua autoestima e sentir-se-á mais confiante e seguro de si. É, por isso, necessário que pais, professores, terapeutas e outros trabalhem em equipa e partilhem conhecimentos e experiências.

Assim, surgiu o tema para este trabalho *A Psicoafetividade e a Dislexia*, cuja pergunta de partida é *Em que medida os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de alunos disléxicos?*

O projeto de investigação desenvolveu-se em duas partes distintas.

A parte I engloba o enquadramento teórico e é constituído por três capítulos.

O capítulo 1 aborda o tema da Dislexia, designadamente a sua definição, etiologia, tipologia, características, estratégias de intervenção e o funcionamento do cérebro de um disléxico.

O capítulo 2 engloba os fatores psicoafectivos e a influência destes no processo de ensino-aprendizagem.

O capítulo 3 abrange a implicação da psicoafetividade na Dislexia.

Relativamente ao enquadramento empírico, a parte II deste trabalho, está dividido em quatro capítulos.

O capítulo 1 apresenta a construção do objeto de estudo, nomeadamente a definição da pergunta de partida e objetivos de estudo, bem como, a definição e caracterização da amostra.

O capítulo 2 trata das opções metodológicas fazendo referência aos métodos e técnicas de recolha de dados e métodos e técnicas de tratamento de dados.

O capítulo 3 apresenta os resultados da investigação.

No capítulo 4 faz-se uma síntese e discussão dos resultados.

No final deste trabalho são apresentadas as considerações finais e a bibliografia.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I – DISLEXIA

DEFINIÇÃO

Do ponto de vista etimológico, a palavra Dislexia deriva da junção das palavras gregas: **dis** que significa desvio e **lexis** que significa palavra. O termo Dislexia reporta-se, então, a uma dificuldade com a palavra, sobretudo ao nível da leitura e da escrita.

A primeira referência a um caso de distúrbio na leitura surgiu a 7 de novembro de 1896, quando um físico britânico, Dr. W. Pringle Morgan, de Seaford descreveu o caso de uma criança, do sexo masculino, de 14 anos de idade, que apresentava dificuldades na leitura apesar de ter uma inteligência normal e capacidade de realizar atividades comuns para a idade. Esta descrição foi publicada no *British Medical Journal*, sob o título *Cegueira Verbal Congénita*, foi citada por Shaywitz (2008) e dizia o seguinte:

“Este rapaz foi sempre arguto e inteligente, rápido em jogos e de modo algum inferior a outros da mesma idade.

A sua grande dificuldade tem sido – e é atualmente – a sua incapacidade para ler. Frequentou a escola, ou teve tutores, desde os 7 anos de idade e têm sido envidados os maiores esforços para o ensinar a ler. Porém, apesar deste treino laborioso e persistente, só consegue, com dificuldade, ler em voz alta palavras monossilábicas...

Testei de seguida a sua capacidade para ler números e descobri que o podia fazer com facilidade. Leu rapidamente os números 785, 852, 017, 20 e 969 e calculou corretamente $(a+x)(a-x)=a^2-x^2$... Diz gostar de aritmética e não sentir qualquer dificuldade nesse domínio. No entanto, afirma que as palavras impressas ou escritas “não têm qualquer significado para si” e o exame que realizei convenceu-me da correção da sua opinião... Ele tem o que [Adolf] Kussmaul [um neurologista alemão] designou por “cegueira verbal”...

Posso acrescentar que o rapaz é arguto e denota um funcionamento cognitivo médio na conversação. Os seus olhos são normais... e a visão é boa. O professor que o ensinou durante alguns anos diz que seria o mais esperto da escola se a instrução fosse apenas realizada verbalmente.”

No final do século XIX, os médicos oftalmologistas ingleses Hinshelwood e Morgan, estudaram um grupo de crianças com muitas dificuldades no processo de aquisição da leitura. Os médicos categorizaram

estas dificuldades como Cegueira Verbal Congénita e é com este estudo que surgiram os primeiros estudos no âmbito da Dislexia

Um outro investigador muito importante no estudo da Dislexia foi Samuel T. Orton. Enquanto investigava os distúrbios de leitura chegou à conclusão que estes fazem parte de um conjunto de distúrbios de linguagem muito mais amplo e até aí ainda não estudado.

Ao longo das últimas décadas, vários autores tentaram chegar a uma definição de Dislexia. Todavia, esta procura mostrou-se inglória dado que nunca houve acordo de opiniões sobre o que é a Dislexia. Foram elaboradas cerca de 40 definições, mas nenhuma delas foi aceite universalmente. Assim, deixamos aqui dois registos do que parece ser uma definição de Dislexia:

“Dislexia é uma das formas de inaptidão para aprendizagem que resulta em distúrbios de leitura significativos. Tem sido definida como uma síndrome complexa de deficiências psiconeurológicas associadas, que podem incluir distúrbios em orientação, tempo, linguagem escrita, soletração, memória, percepção auditiva e visual, habilidades motoras e habilidades sensoriais relacionadas.”

(Valett, 1990:xi)

“A Dislexia desenvolvimental específica é uma desordem que se manifesta na dificuldade em aprender a ler, apesar da escolarização convencional, do funcionamento intelectual adequado e das oportunidades socioculturais. Depende de deficiências cognitivas fundamentais, frequentemente de origem física.”

(Associação Mundial de Neurologia cit. em Hennigh, 2003: 16)

De entre as várias definições, podemos traçar alguns aspetos que são aceites por todos e comuns na Dislexia: como sendo:

- Dificuldades no processamento da informação a nível fonológico;
- Problemas de leitura;
- Problemas de escrita;
- Dificuldades de soletração;
- Perturbação de carácter permanente.

A definição mais consensual, atualmente é aquela que é suportada pela Associação Internacional de Dislexia (2003) citada por Coelho (2013), segundo a qual, a Dislexia:

“É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam tipicamente de um défice na componente fonológica da linguagem que é frequentemente imprevisível em relação a outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que podem impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais.”

Das várias leituras efetuadas podemos inferir que a Dislexia consiste numa dificuldade no processamento da informação a nível fonológico; que afeta sobretudo a leitura, a escrita e a soletração. É uma dificuldade de carácter permanente que surge em crianças inteligentes sem qualquer perturbação sensorial ou psíquica.

O DSM-IV-TR apresenta os critérios necessários para o diagnóstico de Perturbação da Leitura:

“A. O rendimento na leitura, medido através de provas normalizadas de exatidão ou compreensão da leitura, aplicadas individualmente, situa-se substancialmente abaixo do nível esperado para a idade cronológica do sujeito, quociente de inteligência e escolaridade própria para a sua idade.

B. A perturbação do Critério A interfere significativamente com o rendimento escolar ou atividades da vida quotidiana que requerem aptidões de leitura.

C. Se estiver presente um défice sensorial, as dificuldades de leitura são excessivas em relação às que lhe estariam habitualmente associadas.

Nota de codificação: Se estiverem presentes um estado físico geral (por exemplo, neurológico) ou défice sensorial, codificam-se no Eixo III.”

Para Shaywitz (2008) mais importante do que definir o conceito é perceber o que é, de facto, a Dislexia. Assim, a autora refere *“a dislexia não reflete um défice generalizado no processamento linguístico mas antes uma fragilidade que se manifesta num componente específico do sistema linguístico: o módulo fonológico.”*

A autora (2008:63) acrescenta que:

“Nas crianças disléxicas, uma falha no sistema que processa a linguagem - ao nível do módulo fonológico – debilita a consciência fonémica da criança e, conseqüentemente, a sua capacidade de segmentar a palavra falada nos sons subjacentes. Os fonemas são definidos de forma menos clara. Como resultado desta fragilidade, as crianças têm dificuldade em descodificar o código da leitura.”

Segundo Vítor da Fonseca (2008) a Dislexia é:

“(…) uma dificuldade duradoura da aprendizagem da leitura e aquisição do seu mecanismo, em crianças inteligentes, escolarizadas, sem quaisquer perturbação sensorial e psíquica já existente.”

Para Mark Selikowitz (2010):

“A dislexia é uma dificuldade específica de aprendizagem, ou seja, é uma condição inesperada e inexplicável que ocorre numa criança de inteligência média ou superior, caracterizada por um atraso significativo em uma ou mais áreas de aprendizagem.”

Do que sabemos até hoje, a aprendizagem da leitura e da escrita depende em muito da componente fonológica. Assim, as dificuldades na aquisição da leitura e da escrita, como é o caso da Dislexia, resultam em grande parte de um défice fonológico. A Dislexia aparece em crianças ou adultos que tiveram uma escolarização normal, sem qualquer outra perturbação associada, pertencem a qualquer meio sociocultural e tem um QI normal.

ETIOLOGIA

Todos reconhecemos a existência da Dislexia, no entanto, ainda não há consenso quanto às possíveis causas da Dislexia. Isto acontece apesar dos muitos estudos realizados para perceber a sua origem.

“A posição mais generalizada é a de que a Dislexia é uma desordem de foro neurológico, caracterizada por frequentes inversões de letras e de palavras.”

(Orton, 1937 citado em Hennigh, 2003)

Segundo alguns autores, a dislexia resulta de um défice fonológico e a sua gravidade varia consoante a severidade desse mesmo défice.

Todavia, surgem agora provas sobre a origem da Dislexia que são incontestáveis de acordo com Shaywitz (2008: 88-89):

“Tendo, para nossa satisfação, estabelecido a viabilidade de usar a RMF para estudar a leitura, sentimo-nos à vontade para passar à etapa seguinte: uma série de estudos que nos começariam a elucidar (...) acerca da razão pela qual pessoas muito inteligentes tinham dificuldades de leitura.”

Diversos autores sugerem que os problemas de leitura e de escrita surgem devido a uma lesão cerebral.

No entanto, a opção mais consensual para a origem da Dislexia parece ser o aparecimento de problemas ao nível cognitivo e neurológico.

Com o objetivo de conhecer a verdadeira etiologia da Dislexia, os neurologistas estudaram os cérebros de disléxicos mortos. A neurologia provou, a partir desses estudos, que nos disléxicos há um desenvolvimento de células diferente na fase intrauterina, por volta dos seis meses de gestação.

Quanto aos fatores cognitivos que podem estar na origem da Dislexia, Torres de Fernández (2001) apontam os seguintes:

- Défices perceptivos e de memória;
- Défices no processamento verbal.

Existem ainda outros fatores que podem estar na origem da Dislexia, nomeadamente:

- Fatores a nível do cérebro como mau funcionamento cerebral e lesões no Sistema Nervoso Central;
- Fatores genéticos ligados à hereditariedade;
- Fatores emocionais que conduzem à insegurança, à inibição e, em alguns casos, à agressividade.

Atualmente, dispomos de meios tecnológicos que nos permitem “ver” o cérebro durante a leitura e localizar as áreas cerebrais em ação, sendo que no leitor-padrão é ativado o hemisfério esquerdo e no disléxico é ativado o hemisfério direito.

Outros estudos referem que a Dislexia surge devido ao fraco reconhecimento fonológico. Shaywitz (2008: 89, 114) declara que:

“estudos levados a cabo por todo o mundo não deixam qualquer dúvida sobre o facto de os indivíduos disléxicos, quando leem, usarem circuitos cerebrais diferentes dos que são usados pelos bons leitores”

[...]

“é evidente que a maioria da população disléxica partilha uma fragilidade fonológica comum (a nossa equipa de investigação determinou ser um valor de cerca de 88 por cento).”

Após a análise de imagens imagiológicas, Shaywitz (2008: 95-96, 99) afirma que:

“Este padrão de subativação da zona posterior do cérebro estabelece uma identificação neural das dificuldades fonológicas que caracterizam a dislexia. Esta identificação parece ser universal, é verdadeira para disléxicos de todas as línguas e de todas as idades.”

[...]

“... não deixam qualquer dúvida de que o problema fulcral na dislexia é de ordem fonológica: converter a escrita em som. É apenas quando pedimos a um indivíduo disléxico que converta letras em sons que temos provas de uma falha no circuito.”

Em síntese, a maioria das crianças disléxicas apresentam um déficit fonológico que não lhes permite realizar as tarefas de leitura e de escrita com a mesma destreza e níveis de realização esperados para a sua idade cronológica. Do que foi exposto, torna-se claro que a ativação cerebral numa criança disléxica é diferente daquela que não tem Dislexia. Outros fatores que importa conhecer são os fatores genéticos e ambientais que podem estar na origem de certas dislexias.

TIPOLOGIAS DA DISLEXIA

A Dislexia pode ser do tipo **adquirida**, quando a pessoa, já na fase adulta, perde a capacidade de ler, em virtude de uma lesão cerebral que altera os mecanismos de leitura que anteriormente tinham um funcionamento normal. Pode ser ainda do tipo **evolutiva ou desenvolvimental**, quando a criança adquire a leitura por um processo mais lento daquele que seria esperado para a sua idade, demonstrando assim graves dificuldades na aquisição do processo de leitura, não é capaz de escrever nem de soletrar com facilidade. Na dislexia de desenvolvimento, a criança manifesta problemas na aquisição da leitura e da escrita desde o início da sua aprendizagem. Este tipo de dislexia ocorre na sequência de um problema de maturação cerebral.

A Dislexia evolutiva compreende três grupos:

Disfônica ou auditiva – dificuldade acentuada na transformação letra/som, dificuldade na leitura de palavras que não fazem parte do seu vocabulário quotidiano.

Diseidética ou visual – dificuldade acentuada na percepção global da palavra, ou seja, veem a palavra mas não conseguem juntar as letras, tornando assim a leitura lenta e silabada. É aqui que acontecem as inversões de letras, sílabas e palavras, como por exemplo, “b” em vez de “d”.

Mista ou aléxica – neste grupo existe uma dificuldade severa para a leitura dado que os disléxicos apresentam dificuldades ao nível auditivo e ao nível visual.

CARACTERÍSTICAS DA DISLEXIA

É, geralmente, com a entrada da criança na escola que se detetam as primeiras dificuldades de leitura e de escrita. Logo, o professor deve estar atento e familiarizado com as principais características da Dislexia.

De acordo com Torres e Fernández (citado em Dislex, 2013) as características podem ser comportamentais ou escolares.

*“Na primeira categoria as autoras incluem a ansiedade, a insegurança, a atenção instável ou o desinteresse pelo estudo. Relativamente às características escolares, as autoras referem um ritmo de leitura lento, com leitura parcial de palavras, perda da linha que está a ser lida, confusões na ordem das letras (ex.: **sacra** em vez de **sacar**), inversões de letras ou palavras (ex: **pro** em vez de **por**) e mescla de sons ou incapacidade para ler fonologicamente.”*

Existem ainda outras características próprias da Dislexia que Fonseca designa como características globais de comportamento, que estão interligadas com a maturação e o desenvolvimento global. Desta forma, Fonseca (citado em Dislex, 2013) aponta para áreas que poderão apresentar défices, tais como:

*“Lateralização e orientação direita – esquerda;
Noção do corpo;
Orientação no espaço e no tempo;*

*Representação espacial;
Coordenação de movimentos;
Memória;
Grafismo e expressão oral.”*

Existem ainda outras características relevantes no desempenho da criança disléxica.

Segundo Serra (2013) um aluno disléxico apresenta um atraso em áreas instrumentais básicas que funcionam como pré-requisito para a aquisição de aprendizagens simbólicas. As áreas instrumentais são, segundo a autora, as seguintes:

*“Psicomotricidade;
Lateralidade;
Orientação espaço-temporal;
Percepção auditiva e visual;
Linguagem compreensiva e/ou expressiva;
Traçados grafomotores;
Dificuldades de atenção e memória.”*

Os primeiros sinais de alerta, geralmente, surgem com a entrada da criança na escola e com o início do processo de aprendizagem da leitura, pelo que o professor desempenha um papel preponderante na detecção precoce da Dislexia. Aos pais cabe também um papel importantíssimo, pois a criança treinará em casa as competências leitoras que aprendeu na escola.

Shaywitz (2008:139-142) apresenta os indicadores de Dislexia relacionando-os com as diferentes fases escolares da seguinte forma:

Nível de ensino pré-escolar:

(...).
*“Dificuldade em aprender poemas ou cantigas simples tradicionais
Falta de interesse por rimas.
Palavras pronunciadas incorretamente; infantilismos persistentes.
Dificuldade em aprender (e em recordar) nomes de letras.
Não conseguir saber as letras do seu próprio nome.”*

Nível de ensino pré-escolar e 1º ano do 1º ciclo:

“Não compreender que as palavras podem ser decompostas; por exemplo, não perceber que a palavra malmequer pode ser decomposta em mal, me e quer e que a palavra mal pode ser ainda decomposta em “m” “aaaa” “l”.
Incapacidade de aprender a associar letras a sons; por exemplo, ser incapaz de associar a letra b ao som “b”.
Erros de leitura que não têm qualquer relação com os sons das letras; por exemplo, a palavra grande é lida como eco.

Incapacidade para ler palavras monossilábicas correntes ou para soletrar mesmo as palavras mais simples, tal como tapete, gato, salto, sono.

Queixas sobre a leitura ser difícil; a criança foge e esconde-se, quando chega a altura de ler.

História de problemas de leitura manifestados pelos pais ou pelos irmãos.”

Para além dos indicadores de Dislexia mencionados, Shaywitz (2008) salienta que devemos estar atentos a sinais que indiquem processos de raciocínio de nível superior, como sejam:

“Curiosidade.

Boa imaginação.

Capacidade de compreender as coisas.

Interesse intenso por novas ideias.

Aceder ao significado geral das coisas.

Boa compreensão de novos conceitos.

Maturidade surpreendente.

Vocabulário vasto e rico para o nível etário.

Apreciar resolver quebra-cabeças.

Talento para a construção de modelos.

Excelente compreensão de histórias que são lidas ou contadas.”

A partir do 2º ano:

Problemas ao nível da oralidade:

“Incorreta articulação de palavras longas, desconhecidas ou complicadas; distorção de palavras (...).

Expressão verbal não fluente – pausas ou hesitações frequentes (...).

Uso de vocabulário impreciso (...).

Incapacidade para encontrar a palavra certa, confundindo também palavras cuja fonia é idêntica (...).

Necessidade de tempo para elaborar uma resposta oral ou incapacidade de dar uma resposta oral rápida, quando interpelado.

Dificuldade em recordar partes isoladas de informação escrita (decorar) (...).”

Problemas ao nível da leitura:

“Progressos muito lentos na aquisição de competências de leitura.

Falta de uma estratégia para ler palavras novas.

Dificuldade em ler palavras desconhecidas (novas, não familiares) que têm de ser silabadas (...).

Incapacidade de ler pequenas palavras “funcionais”, tal como isso, um, em.

Emperrar ao ler palavras multissilábicas ou não conseguir aproximar-se da soletração da palavra.

Omitir partes de palavras, ao ler; (...).

Tremendo medo de ler em voz alta; evitar ler em voz alta.

Leitura em voz alta cheia de substituições, omissões e incorreta articulação de palavras.

Leitura em voz alta sincopada e laboriosa, não suave ou fluente.

Leitura em voz alta sem inflexão e semelhante à leitura de um texto numa língua estrangeira.

Dependência do contexto para descobrir o significado do que é lido.

(...)"

Os indicadores atrás mencionados sugerem uma fragilidade fonológica, mas uma vez que não há comprometimento da inteligência, Shaywitz (2008) refere a "*presença de pontos fortes em processos de raciocínio de nível superior*":

"Excelentes aptidões a nível do pensamento: concetualização, raciocínio, imaginação, abstração.

Aprendizagem melhor conseguida através da compreensão do significado do que por memorização.

Capacidade para ver a "imagem geral".

Elevado nível de compreensão do que lhe é lido.

Capacidade para ler e compreender a um nível superior palavras aturadamente aprendidas (isto é, muito praticadas) e que pertencem a uma área de interesse especial; (...).

Progresso, quando uma área de interesse se torna mais especializada. Desenvolve então um pequeno conjunto de vocábulos que consegue ler.

Vocabulário surpreendentemente sofisticado no domínio da linguagem recetiva.

Excelência em áreas não dependentes da leitura, tal como matemática, computadores e artes visuais, ou excelência em temas de ordem mais concetual (versus temas mais marcados pela acumulação de factos), tal como filosofia, biologia, estudos sociais, neurociência e escrita criativa."

Estes sinais de alerta podem servir de auxílio na deteção precoce da Dislexia. Todavia, o diagnóstico só é concretizado com a intervenção de uma equipa multidisciplinar.

Caso a criança demonstre dificuldades na aquisição de aprendizagens ao nível das áreas instrumentais básicas, certamente também terá dificuldades nas áreas de realização académica.

Para que o diagnóstico de Dislexia seja considerado não é necessário que a criança disléxica apresente todas as características identificadas anteriormente.

Para além do diagnóstico, o mais importante é que este aconteça de forma tão precoce quanto possível e que a intervenção comece imediatamente para que se possam minorar as dificuldades sentidas pela criança e possamos conduzi-la ao êxito.

ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Como vimos anteriormente, a etiologia e as características da Dislexia podem ser diversas. Contudo, algo que não deixa margem para dúvida é que as crianças com Dislexia são tão inteligentes quanto poderiam ser caso não a tivessem.

Logo, o papel do professor deve centrar-se na identificação das dificuldades que aquela criança apresenta e deve traçar um plano de intervenção que vise colmatar todas e quaisquer dificuldades.

Todavia é aqui que reside o maior obstáculo!

Portugal foi um dos países signatários da Declaração de Salamanca (1994) que preconiza que a educação deve ser para todos *“independentemente das diferenças individuais”*. Nesta declaração, os países signatários dizem ainda que acreditam e proclamam que:

- *cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem,*
- *cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias,*
- *os sistemas de educação devem ser planeados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades,*
- *as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades,”*

Também a nossa Constituição, a Constituição da República Portuguesa, no número 1 do artigo 74º preconiza que: *“Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar”*.

Passados 14 anos da publicação da Declaração de Salamanca, Portugal aprova e publica o Decreto-Lei n.º3/2008, de 7 de janeiro que exclui da Educação Especial as crianças com dificuldades específicas de aprendizagem, uma vez que as medidas contempladas referem-se a alunos com necessidades educativas de caráter permanente, o que representa um recuo colossal no atendimento às crianças com dificuldades específicas de aprendizagem.

Todavia, preconiza-se uma escola pública que, de acordo com o Decreto-Lei n.º75/2008 de 22 de abril, deve ter como missão “dotar todos e cada um dos cidadãos das competências e conhecimentos que lhes permitam explorar plenamente as suas capacidades, integrar-se ativamente na sociedade e dar um contributo para a vida económica, social e cultural do País”.

Este incumprimento da Declaração de Salamanca e da Constituição da República portuguesa dificulta a deteção, avaliação, diagnóstico e intervenção junto de crianças com dificuldades específicas de aprendizagem.

São muitos os alunos que ficaram sem o atendimento necessário ao seu sucesso escolar.

A única resposta educativa para as crianças com dificuldades específicas de aprendizagem sustentada no Decreto-Lei n.º3/2008, de 7 de janeiro, está no capítulo II que *“pressupõe a referenciação das crianças e jovens que eventualmente dela necessitem, a qual deve ocorrer o mais precocemente possível, detetando os fatores de risco associados às limitações ou incapacidades.”* Posto isto, o professor titular de turma referencia o aluno que será avaliado pelos serviços de Educação Especial e, em seguida, é encaminhado para os apoios educativos ou, se for um caso mais grave, é encaminhado para os serviços de Educação Especial.

Cabe muitas vezes ao professor titular de turma, apoiado indiretamente pelo professor de Educação Especial, procurar uma solução que vise o sucesso do aluno através de uma pedagogia diferenciada de ensino. Esta pedagogia inclui uma intervenção para prevenir o agravamento das dificuldades e tentar colmatar algumas das dificuldades apresentadas pelo aluno. Este processo só é possível se houver uma avaliação e intervenção adequadas e ponderadas.

Para Hennigh (2003), o professor deve considerar cinco princípios de aprendizagem para ajudar a criança disléxica, sendo eles: desenvolver métodos de ensino-aprendizagem multissensoriais que integrem olhos, ouvidos, etc.; promover uma atitude positiva para com a leitura; diminuir o efeito que o “rótulo” pode ter sobre a criança baixando a sua autoestima e

criando mais insegurança; apresentar modelos de leitura corretos e reforçar as competências de leitura.

No caso de uma criança em que é confirmado o diagnóstico de Dislexia importa começar desde logo uma intervenção.

De acordo com Serra (2013) a intervenção deve obedecer a alguns princípios:

*“Sistemática;
Estruturada;
Focalizada;
Individualizada;
Atempada (preventiva/remediativa);
Modelo: treinamento misto;
Abordagem multissensorial;
Estratégias e Materiais Específicos.”*

A intervenção deve começar pela realização de uma avaliação compreensiva ao nível da realização das áreas básicas instrumentais e das áreas de realização académica.

Essa avaliação compreensiva das áreas básicas instrumentais deve abranger as seguintes áreas: Linguagem, que inclui as subáreas compreensiva e expressiva; a área da consciência fonológica; a Psicomotricidade que abrange as subáreas do esquema corporal, da lateralidade e a orientação temporal e espacial; a área da Perceção, que envolve as subáreas auditiva, rítmica, visual, tátilo-quinestésica, gustativa e olfativa; a Motricidade ampla e fina; o desenvolvimento social; a autonomia e a criatividade.

Ao nível das áreas de realização académica, a prova de avaliação compreensiva deve abranger a leitura relativamente à fluência/ritmo, à pontuação/expressão, à exatidão e à interpretação. No que concerne à escrita, a prova deve incluir a avaliação do desenvolvimento linguístico, da ortografia e dos traçados grafo-motores. No que diz respeito à aritmética, importa avaliar os números e possíveis relações entre eles, operações e a resolução de problemas.

Através da análise dos resultados obtidos poderemos traçar o perfil do aluno e o seu desempenho académico. Em seguida, o professor especializado deve planear a intervenção através de atividades específicas para aquele aluno em questão. A intervenção deve ocorrer em duas ou três

sessões semanais individuais ou em pequeno grupo com o objetivo de realizar um treino intensivo das competências ainda não adquiridas. Este treino intensivo deve compreender duas partes, a saber: treino intensivo das áreas instrumentais básicas e treino intensivo das áreas de realização acadêmica.

Segundo Serra (2013) é fundamental que a intervenção seja centrada no aluno, deve existir um envolvimento pedagógico diferenciado, o estudo deve ser orientado e apoiado através da construção de mapas conceituais e resumos, por último, os docentes devem providenciar apoio pedagógico a todas as disciplinas em que o aluno evidencia dificuldades.

As atividades programadas devem incluir exercícios de treino da consciência fonológica, identificação de fonemas, leitura de palavras em voz alta e soletração, explicação de conceitos e invenção de rimas.

Dado que a criança disléxica perde facilmente a atenção, o professor pode dividir uma tarefa em diferentes etapas e certificar-se de que a criança percebeu cada uma delas, uma outra estratégia consiste no ensino através dos pares, no qual a criança é colocada junto de um bom aluno para que este sirva de modelo. Os materiais utilizados pelo professor devem ser variados e motivadores para que a atenção do aluno não disperse com tanta facilidade.

Para o treino da lateralidade, o professor deve proporcionar atividades em que o aluno tenha que identificar, por exemplo, o braço esquerdo ou a perna direita, etc. Este treino deve ser executado de forma sistemática até que a criança deixe de apresentar dificuldade.

Quanto à autoestima, o professor promoverá o seu crescimento se estabelecer com os alunos pequenos objetivos pessoais, familiares e acadêmicos, se valorizar cada conquista por mais pequena que seja.

Na intervenção junto de uma criança disléxica é muito importante a participação dos pais.

O Decreto-Lei n.º3/2008, de 7 de janeiro, artigo 3º relativo à “Participação dos pais e encarregados de educação” diz que:

“1 — Os pais ou encarregados de educação têm o direito e o dever de participar ativamente, exercendo o poder paternal nos termos da lei, em

tudo o que se relacione com a educação especial a prestar ao seu filho, acedendo, para tal, a toda a informação constante do processo educativo.

2 — Quando, comprovadamente, os pais ou encarregados de educação não exerçam o seu direito de participação, cabe à escola desencadear as respostas educativas adequadas em função das necessidades educativas especiais diagnosticadas.

3 — Quando os pais ou encarregados de educação não concordem com as medidas educativas propostas pela escola, podem recorrer, mediante documento escrito, no qual fundamentam a sua posição, aos serviços competentes do ME.”

Por conhecer a criança melhor que qualquer outro, a família deve compreender e respeitar as suas limitações, colaborando com os professores ou outros técnicos envolvidos na sua (re)educação.

Se a relação entre a escola e a família for estável e pacífica, então o aluno certamente sentir-se-á mais motivado para a aprendizagem.

A colaboração da família na concretização da intervenção prende-se com a aplicação de algumas estratégias relacionadas com tarefas diárias e do quotidiano, promovendo sempre uma troca, uma partilha entre a família e a criança.

Segundo Shaywitz (2008), os pais de crianças disléxicas devem ajudá-las a melhorar a sua fluência leitora, através de um programa diário de leitura, com duração de 15 minutos, que assenta num modelo de leitura a pares. Ou seja, primeiro leem os pais o excerto de uma história, depois leem os dois (pais e filhos) e, no final, a criança deve ser capaz de ler sozinha.

Outra tarefa que ajudará a criança a organizar o seu dia-a-dia é ter o horário escolar num local bem visível e de fácil acesso. Para a realização dos trabalhos de casa, os pais deverão escolher um local bem iluminado e tranquilo e podem dividir os trabalhos de casa para que a criança possa fazer pequenos intervalos.

As atividades que os pais realizarem com a criança devem finalizar sempre com um reforço positivo.

Os pais devem acreditar sempre que o seu filho tem capacidades para ultrapassar o problema.

Uma intervenção partilhada entre pais e professores é o único caminho para que a criança seja bem-sucedida no seu processo de ensino-aprendizagem.

FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO DE UM DISLÉXICO

“(...) o órgão privilegiado da aprendizagem é o cérebro” (Fonseca, 2008)

O cérebro é um dos órgãos mais necessário para o funcionamento harmonioso do corpo humano. Ele é a parte mais importante do Sistema Nervoso Central e afigura-se com o interior de uma noz.

A parte frontal do cérebro apelida-se de anterior e a parte de trás denomina-se posterior.



Figura 1 O cérebro humano.

O cérebro divide-se em dois hemisférios: o direito e o esquerdo.

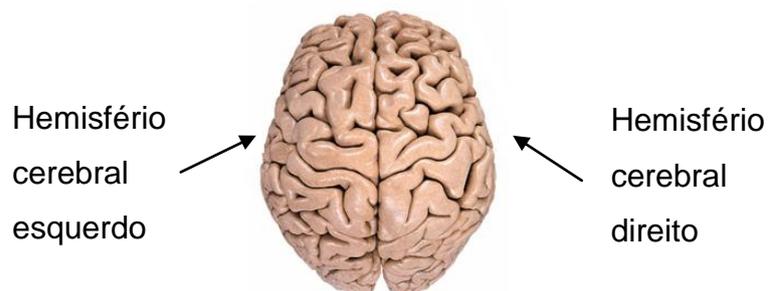


Figura 2 Localização dos hemisférios cerebrais.

O hemisfério direito é responsável pelo pensamento simbólico e pela criatividade.

O hemisfério esquerdo é, geralmente, o hemisfério dominante e é o responsável pelo pensamento lógico e pela linguagem.

A ligação entre os dois hemisférios é feita através do corpo caloso, cuja função é a transferência de informações entre hemisférios.

De acordo com Shaywitz (2006:68): “Se os lobos direito e esquerdo fossem vistos como os polos verticais da letra H, o corpo caloso seria a linha horizontal que conecta os dois lados.”

Cada hemisfério é composto por quatro áreas ou lobos cerebrais: frontal, parietal, temporal e occipital.

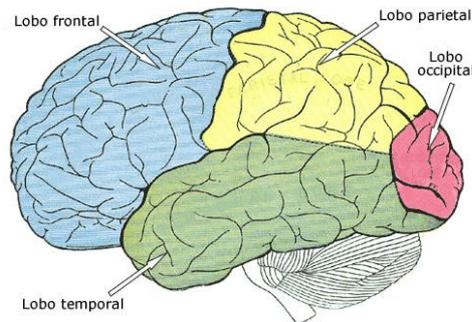


Figura 3 Localização dos lobos cerebrais.

Segundo Shaywitz (2006:68): “Os lobos frontais são anteriores, os occipitais são posteriores, e os parietais e temporais são intermediários. O lobo parietal situa-se acima do lobo temporal.”

De acordo com a autora, os lobos cerebrais são simétricos nos dois hemisférios.

O lobo frontal tem como principal função o pensamento abstrato, a criatividade, a linguagem e a afetividade.

O lobo occipital é aquele que está encarregue pela discriminação dos estímulos visuais.

Por sua vez, o lobo temporal é o responsável pela discriminação dos estímulos auditivos.

O lobo parietal controla a recepção dos estímulos sensoriais.

Existem duas áreas cerebrais bastante significativas: a área de Broca e a área de Wernicke.

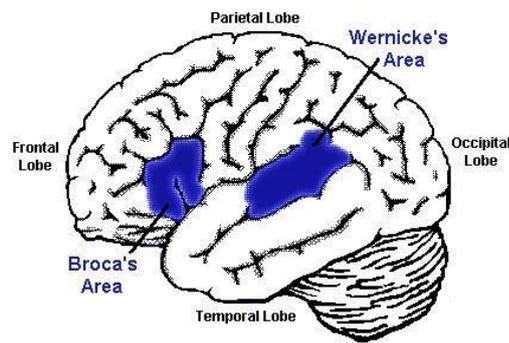


Figura 4 Localização das áreas de Broca e de Wernicke.

A área de Broca foi descoberta em 1861 pelo médico francês Paul Broca. Esta parte do cérebro orienta o processamento da linguagem, da fala e da compreensão da linguagem.

A área de Wernicke compreende o conhecimento, a interpretação e associação das mensagens recebidas.

Shaywitz diferencia de forma bastante clara o que acontece numa lesão na área de Broca e na área de Wernicke. Segundo a autora (2006:61-62):

“Ao contrário da afasia de Broca, na qual o paciente não consegue enunciar as palavras, mas, em geral, entende tudo o que se diz; na afasia de Wernicke, o paciente fala com facilidade, mas não entende a linguagem e se exprime de maneira incoerente.”

Para que um ser humano seja capaz de aprender a ler e a escrever ele tem que ser detentor de uma *“série de aquisições perceptivas, linguísticas e cognitivas”*. Fonseca (2004:224)

O autor propõe uma distinção entre os hemisférios direito e esquerdo conforme podemos, observar através da análise da Figura 5.

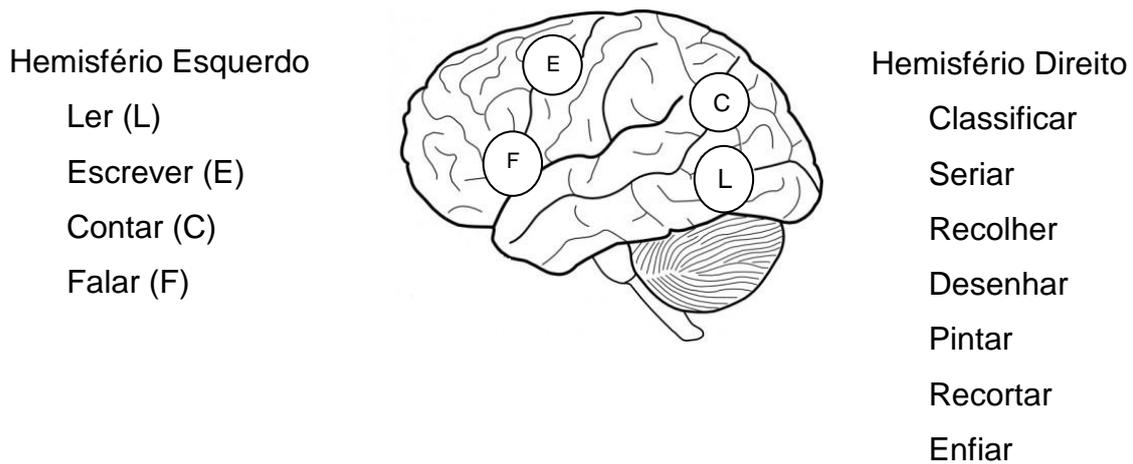


Figura 5 Aprendizagens pré-primárias e primárias segundo Fonseca (2004:224).

De acordo com o mesmo autor, o processo de leitura pode subdividir-se em 5 fases:

1. descodificação de letras e palavras através do processamento visual;
2. identificação visuo-auditiva;
3. correspondência grafema – fonema;
4. integração visuo-fonética;
5. significação, quando o sistema visuo-fonético se transforma em semântico.

Fonseca (2004:225) enumera as aquisições necessárias para a leitura, de acordo com o trabalho de vários especialistas da seguinte forma:

- “1) Controlo postural e da atenção;
- 2) Seguimento de instruções visuoespaciais (de cima para baixo em termos de linhas horizontais, e da esquerda para a direita em termos de descodificação e sequencialização de letras e palavras);
- 3) Memória auditiva;
- 4) Sequencialização e ordenação fonética;
- 5) Memória visual;
- 6) Sequencialização e ordenação grafética;
- 7) Aquisições para descodificar palavras (word attack skills – “estratégias de ataque” de palavras);
- 8) Análise estrutural de linguagem;
- 9) Síntese lógica e interpretação da linguagem;
- 10) Desenvolvimento do vocabulário;
- 11) Expansão e generalização léxica;
- 12) Aquisições de escrutínio e de referenciação léxicossintática.”

A leitura é, antes de mais, uma atividade neurológica que beneficia a saúde mental. Para ler, o ser humano envolve e desenvolve varias áreas cerebrais.

O processo de aquisição da leitura é longo e ocorre em várias fases.

Segundo Shaywitz (2008), existem ainda outros quatro componentes que integram o processo de leitura, a saber: a fonologia, que abrange a forma como os sons de uma língua se organizam, a semântica, que compreende a relação de significados, a sintaxe, que abrange a articulação de palavras na frase de acordo com as regras gramaticais, e o discurso que abarca a articulação coerente das frases no momento de enunciação.

Para a autora, a maior parte das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita têm origem nos processos de descodificação e no reconhecimento das palavras escritas. Tal facto, prende-se com a atenção excessiva que o aluno dá à descodificação, descurando assim a compreensão do que está a ler.

A descodificação é considerada um processo de nível inferior e consiste na transformação de grafemas em fonemas e das combinações possíveis entre eles para formarem palavras. Deste modo, o leitor é capaz de reconhecer palavras e descodificar aquelas que ainda não conhece.

A compreensão é encarada um processo de nível superior e consiste na compreensão de uma mensagem escrita. Caso o leitor não consiga recolher a informação do texto que está a ler, não vai ser capaz de retirar a informação necessária e não vai ser capaz de compreender o que leu.

No caso de um ser humano com dislexia de desenvolvimento, existe “um circuito que não se estabeleceu corretamente já no início, tendo ocorrido uma falha durante a vida no feto, quando o cérebro se forma para a linguagem”. Shaywitz (2006:62-63).

Esta falha no circuito cerebral vai impedir que a criança compreenda o som e faça a associação ao grafema correspondente. Este problema fonológico vai condicionar a aquisição da linguagem oral e da linguagem escrita.

A principal diferença entre o funcionamento do cérebro de um leitor-padrão e de um disléxico é explicado por Shaywitz (2006:72) da seguinte forma:

“Quando leem, os bons leitores ativam a parte posterior do cérebro e também, até certo ponto, a parte anterior. Ao contrário, os leitores disléxicos demonstram uma falha no sistema: a subativação de caminhos neurais na parte posterior do cérebro. Conseqüentemente, eles têm problemas iniciais ao analisar as palavras e ao transformar as letras em sons e, mesmo quando amadurecem, continuam a ler lentamente e sem fluência.”

Para um leitor-padrão, a leitura é um processo fácil e rápido, enquanto para um disléxico esse é um processo bastante difícil.

Segundo alguns estudos realizados a partir das imagens cerebrais, podemos referir a existência de dois caminhos neurais para a leitura.

O primeiro é aquele que se aplica a quem está a começar a ler e, por isso, o processo de verbalização é lento.

O segundo é para aqueles que já leem bem. Estes leitores ativam a região posterior e anterior do hemisfério cerebral esquerdo.

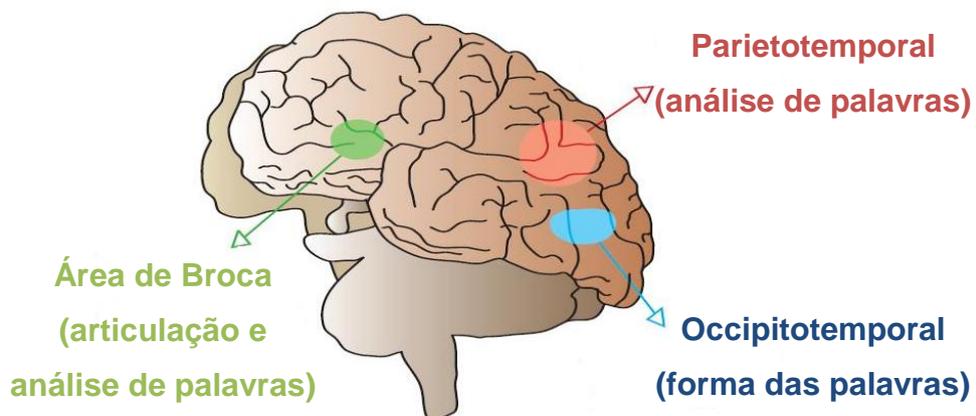


Figura 6 Localização dos sistemas cerebrais para a leitura.

A leitura processa-se de acordo com a ativação dos lobos occipitotemporal, que analisa a forma das palavras, a transformação dos grafemas em fonemas que ocorre na área de Broca e, por fim, o leitor atribui um significado à palavra, processo este que ocorre nos lobos parietotemporal.

O leitor que está a começar a ler analisa primeiro a palavra, dividindo-a em sílabas, fazendo a correspondência entre letras e sons, pelo que este usa o sistema parietotemporal.

O leitor experiente identifica rapidamente a palavra, por essa razão, podemos afirmar que este tipo de leitor ativa o sistema occipitotemporal.

Quando a criança aprende a ler, ela analisa e lê repetidamente uma palavra, criando um modelo segundo as regras de ortografia, pronuncia e significado. Posteriormente, esta palavra é depositada no sistema occipitotemporal e sempre que a criança visualiza a palavra, sabe de forma instantânea como se lê e o que significa. Este é um processo automático.

Pela realização deste tipo de estudos, foi possível perceber os caminhos neurais para a leitura ativados pelos leitores disléxicos.

Enquanto que o leitor-padrão ativa sempre a parte posterior do cérebro independentemente da idade, isso não se verifica com o leitor disléxico.

Uma criança disléxica ativa as regiões frontais e quando chega à adolescência adquire um “padrão de superativação” da área de Broca.

Os leitores disléxicos ativam a parte frontal do cérebro para compensar a dificuldade da parte posterior.

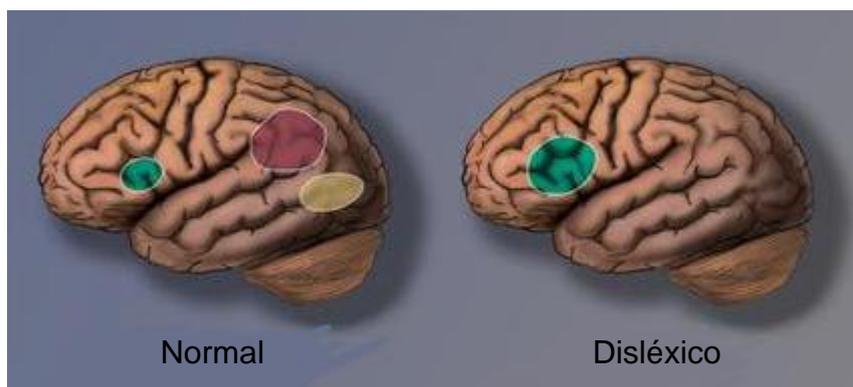


Figura 7 A marca neural da Dislexia. (Fonte: Shaywitz, 2006:74).

Muitos leitores disléxicos subvocalizam as palavras por forma a compensar as suas dificuldades ao nível da leitura, pois deste modo podem “visualizar mentalmente” a estrutura da palavra e reproduzi-la através da leitura. É evidente que este processo é mais lento, mas é eficaz.

Os disléxicos utilizam sistemas de leitura compensatórios. De acordo com a imagem cerebral de um disléxico podemos observar que o sistema posterior do hemisfério esquerdo do cérebro não funciona para a leitura. Assim, o disléxico utiliza um caminho neural alternativo para a leitura que compreende a “superativação” da área de Broca e outros sistemas auxiliares de leitura que se localizam na parte anterior do hemisfério direito. Todavia, este é um processo bastante lento.

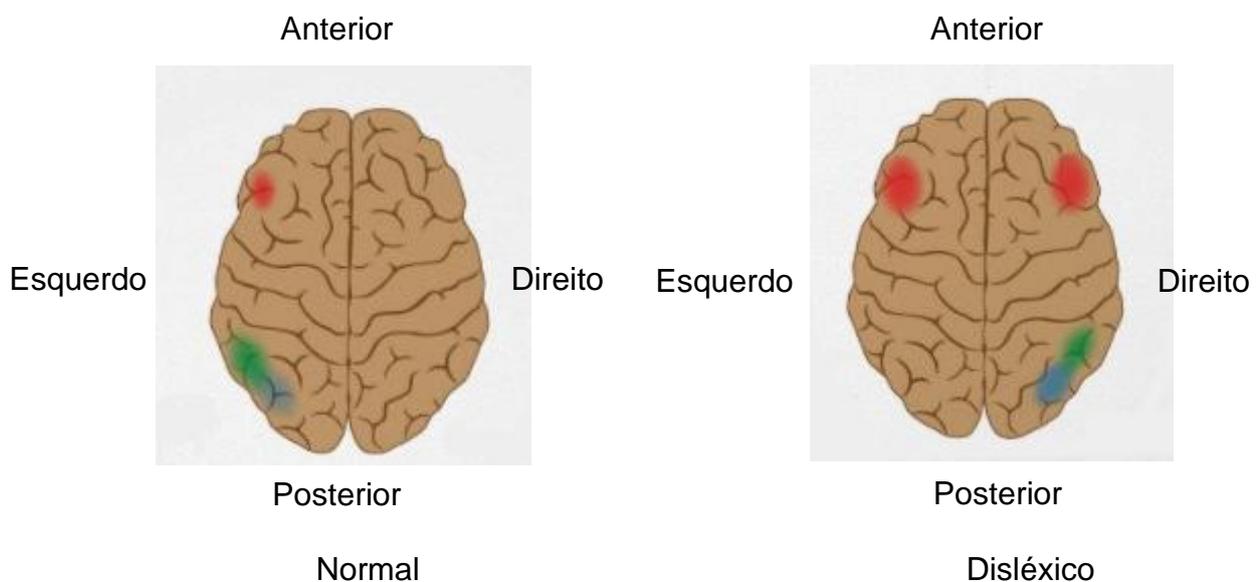


Figura 8 Os sistemas neurais usados na leitura.

Coloca-se então a questão: será que o leitor disléxico pode melhorar a sua competência leitora através de um programa interventivo?

Shaywitz realizou um estudo nesse sentido que consistia num programa experimental de leitura com duração de um ano para crianças com dificuldades ao nível da leitura.

As imagens cerebrais revelaram que:

“os caminhos auxiliares do lado direito eram muito mais proeminentes, como, mais do que isso, havia um desenvolvimento maior dos sistemas neurais principais do lado esquerdo”. Shaywitz (2006:76)

Concluimos então que uma criança disléxica pode melhorar a sua competência leitora se for sujeita a uma intervenção precoce através de um programa de leitura eficaz, podendo tornar-se assim uma boa leitora.

No próximo capítulo abordaremos outros fatores que podem condicionar a aprendizagem da leitura e da escrita como sejam os fatores psicoafectivos.

CAPÍTULO II - FATORES PSICOAFECTIVOS

A PSICOAFETIVIDADE

Ao longo dos anos, diversos autores estudaram o desenvolvimento do indivíduo segundo os modelos psicanalítico, cognitivo, comportamental, psicobiológico, sociológico e antropológico.

Desde o nascimento o ser humano desenvolve os seus desejos, os seus sentimentos de acordo com as suas características.

A psicoafetividade engloba a socialização, as interações pessoais e a aprendizagem. Esta representa uma estrutura do ser humano que se constrói a partir da base biopsicossocial, que se inicia logo no momento do nascimento e que se desenvolve ao longo de toda a sua existência.

A família e os professores desempenham um papel fundamental no desenvolvimento psicoafectivo da criança. Nesse sentido, importa-nos conhecer as teorias de Piaget, Vygotsky e Wallon sobre a influência dos aspetos socioafetivos na aprendizagem.

Para o psicólogo suíço Piaget, a criança deixa a fase do egocentrismo a partir das suas vivências e é a partir das interações que estabelece com os outros que define a noção do Eu e do Outro. Segundo a teoria piagetiana, a afetividade funciona como o motor das ações humanas, ou seja, a qualidade da relação afetiva estabelecida entre a criança e os pais vai condicionar a formação da consciência e dos sentimentos morais da criança. É na família que a criança realiza as primeiras vivências afetivas e adquire as primeiras aprendizagens.

Segundo Piaget e Inhelder (1990:109):

“A afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia a sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais, e os sentimentos morais [...] evoluem no sentido de um respeito mútuo e de sua reciprocidade, cujos efeitos de descentração em nossa sociedade são mais profundos e duráveis.”

É através das interações familiares que a criança forma os seus primeiros valores morais. A psicoafetividade está presente em todos os estágios do desenvolvimento descritos por Piaget. No estágio sensório-motor, a psicoafetividade ocorre à medida que a criança supera a fase egocêntrica e passa a interagir com o Outro. No estágio pré-operatório, dá-se uma revolução ao nível psicoafectivo, pois a simbolização, a linguagem e o desenvolvimento mental agora adquiridos vão facilitar o estabelecimento de novas interações, novas relações. A criança desenvolve uma personalidade individual no estágio concreto, o que lhe permitirá constituir novas relações interindividuais promotoras de trocas psicoafectivas e cognitivas equilibradas. Aquando do estágio do pensamento formal, o último estágio de desenvolvimento, o adolescente já formou o seu carácter, os seus valores, o seu pensamento. Estas características vão possibilitar novas interações psicoafectivas.

Outra teoria refere que é a qualidade das experiências interpessoais e das relações que vão determinar o desenvolvimento da criança, inclusive o desenvolvimento psicoafectivo. Esta teoria é suportada pelo educador e psicólogo russo Lev Vygotsky.

De acordo com Vygotsky citado por Arantes (2003:18-19):

“Quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo [...] A vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral.”

Pelo exposto percebemos que o ser humano deve ser entendido como um todo em que os diversos planos: cultural, físico, cognitivo e afetivo interferem na forma como o ser humano passa a perceber o mundo que o rodeia.

Para o médico francês Henry Wallon, a psicoafetividade e a inteligência estão interligadas, sendo que a psicoafetividade comanda o ato motor numa primeira fase da vida. Segundo esta teoria, o movimento ajuda a estruturar o pensamento e a estabelecer relações de afetividade à medida que interage com o Outro.

Dos três modelos teóricos apresentados, inferimos que os aspectos psicoafetivos e cognitivos estão interligados no que concerne o desenvolvimento e a aprendizagem de um ser humano.

Apurámos que é fundamental conhecer o desenvolvimento psicoafetivo da criança para percebê-la, melhorar e ampliar as suas interações

A psicoafetividade deve debruçar-se sobre três aspectos específicos, a saber: biológico, cognitivo e social. Estes aspectos são interdependentes e qualquer desequilíbrio pode comprometer o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. É necessário que a criança saiba identificar e exprimir sentimentos, controle os seus impulsos e seja capaz de reagir perante as frustrações.

O desenvolvimento da psicoafetividade da criança ocorre durante a infância, pelo que os primeiros vínculos que estabelece são determinantes. Assim, tanto os familiares mais próximos como os professores têm um papel fulcral no desenvolvimento psicoafetivo da criança.

A psicoafetividade é um processo individual no sentido de que cada pessoa se desenvolve de acordo com um ritmo próprio. Este desenvolvimento depende ainda de fatores genéticos, características de personalidade, contexto social e cultural.

Esta deve integrar todas as funções do ser humano, dentre as quais destacamos:

- Corporal – relaciona-se com a formação dos órgãos, cujo processo se inicia com o momento da fecundação, com o desenvolvimento físico e neuromotor da criança.
- Comunicativa – compreende o processo de aquisição e produção da linguagem expressiva e compreensiva.
- Cognitiva – abrange a aquisição de conhecimentos e a sua organização lógica ao nível do pensamento.
- Social – compreende o estabelecimento de vínculos (primeiro o vínculo materno e depois os vínculos sociais), formação de relações de interação com o Outro, constituição de valores e normas socialmente aceites.

As funções acima descritas culminam na busca de reconhecimento e aceitação por parte do Outro, formação da sua personalidade, identidade e caráter.

A construção da psicoafetividade de um ser humano começa logo nos primeiros meses de vida de um bebê. É nesta fase que o bebê estabelece os seus primeiros vínculos afetivos, que serão determinantes para o seu desenvolvimento harmonioso. Se os primeiros vínculos afetivos forem estabelecidos com êxito, a criança sentir-se-á mais confiante e segura para progredir quer na aquisição de novos conhecimentos, quer no estabelecimento de novos vínculos.

Segundo Weiss e Cruz (2001) citado por Glat (2007:67):

“O sujeito que aprende, que está em processo de construção de seu conhecimento, em aprendizagem formal e informal, não é determinado somente pelo seu potencial cognitivo. Ele é constituído na articulação entre seu aparelho biológico, suas estruturas psicoafectiva e psicocognitiva, nas interações com o meio social do qual faz parte e onde está inserido.

Entendendo o sujeito aprendente dessa forma, compreendemos suas dificuldades (perturbações, problemas de aprendizagem, fracasso escolar), dentro da pluricausalidade dos fenómenos (...).”

Para que o processo de ensino-aprendizagem tenha sucesso é preciso que as condições biológicas, psicoafectivas, sociais e psicocognitivas estejam em consonância com as condições que a família e a escola proporcionam ao sujeito.

É de suma importância que a criança se desenvolva num ambiente equilibrado, que não lhe provoque qualquer contrariedade a nível psicoafectivo. Logo, os primeiros vínculos parentais, em especial a relação mãe-bebê, devem ser estruturados e promotores de confiança e autoestima. O desenvolvimento psicoafectivo depende da qualidade dos estímulos que lhe são proporcionados, estímulos esses que devem satisfazer as suas necessidades básicas de afeto. Caso tal não aconteça, a criança pode não adquirir, ou pode adquirir tardiamente e de forma distorcida, conceitos vitais na aprendizagem, como sejam a simbolização, a estruturação do Eu, construção e manutenção de relações com o Outro, reação perante o fracasso e a frustração de vontades. Se uma criança vivencia constantemente situações que lhe provocam ansiedade e angústia,

certamente estará mais apreensiva quanto à organização e produção de respostas seja em contexto familiar, social ou escolar.

Podemos concluir que a psicoafetividade está relacionada com a qualidade das primeiras relações que a criança estabelece e abrange o ser biológico, o ser cognitivo e o ser social.

Importa-nos agora saber de que forma os fatores psicoafectivos podem interferir no processo de ensino-aprendizagem e é sobre esse assunto que refletiremos na secção seguinte.

A INFLUÊNCIA DOS FATORES PSICOAFECTIVOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

No domínio da psicoafetividade interessa-nos sobretudo perceber de que forma as perturbações psicoafectivas de uma criança podem afetar a aprendizagem.

De acordo com Serrano (2001) citado por Massi (2007:37):

“ (...) os transtornos de aprendizagem podem estar associados a três sintomas psicopatológicos: a síndrome depressiva, aos estados de ansiedade e aos transtornos comportamentais.”

A síndrome depressiva perturba e reduz a capacidade de atenção e concentração da criança e o prazer que a criança tem em aprender é também ele reduzido.

Os estados de ansiedade que a criança vivencia pelo medo que tem de errar ao nível das suas aprendizagens têm implicações negativas na sua capacidade de atenção e memória.

Os transtornos comportamentais estão muitas vezes associados a comportamentos antissociais e a dificuldades de aprendizagem.

Segundo Serrano (2001) citado por Massi (2007:38):

“ (...) a criança disléxica mostra-se impulsiva e se enfurece com facilidade, manifestando pouca capacidade para lidar com limites e frustrações.”

Assim, podemos depreender que a criança disléxica apresenta dificuldades em lidar com situações problemáticas que possam surgir nos diversos contextos em que está inserida, seja na família, seja na escola. Todavia, é preciso que todos nós reflitamos sobre a origem destas atitudes, dado que podem ser uma forma de reação da criança perante a atitude da família ou dos seus educadores/professores, dado que não raro atribuem as dificuldades de aprendizagem da criança à falta de estudo.

Dessa forma, os transtornos comportamentais estão intimamente relacionados com a dislexia. Muito embora não sejam fatores que determinam esta dificuldade de aprendizagem específica, são o resultado da dislexia. Por essa razão, o professor deve abordar a aquisição da leitura e da escrita tendo em conta a criança no seu todo, atribuindo um especial enfoque à psicoafetividade, ou seja, deve ter em conta o contexto social do aluno, a personalidade deste, a família e o grupo/turma.

Podemos então sintetizar que os fatores psicoafectivos que influenciam o processo de ensino-aprendizagem são aqueles que estão relacionados com os três domínios da vida da criança, ou seja:

- Criança – nomeadamente problemas físicos, transtornos psiquiátricos e patologias neurológicas.
- Família – particularmente a escolaridade dos pais, os hábitos de leitura na família, as condições socioeconómicas, tipologia da família, hábitos de estudo, tipo de alimentação, seleção de visitas a espaços culturais e de lazer e o tempo e qualidade do sono;
- Escola – designadamente as condições físicas da sala de aula, as condições pedagógicas e coesão do corpo docente.

A primeira ligação emocional que uma criança estabelece é com a mãe, depois com o pai e em seguida alarga-se à família. É através da família que a criança aprende a socializar e a interagir emocionalmente.

À medida que vai crescendo, a criança começa a conviver e a estabelecer relações fora do círculo familiar, sendo que a partir desse momento, também estas vão influenciar o seu modo de socializar.

O vínculo emocional que a criança cria com a sua família será preponderante para uma vida segura e feliz. Assim, os pais devem ter uma parte ativa e determinante em acompanhar os seus filhos a nível emocional e a nível escolar. Tudo isto é tanto mais importante para uma criança disléxica. Se os pais estiverem a acompanhar o processo de ensino-aprendizagem do seu filho estarão mais atentos às dificuldades que a criança apresenta e poderão colocar em prática estratégias de intervenção em dislexia que poderão auxiliar a criança a alcançar o êxito escolar. Pelo facto de sentir o interesse e a implicação dos pais na sua aprendizagem, a criança sentir-se-á mais confiante e apoiada, o que por sua vez fará com que o seu desempenho escolar seja mais satisfatório e a nível emocional será mais equilibrada.

A partir do momento em que os pais recebem o diagnóstico de dislexia a sua realidade muda completamente, lidam com sentimentos de insegurança e medo, acompanhados muitas vezes por total desconhecimento do que é a dislexia. A principal preocupação dos pais de uma criança disléxica é conseguir dar uma educação de qualidade e estabilidade emocional. Por esta razão, estes são dos pais que mais investem na educação dos filhos. Uma criança disléxica é capaz de aprender, apenas necessita de outro tipo de estratégias/atividades estruturadas de acordo com as suas dificuldades que lhe permitam o acesso ao saber.

Se por um lado é crucial o apoio que os pais dão aos seus filhos também é muito importante que os pais recebam apoio. Isto porque não é fácil para um pai aceitar que o seu filho não corresponde totalmente ao filho desejado e idealizado. Existem pais que enfrentam a situação, mas existem outros que não conseguem aceitar que o seu filho tem dificuldades de aprendizagem específicas.

Kathleen citando Leonard Hartwig, pai de uma criança disléxica, (2003:24) enumera cinco estádios *“que os pais podem atravessar, após lhes ser dito que o seu filho é disléxico”*:

1. Negação: *“Deve ser engano, o meu filho não.”*
2. Raiva: *“Porque é que isto tinha de me acontecer a mim?”*
3. Depressão: *“O meu filho não é normal.”*

4. *Aceitação: "Aceitar o facto, procurar ajuda, ajudar."*
5. *Esperança: "O meu filho pode aprender e vai aprender."*

A forma de reagir dos pais poderá ser uma barreira ou um facilitador com vista à recuperação da criança disléxica. A atitude correta para estes pais é aquela que transmite confiança e esperança à criança. Os pais devem elogiar a criança por aquilo que ela é capaz de fazer, atribuindo um especial enfoque às suas capacidades e talentos e proporcionando uma série de atividades que lhe permitam alcançar o sucesso escolar. Estas medidas quando adotadas produzem bons frutos, no sentido de que fortalecem a autoestima, dão-lhe segurança e equilíbrio emocional.

O que acontece em muitos casos é que os pais pensam que se o filho tem dificuldades de aprendizagem específicas devem protegê-lo, ou melhor superprotegê-lo. Antes pelo contrário, uma criança que apresenta dificuldades de aprendizagem específicas não tem défice cognitivo e apresenta uma capacidade acima da média em algumas áreas. Desta forma, os pais devem proteger de forma "moderada", como fariam com qualquer outro filho, pois só assim permitirão que a criança se torne mais confiante e mais segura de si e daquilo que é capaz de alcançar.

Uma criança disléxica é alguém com uma dificuldade de aprendizagem específica, mas é também uma criança muito inteligente e com outros talentos.

Em certas alturas, é provável que existam sentimentos de retrocesso, de insegurança e de frustração. Todavia, é em alturas como essas que os pais devem ter uma atitude de persistência que sirva de modelo para o seu filho.

Um outro motor na socialização de uma criança é a escola. Cabe à escola promover a integração da criança junto dos seus pares e na sociedade em geral.

Geralmente, é com a entrada na escola e com a aprendizagem da leitura e da escrita que o professor deteta os primeiros sinais de que a criança tem dificuldades. Nesta fase, o professor do 1º Ciclo deve estar atento à forma como esta criança lê e escreve e deve realizar testes de leitura e escrita informais. Se verificar que a criança apresenta dificuldades

nestas áreas, deve encaminhá-la para os serviços competentes e no caso de a dislexia ser confirmada, o professor do 1º Ciclo deve estar preparado para intervir pedagogicamente junto da criança. Esta intervenção pedagógica deve ser organizada e pensada de acordo com as necessidades do aluno, para que este seja capaz de ultrapassar as suas dificuldades. Para que tal aconteça, o professor terá que realizar adaptações curriculares, criar novas estratégias de ensino que permitam ao aluno adquirir novos conhecimentos.

Para uma criança disléxica, não raro o período escolar representa uma fase menos positiva nas suas vidas. Isto dá-se porque a criança tem que realizar tarefas como ler e escrever, tarefas essas que levam a criança a sentir-se desmotivada e insegura, pois não consegue realizar essas tarefas como o resto da turma.

Um professor, no verdadeiro sentido da palavra, quer ensinar *todos* os seus alunos, mesmo os seus alunos disléxicos. Para tal, tem que fazer alterações curriculares mas também tem que construir uma relação emocional que propicie ao aluno disléxico um clima favorável à aprendizagem e que aumente a sua autoestima. É um facto que uma criança que esteja bem em sentido emocional estará mais predisposta a aprender.

O professor deve ter consciência de que a criança disléxica precisa de mais tempo para realizar as tarefas, as instruções que dá devem ser claras e concisas e deve elogiar a criança por aquilo que ela é capaz de fazer. O docente que tem à sua responsabilidade o ensino de uma criança com dificuldades de aprendizagem específicas deve utilizar uma metodologia multissensorial e o ambiente escolar deve ser estruturado e ordenado para que a criança esteja mais concentrada.

Quer seja na família, quer seja na escola, estas crianças lidam com situações desafiadoras mas que ajudam a desenvolver o seu lado emocional.

A família e a escola que preconizamos é aquela em que a criança se sente amada e respeitada. Esta ligação psicoafectiva traduzir-se-á numa maior autonomia, confiança e mais vontade de aprender.

O próximo capítulo abordará de que forma a psicoafetividade está implicada na Dislexia.

CAPÍTULO III - IMPLICAÇÃO DA PSICOAFETIVIDADE NA DISLEXIA

A aprendizagem depende das capacidades cognitivas da criança, mas depende também das capacidades psicoafectivas.

As primeiras relações afetivas que a criança constrói devem ser bem estabelecidas, com um quadro relacional bem definido.

Se por um lado, podemos referir que as dificuldades específicas de aprendizagem podem causar problemas psicoafectivos mas, por outro lado, também podemos mencionar que os problemas psicoafectivos podem estar na origem das dificuldades específicas de aprendizagem.

Em muitos casos os problemas emocionais que condicionam a aprendizagem resultam de inibições, repressões, projeções dos pais, ansiedade e fobias. Todos estes conflitos psicoafectivos interferem de uma forma preponderante no processo de simbolização e de representação de si próprio e do Outro, na organização do pensamento e, conseqüentemente, na aquisição de competências académicas.

Segundo a opinião de Fonseca (1995) citado em Bartholomeu (2004), uma criança com dificuldades de aprendizagem que tenha problemas emocionais apresenta “(...) *sinais de regressões, oposições, narcisismos e negativismos.*”

Outras características que podem ser ressaltadas segundo Bartholomeu (2004) são “impulsividade e perseveração, falta de controlo, de avaliação crítica, de discernimento, de perceção social, de cooperação, de aceitação e de prudência.”

Podemos assim inferir que uma criança disléxica com problemas psicoafectivos apresenta dificuldades em manter a atenção, demonstra comportamentos hiperativos, falta de autocontrolo, baixa autoestima, entre outros.

Se uma criança vivenciar situações de instabilidade emocional como as atrás mencionadas, com toda a certeza vai desenvolver comportamentos agressivos e destrutivos ao invés de desenvolver capacidades próprias para a sua faixa etária, tais como brincar e socializar.

Para um diagnóstico de dificuldades específicas de aprendizagem, como é o caso da Dislexia, importa conhecer os fatores psicológicos e afetivos da criança, como ela vê os pais e a escola e como a criança é vista pelos pais.

No caso de um aluno disléxico, os pais devem ter uma atenção redobrada, pois as dificuldades ao nível psicoafectivo podem ser a causa do problema.

Uma família com uma criança com necessidades educativas especiais enfrenta uma situação desafiadora que condiciona as vivências familiares que podem culminar em ansiedade e frustração.

Aquando do diagnóstico de Dislexia, os pais passam por uma fase de angústia e incerteza, na expectativa do que o futuro reserva para o seu filho.

Todavia, é neste momento que os pais precisam criar condições emocionais para o seu filho e precisam envolver-se neste processo, junto com uma equipa de especialistas, para que possam traçar um plano de intervenção ajustado e assertivo.

Os pais precisam ter a noção de que uma criança disléxica é capaz de aprender, apenas tem que encontrar uma estratégia diferente da das outras crianças que lhe permita aceder ao conhecimento.

Se os pais se empenharem na educação do seu educando e pedirem ajuda quando tal for necessário, a criança sentir-se-á apoiada e isso refletir-se-á na sua estabilidade psicoafectiva.

Os pais devem elogiar as qualidades e as capacidades que a criança possui. Dessa forma, os pais estarão a dar-lhe a segurança e atenção de que necessita para evoluir.

Uma criança disléxica não deve ser superprotegida pois isso impede-a de crescer a nível psicoafectivo e de se tornar mais segura, mais autoconfiante e mais independente.

A criança deve ser incentivada a realizar atividades que sejam do seu interesse para que se sinta mais motivada.

A fim de que a criança disléxica tenha um desenvolvimento favorável é imprescindível que viva num ambiente calmo, que lhe transmita uma sensação de confiança e segurança e que se sinta plenamente apoiada pelos seus pais.

É certo que uma criança disléxica apresenta dificuldades na sua aprendizagem, dificuldades ao nível da atenção e da memória, mas há algo pior que se abate sobre estas crianças. É a discriminação por parte dos colegas e, não raro, até mesmo dos seus professores.

Em contexto escolar, muitas vezes, uma criança disléxica é vítima de rótulos e preconceitos porque não se adequa ao ideal de aluno preconizado, um aluno sem dificuldades de aprendizagem. Isto acontece porque muitas vezes os alunos disléxicos são encarados como menos capazes e menos inteligentes do que os outros alunos.

Estes alunos são vistos por colegas e professores como incapazes, como “*diminuídos intelectualmente*”. Este conceito é, muitas das vezes, interiorizado pela criança. Tal facto, impede-a de querer aprender e obter sucesso escolar, porque já está derrotada à partida.

Esta situação leva a criança disléxica a ter uma baixa autoestima, um baixo autoconceito o que condicionará o seu processo de ensino-aprendizagem.

Para que a criança seja capaz de ultrapassar estes sentimentos, o professor “*capaz*” deve criar estratégias que lhe permitam obter sucesso e aumentar a sua autoestima e a sua confiança.

Os professores devem elogiar a criança disléxica, dar especial enfoque às suas capacidades e reforçar as áreas de realização que se encontram mais deficitárias através da organização de um plano de intervenção estruturado e a aplicação do mesmo de forma sistemática.

Com o intuito de minimizar os danos causados pelo rótulo da Dislexia e da discriminação, o professor deve explicar às outras crianças em que consiste a Dislexia.

O ambiente escolar é outro fator decisivo no processo de ensino-aprendizagem de uma criança disléxica. Este deve ser estruturado e ordenado.

O professor deve estar atento e verificar se a criança compreende as instruções ou informações que está a receber, visto que se não perceber terá dificuldades em manter a atenção.

Por causa da Dislexia, algumas crianças simplesmente isolam-se e esse é um aspeto que tanto pais como professores devem estar atentos. De acordo com Selikowitz (2001) *“Elas podem evitar contacto com indivíduos que não sejam da sua família. Este comportamento pode ser uma manifestação da falta de habilidade social ou de depressão.”*

Por esta razão, é fundamental que uma criança disléxica seja acompanhada por uma equipa multidisciplinar que deverá incluir um psicólogo.

Podemos inferir que uma criança disléxica enfrenta mais desafios que uma criança sem qualquer necessidade educativa especial, seja a nível cognitivo, seja a nível psicoafectivo.

O aluno disléxico tem que enfrentar os rótulos, a discriminação e lidar com sentimentos de rejeição, insegurança e baixo nível de autoestima, fatores esses que condicionam o seu sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Para atingir o sucesso, esta criança necessita de uma equipa multidisciplinar coesa que o auxilie a superar as suas angústias, os obstáculos cognitivos e psicoafectivos que a Dislexia lhe causa e que condicionam o seu presente e futuro.

ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

CAPÍTULO I - CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

DEFINIÇÃO DA PERGUNTA DE PARTIDA E OBJETIVOS DE ESTUDO

Após a conclusão do enquadramento teórico que fundamenta este projeto de investigação, pretendemos abordar, neste capítulo, a problemática em questão, apresentar a pergunta de partida e as suas variáveis assim como os objetivos que pretendemos atingir com este trabalho.

A definição da problemática deste projeto advém da necessidade de compreender mais e melhor a Dislexia e também como esta interfere no desenvolvimento psicoafectivo de um ser humano durante a passagem pelo sistema educativo.

Neste sentido, a pergunta de partida deste projeto de investigação é:

Em que medida os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico?

Desta forma, um dos nossos objetivos de estudo é compreender se os fatores psicoafectivos condicionam a aprendizagem de um aluno disléxico, analisar os fatores que tem maior impacto na aprendizagem, preconizando uma reflexão sobre esta problemática.

Um outro objetivo de estudo é perceber de que forma os fatores psicoafectivos podem condicionar as relações quer a nível escolar, quer a nível familiar.

Após a definição da pergunta de partida e dos objetivos de estudo, segue-se a construção de hipóteses.

De acordo com Bell (1993) citado por Quivy & Campenhoudt (2005: 35), a hipótese é:

“... uma proposição hipotética que será sujeita a verificação ao longo da investigação subsequente. Pode também ser vista como um guia para o investigador, na medida em que representa e descreve o método a ser seguido no estudo do problema. Em muitos casos, as hipóteses são palpites que o investigador possui sobre a existência de relações entre variáveis.”

Assim, podemos inferir que a hipótese é uma resposta à problemática em investigação, no sentido de que apresenta uma explicação para os factos. Neste contexto, formulamos as seguintes hipóteses:

- Os alunos disléxicos apresentam uma baixa autoestima em função dos resultados escolares.
- Os alunos disléxicos não se sentem apoiados pelo sistema educativo.
- Os alunos disléxicos sentem-se apoiados pelos parentes mais próximos.

DEFINIÇÃO E CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Para a realização de um projeto de investigação, é necessária a existência de uma amostra ou população, porque de acordo com Quivy e Campenhoudt (2005) a população é encarada como sendo “o conjunto de elementos constituintes de um todo”.

A amostra que serve de referência a este projeto de investigação é composta por quatro adultos disléxicos e pelos quatro pais destes.

Esta amostra, que foi escolhida tendo em conta os objetivos deste projeto, procura demonstrar a influência que a psicoafetividade adquire no processo de ensino-aprendizagem de uma criança disléxica.

CAPÍTULO II - OPÇÕES METODOLÓGICAS

OPÇÕES GERAIS

O presente trabalho de investigação será suportado por uma metodologia do tipo qualitativa que possibilitará obter um conhecimento mais aprofundado sobre a Dislexia e responder às questões formuladas.

Todo o trabalho de pesquisa deve ser fruto de reflexão, de planeamento para que o seu objetivo seja alcançado.

Assim e de acordo com Marconi e Lakatos (2002: 22, 23) o planeamento da pesquisa deve compreender os seguintes aspetos:

- ✓ *“Preparação da Pesquisa:*
 1. *Decisão.*
 2. *Especificação dos objetivos.*
 3. *Elaboração de um esquema.*
 4. *Constituição da equipe de trabalho.*
 5. *Levantamento de recursos e cronograma.*
- ✓ *Fases da Pesquisa:*
 1. *Escolha do tema.*
 2. *Levantamento de dados.*
 3. *Formulação do problema.*
 4. *Definição dos termos.*
 5. *Construção de hipóteses.*
 6. *Indicação de variáveis.*
 7. *Delimitação de pesquisa.*
 8. *Amostragem.*
 9. *Seleção de métodos e técnicas.*
 10. *Organização do instrumental de observação.*
 11. *Teste dos instrumentos e procedimentos.*

- ✓ *Execução da Pesquisa:*
 1. *Coleta de dados.*
 2. *Elaboração dos dados.*
 3. *Análise e interpretação dos dados.*
 4. *Representação dos dados.*
 5. *Conclusões.*
- ✓ *Relatório de Pesquisa.”*

Com base nestas informações, organizei o seguinte cronograma para o desenvolvimento deste projeto de investigação.

DATAS	TAREFAS
	Elaboração do Projeto e das suas partes: <ul style="list-style-type: none"> - Formulação da pergunta de partida - Pesquisa bibliográfica sobre a temática em estudo - Definição dos objetivos gerais e específicos - Elaboração da introdução do Projeto
Fevereiro	Construção do quadro concetual do Projeto Definição e desenvolvimento da metodologia e técnicas de recolha de dados para a investigação Delimitação e identificação da amostra Elaboração do cronograma do Projeto Revisão teórica mais aprofundada
Março	Redação da parte teórica Construção/Elaboração dos instrumentos de recolha de dados Estabelecimento de contactos informais e programação do trabalho de campo
Abril	Realização do trabalho de campo, entrevistas e análise documental
Maiο	Análise de dados
Junho	Redação final Revisão e crítica detalhada dos textos parciais e da versão total do trabalho

	Eventuais reformulações
	Revisão Final
Julho	Entrega e apresentação da versão final

MÉTODOS E TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

Com o intuito de elaborar o enquadramento teórico, o método mais utilizado foi o da pesquisa bibliográfica. Pesquisamos sobre a Dislexia, a sua etiologia, tipologia, características, estratégias de intervenção, assim como sobre o funcionamento do cérebro de um disléxico no processo de leitura. Pesquisamos ainda sobre a Psicoafetividade e, por fim, sobre a implicação da psicoafetividade na Dislexia.

Após esta recolha de informação, passamos à elaboração de resenhas sobre os diversos temas pesquisados.

Nesta altura, colocava-se a questão sobre qual o método de trabalho mais adequado e que nos permitisse alcançar os objetivos pré-estabelecidos.

Atendendo à especificidade desta problemática e dos objetivos de estudo estabelecidos, selecionamos uma metodologia qualitativa, cujo método privilegiado é o estudo de caso.

Numa metodologia do tipo qualitativo o principal objetivo é interpretar o fenómeno que estamos a observar.

De acordo como as tipologias apresentadas por Yin (2005), este projeto de investigação assenta num estudo de caso múltiplo.

Segundo o mesmo autor, o estudo de caso é:

*“...uma investigação empírica que:
Investiga um fenómeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando,
Os limites entre o fenómeno e o contexto não são claramente evidentes.” (Yin, 2005: 39)*

A técnica de recolha de dados que utilizamos para o desenvolvimento deste projeto foi a entrevista.

Afonso (2005: 97) considera que:

“... a realização de entrevistas constitui uma das técnicas de recolha de dados mais frequentes na investigação naturalista, e consiste numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente, em situação de face a face ou por intermedio do telefone.”

Ainda segundo Quivy e Campenhoudt (2005), através do recurso à técnica da entrevista:

“... instaura-se assim, em principio, uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objetivos da investigação e permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade.”

As entrevistas podem ser estruturadas, não estruturadas ou semiestruturadas.

Para o nosso projeto, o tipo de entrevista que mais se adequa é a semiestruturada, onde a interação verbal entre entrevistado e entrevistador ocorre de acordo com um conjunto de questões cujo objetivo é organizar o discurso.

A entrevista deve ser bem planeada, o local e a hora devem ser marcados com a devida antecedência e os entrevistados devem conhecer o projeto de investigação e autorizar a realização da entrevista.

Assim, foi elaborado um guião a partir das questões de pesquisa e dos parâmetros em análise.

O guião de entrevista realizado quer para os disléxicos, quer para os seus pais (Anexo 1), é constituído por quatro partes: a primeira consiste na recolha de dados sobre o diagnóstico/intervenção, a segunda parte é sobre as implicações psicoafectivas a nível escolar, em terceiro lugar surgem as implicações psicoafectivas no contexto familiar e, por último, a recolha de dados pessoais sobre o entrevistado.

A primeira parte sobre o diagnóstico/intervenção é constituída por cinco questões (como soube e como reagiu perante o diagnóstico, quem

levantou a suspeita e quem realizou o diagnóstico e que idade tinha quando foi diagnosticado).

O segundo grupo de questões refere-se ao contexto escolar e é constituído por quatro questões relativas à aplicação de medidas educativas e na implicação da Dislexia a nível psicoafectivo.

A terceira parte abarca o contexto familiar e engloba duas questões relativas à forma como os pais lidavam com o desempenho escolar do seu educando e de que forma a Dislexia influenciou a relação familiar pais-filho.

O último grupo é composto por três questões que reúnem a informação pessoal como a idade, as habilitações académicas e a situação profissional.

MÉTODOS E TÉCNICAS DE TRATAMENTO DE DADOS

Antes de apresentar os métodos e as técnicas de recolha de dados, importa referir que as entrevistas foram realizadas nos dias e horas marcados e todos os entrevistados tiveram uma participação muito positiva e é de destacar a simpatia com que o projeto foi recebido por todos.

A partilha de experiências pelas quais passaram devido à Dislexia foi deveras enriquecedora e compensadora de todo e qualquer esforço devotado à realização deste projeto.

Para o tratamento de dados obtidos recorreremos à estatística descritiva.

Selecionamos este método dado que nos permite organizar os dados em tabelas e gráficos ilustrativos por recurso ao programa Microsoft Excel 2010.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este projeto de investigação inicia aqui um processo que levará ao seu término com a apresentação, análise e discussão dos resultados que culminará com a apresentação das considerações finais.

Neste capítulo pretendemos apresentar e analisar os resultados obtidos com a realização das entrevistas aos adultos disléxicos e aos seus pais.

A recolha de dados aconteceu de forma organizada. O método e o instrumento de recolha de dados demonstraram ser os mais adequados, pois permitiram obter uma resposta à pergunta de partida e às hipóteses apontadas.

A partir da análise das entrevistas pudemos inferir que a Dislexia condiciona quer a nível psicoafectivo, quer a nível académico a vida de um ser humano.

Pela análise da Figura 9 constatamos que em todos os casos foi o psicólogo quem transmitiu à criança que tinha Dislexia.

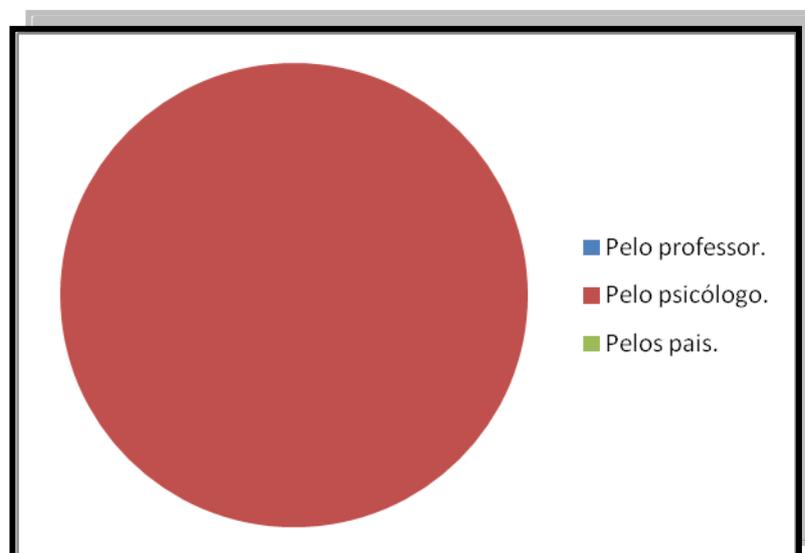


Figura 9 Detecção da Dislexia

Com os resultados obtidos na Figura 10, percebemos que, num primeiro momento, as crianças desconheciam o que era a Dislexia e, por isso, não tiveram qualquer reação adversa perante o diagnóstico.

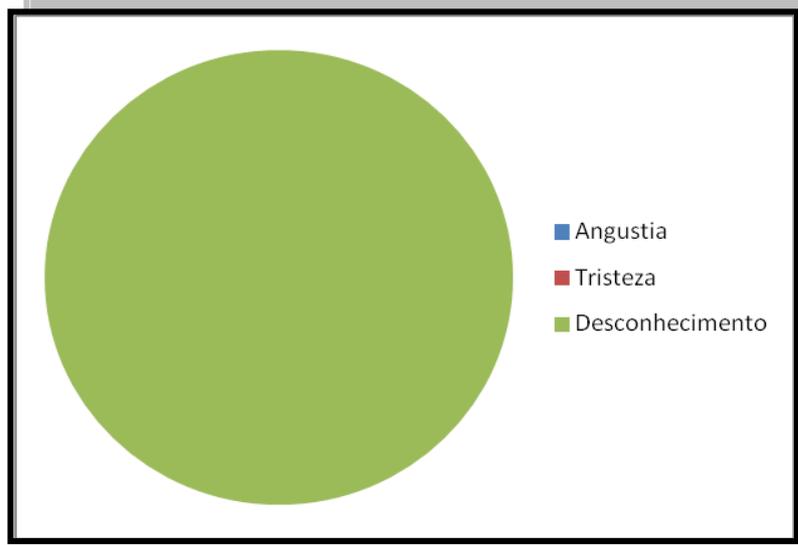


Figura 10 Primeira reação face à Dislexia

Quanto à questão “*Quem levantou a suspeita?*”, a Figura 11 mostra que em 50% dos casos foram os professores, 25% foram os psicólogos e os restantes 25% dos casos foi por amigos da família.

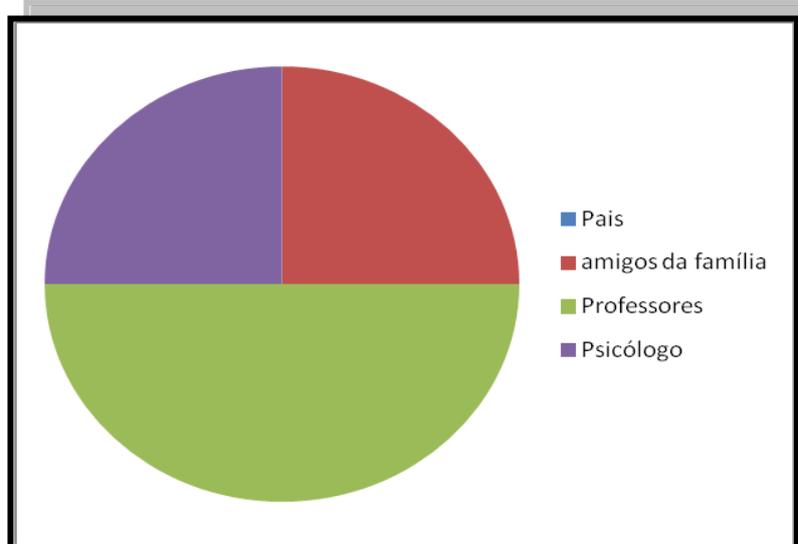


Figura 11 Quem levantou a suspeita

Relativamente à Figura 12, constatamos que em todos os casos o diagnóstico foi realizado pelo psicólogo.

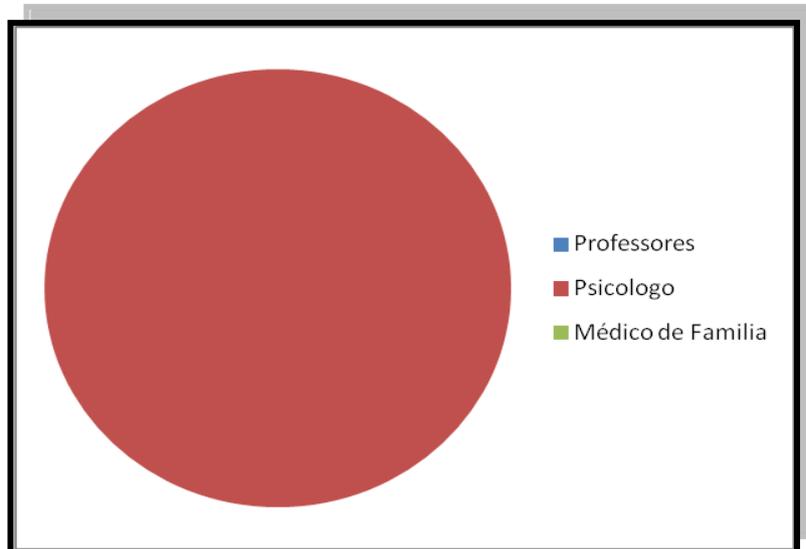


Figura 12 Quem efetuou o diagnóstico

Concernente à idade em que foi realizado o diagnóstico, pela análise da Figura 13, notamos que em 50% dos casos ocorreu aos 10 anos, 25% aos 8 anos e os restantes 25% aos 11 anos.

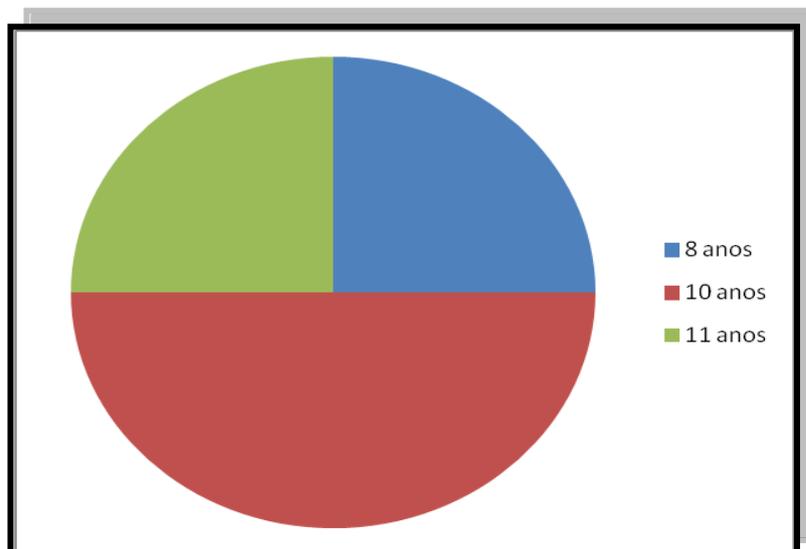


Figura 13 Com que idade foi realizado o diagnóstico

Pela análise da Figura 14 observamos que 50% dos casos beneficiaram de apoio educativo, sendo que os outros 50% não beneficiaram.

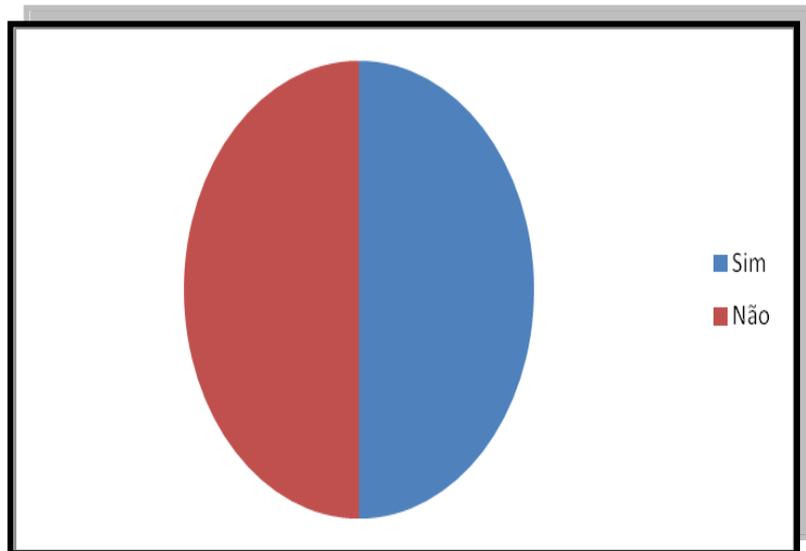


Figura 14 Apoio Educativo

A partir da análise da Figura 15, percebemos que 50% dos casos estudados obtiveram apoio educativo fora da escola e os restantes 50% obtiveram apoio educativo dentro e fora da escola.

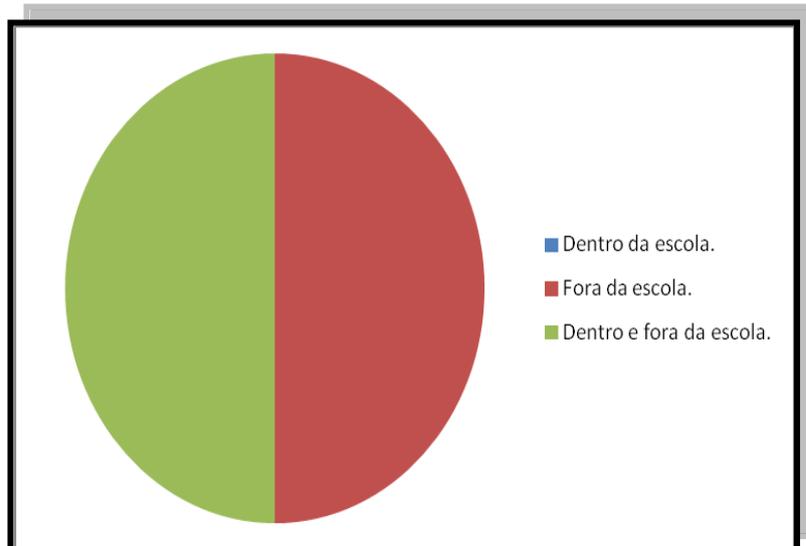


Figura 15 Local do Apoio Educativo

Quanto ao tipo de apoio educativo, as respostas divergiram bastante em todos os casos. Através da análise da Figura 16 constatamos que 25% relata que teve apoio com um psicoterapeuta no centro de saúde e aulas extra na escola, 25% relatam que apenas fizeram terapia com um psicólogo, outros 25% revelaram que fizeram terapia com um psicólogo e explicações individuais e os restantes 25% disseram que fizeram terapia com um Psicólogo e apoio educativo na escola.

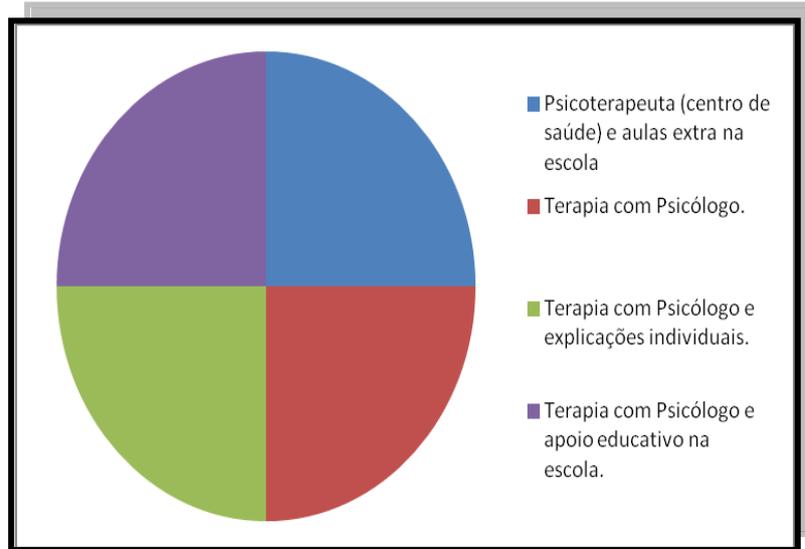


Figura 16 Tipo de Apoio Educativo

Relativamente ao acompanhamento especializado por um professor de Educação Especial, apenas 25% o obtiveram, sendo que 75% dos casos nunca tiveram apoio da Educação Especial.

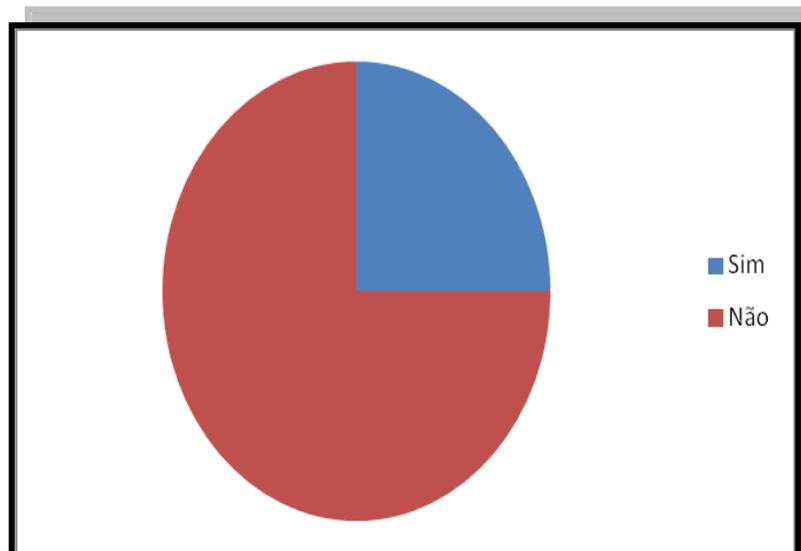


Figura 17 Educação Especial

Pela análise da Figura 18, constatamos que, quando foi disponibilizada a Educação Especial, esta aconteceu já numa fase tardia no ensino secundário, enquanto que os restantes 75% nunca receberam acompanhamento de Educação Especial.

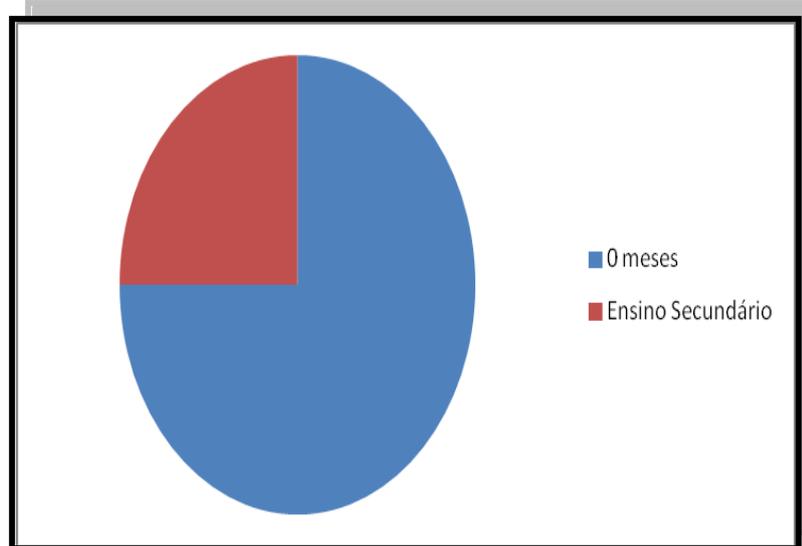


Figura 18 Duração da Educação Especial

Quanto à possibilidade de terem sido penalizados a nível académico por causa da Dislexia, as opiniões dividem-se, como podemos ver pela análise da Figura 19, ou seja 50% dizem que foram penalizados a nível académico por causa da Dislexia, enquanto que os 50% revelaram que não se sentiram penalizados a nível académico por causa da Dislexia.

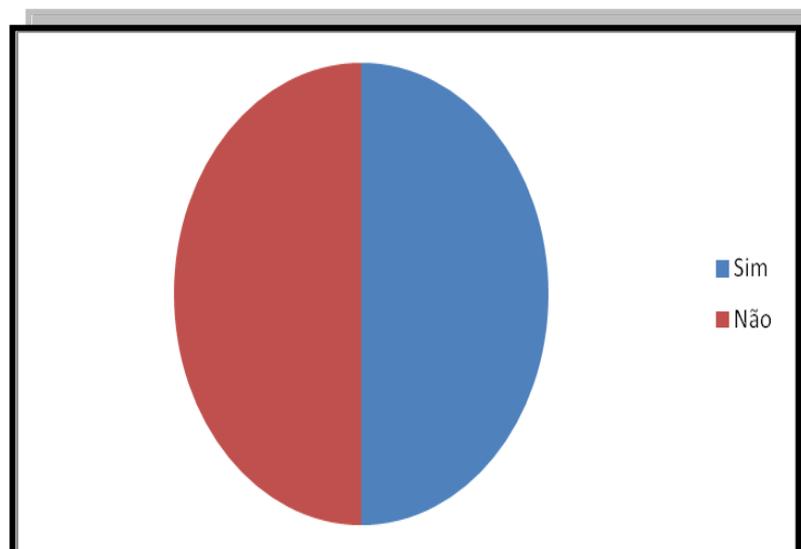


Figura 19 Penalização a nível académico

Concernente à questão “*Pensa que a Dislexia afetou a sua relação com os seus professores ou com os seus colegas?*”, apenas 25% revelaram que sim, enquanto que 75% não notaram qualquer alteração na relação professor-aluno ou aluno-aluno em virtude da Dislexia.

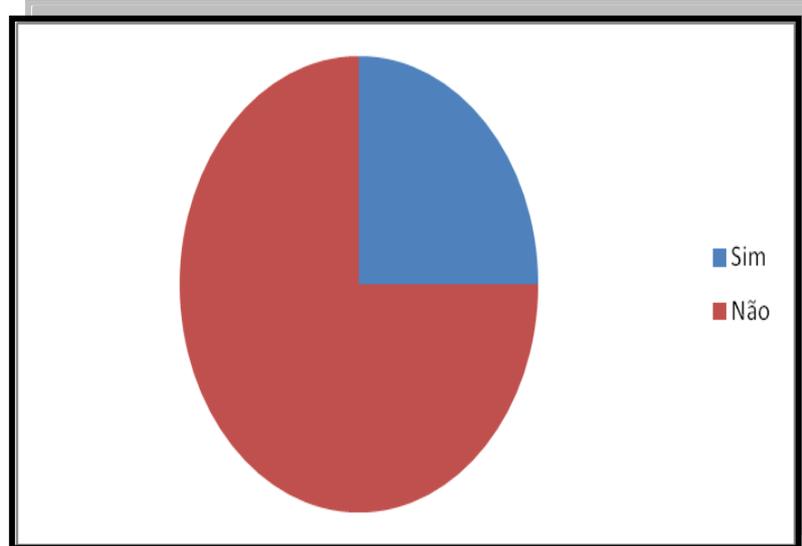


Figura 20 Relação do disléxico com os seus professores e colegas

A nível familiar, 50% dos casos estudados relataram que os pais lidavam bem com o seu desempenho escolar, 25% sentiram-se apoiados e 25% contaram que sentiam uma preocupação por parte dos pais.

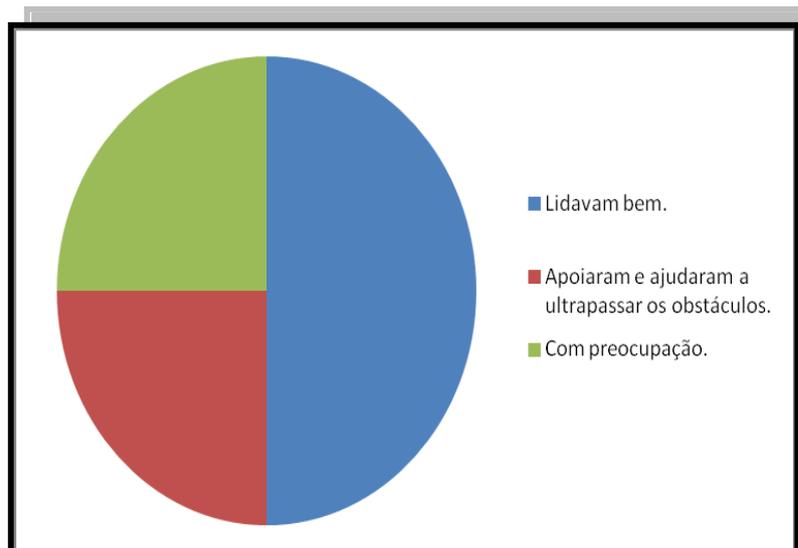


Figura 21 Os pais e a Dislexia

Pela análise da Figura 22, constatamos que em todos os casos estudados, os entrevistados narraram que a Dislexia não influenciou/nem influencia a relação com os pais.

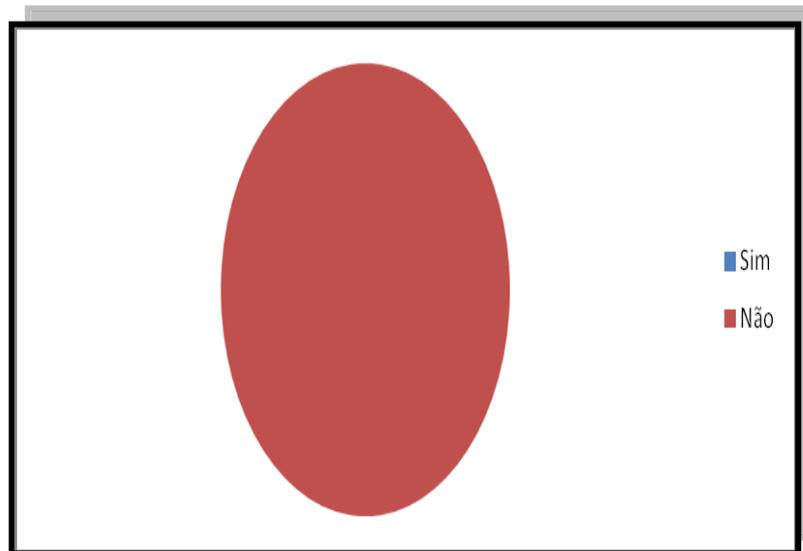


Figura 22 A Dislexia e a relação parental

Através da observação da Figura 23, ascertamos que os entrevistados têm entre 18 e 20 anos de idade.

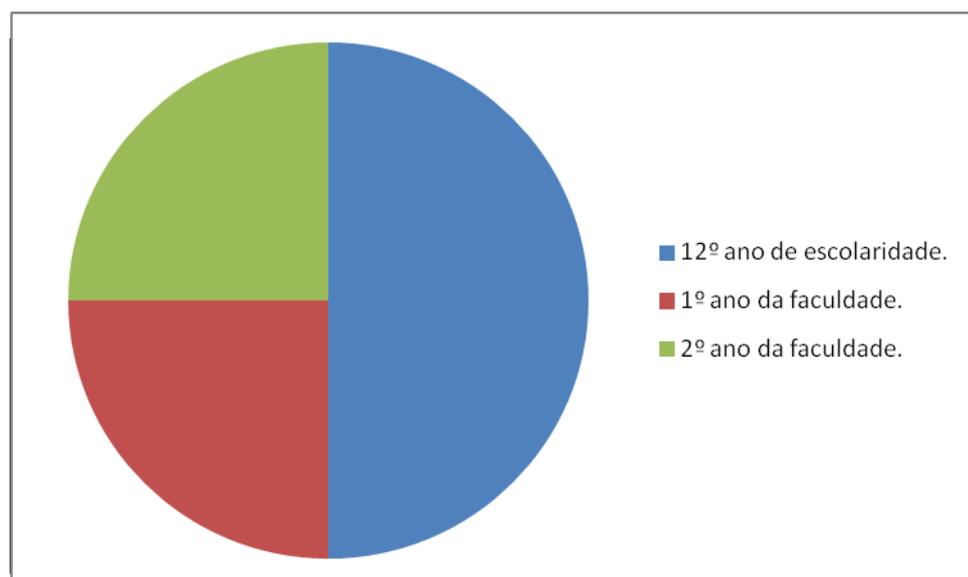


Figura 23 Idade

Relativamente às habilitações académicas, a Figura 24 mostra que 50% dos entrevistados estão no 12º ano de escolaridade, 25% está no 1º ano da faculdade e 25% está no 2º ano da faculdade.

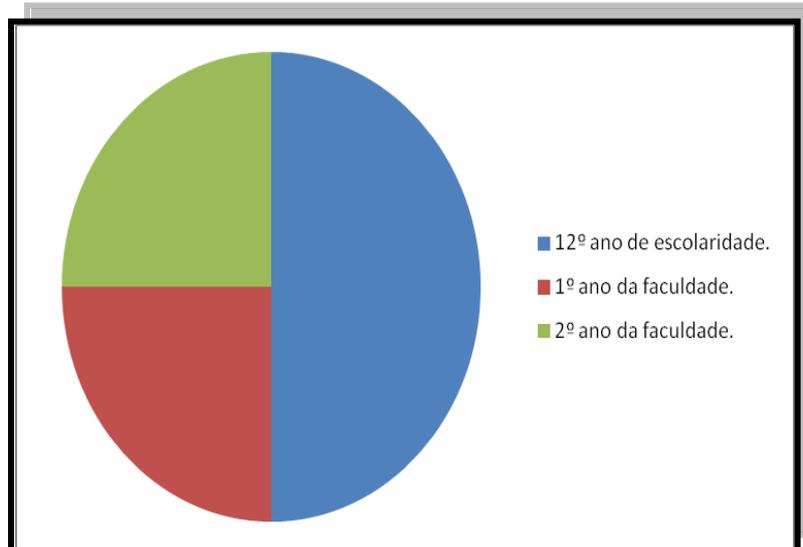


Figura 24 Habilitações Académicas

A Figura 25 salienta que todos os entrevistados são estudantes.

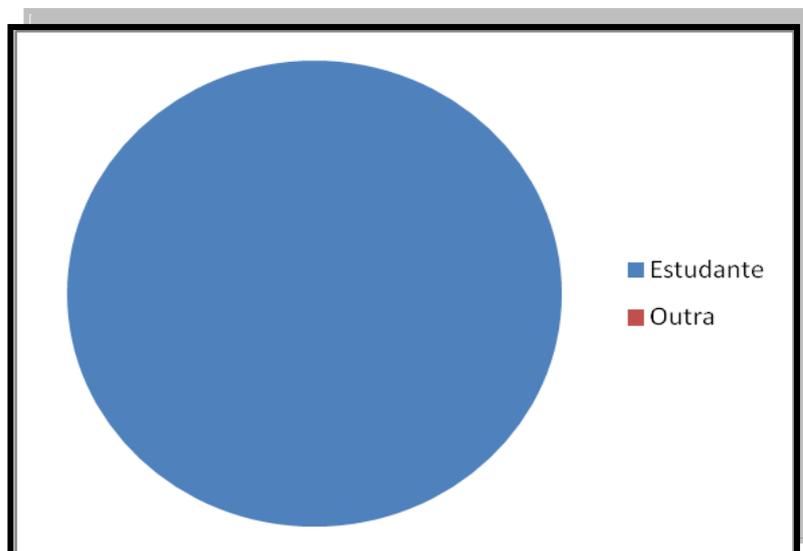


Figura 25 Situação atual

Quanto aos dados recolhidos junto dos pais de disléxicos, constatamos pela análise da Figura 26 que em 75% dos casos a primeira deteção de Dislexia foi feita por psicólogos, sendo que em apenas 25% dos casos essa deteção ocorreu por parte de um professor.

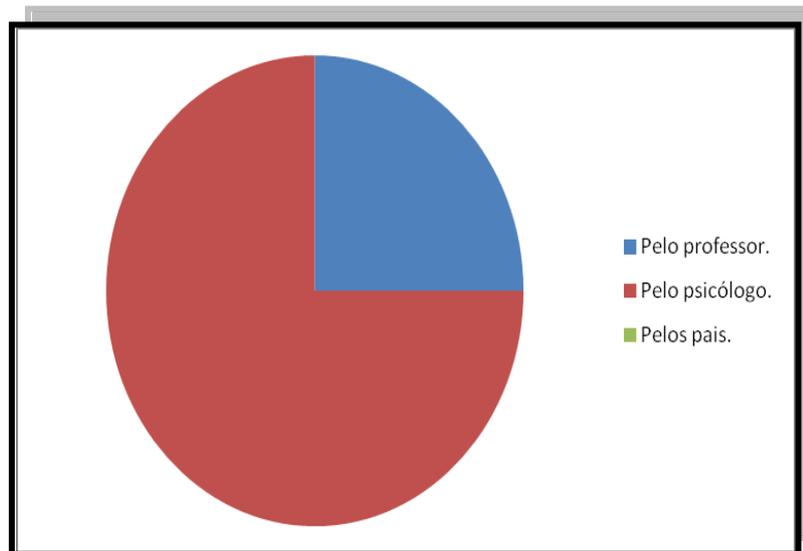


Figura 26 Detecção da Dislexia

Com os resultados obtidos através da Figura 27, notamos que em 75% dos casos a suspeita de Dislexia surgiu por parte dos professores, enquanto que em 25% dos casos essa suspeita surgiu da parte de amigos da família

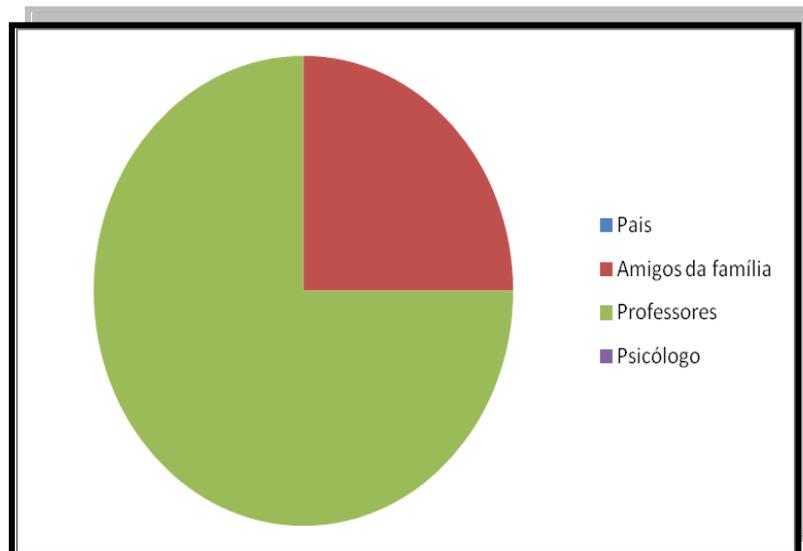


Figura 27 Quem levantou a suspeita

Concernente à Figura 28 observamos que em todos os casos o diagnóstico foi realizado por psicólogos.

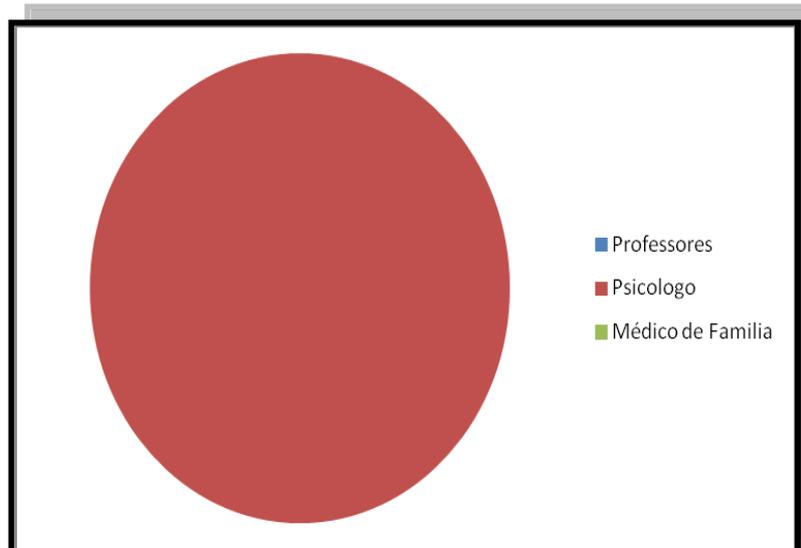


Figura 28 Quem efetuou o diagnóstico

Pela análise da Figura 29, apuramos que 50% dos pais desconheciam em que consistia a Dislexia e, por isso, não tiveram uma reação exacerbada, enquanto que os restantes revelaram sentimento de angustia.

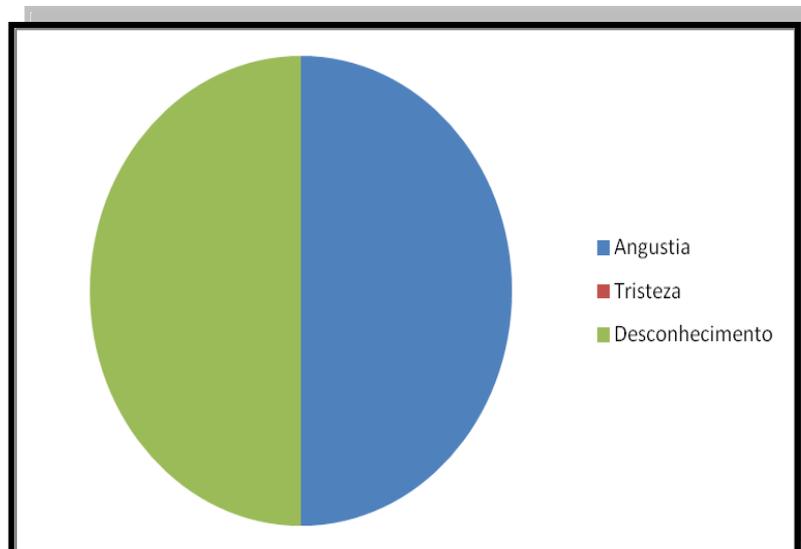


Figura 29 Primeira reação face à Dislexia

A partir dos dados obtidos na Figura 30, compreendemos que 50% dos casos obtiveram apoio educativo fora da escola, sendo que os restantes tiveram apoio educativo dentro e fora da escola.

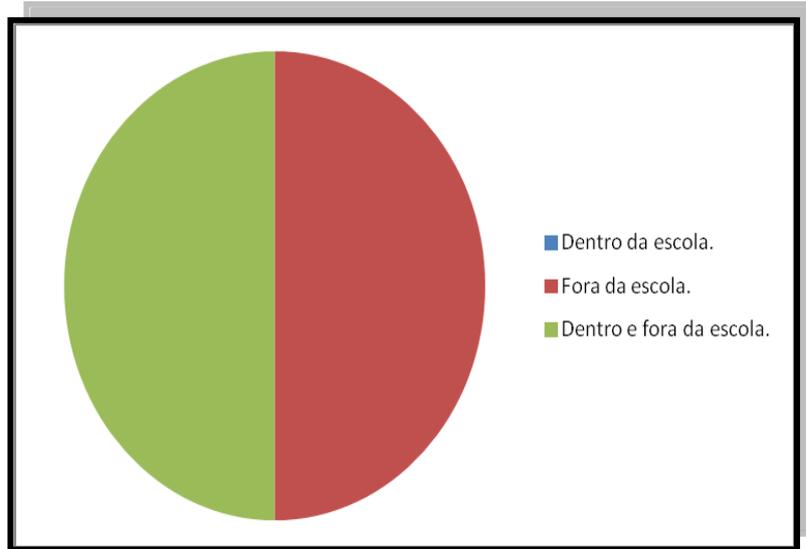


Figura 30 Local do Apoio Educativo

Pela análise da Figura 31, apuramos que em 25% dos casos, os seus educandos tiveram apoio com um psicoterapeuta no centro de saúde e aulas extra na escola, 25% relatam que os seus filhos apenas fizeram terapia com um psicólogo, outros 25% revelaram os seus educandos fizeram terapia com um psicólogo e tiveram explicações individuais, sendo que os restantes 25% disseram que os seus filhos fizeram terapia com um Psicólogo e tiveram apoio educativo na escola.

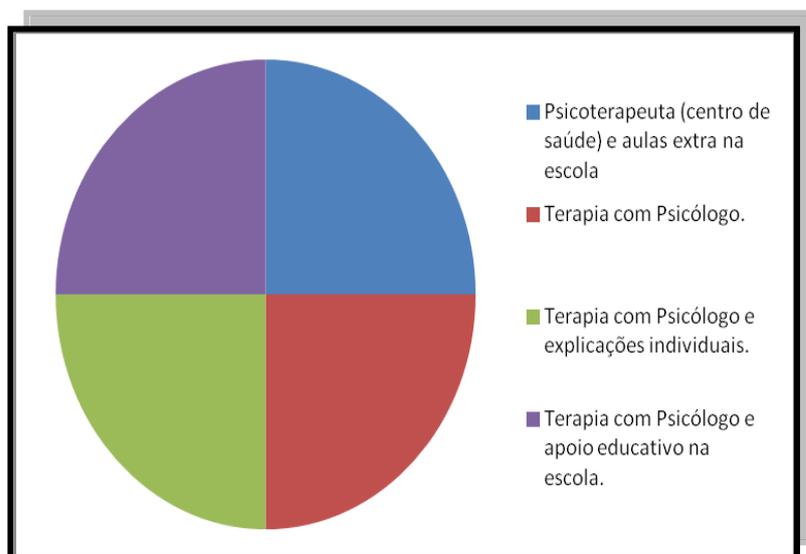


Figura 31 Tipo de Apoio Educativo

Quanto ao acompanhamento especializado por parte de um Professor de Educação Especial, apenas 25% dos casos os pais narraram

que os seus filhos foram abrangidos por esta medida. No entanto, em 75% dos casos, os pais disseram que os filhos nunca beneficiaram desta medida.

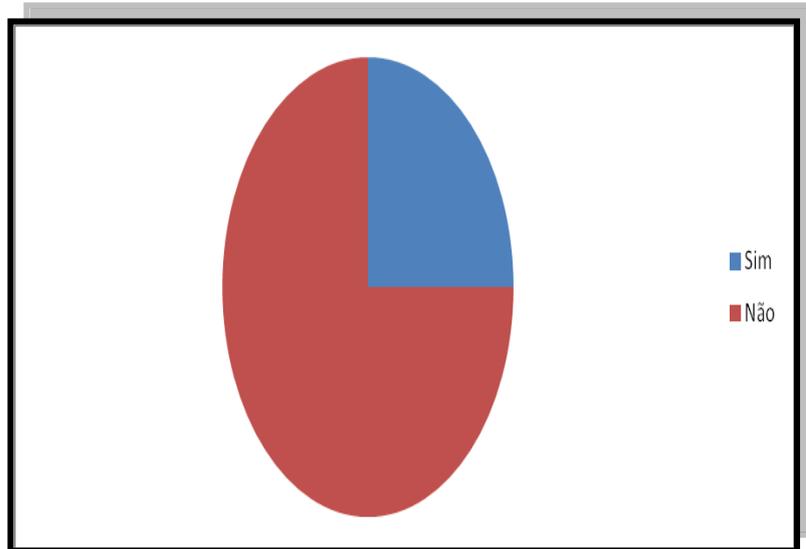


Figura 32 Educação Especial

É de salientar que apenas em 25% dos casos, os pais revelaram que o seu educando foi acompanhado por um professor de Educação Especial. Todavia, esse acompanhamento só aconteceu no ensino secundário. Os restantes 75% confessaram que os seus filhos nunca beneficiaram desta medida.

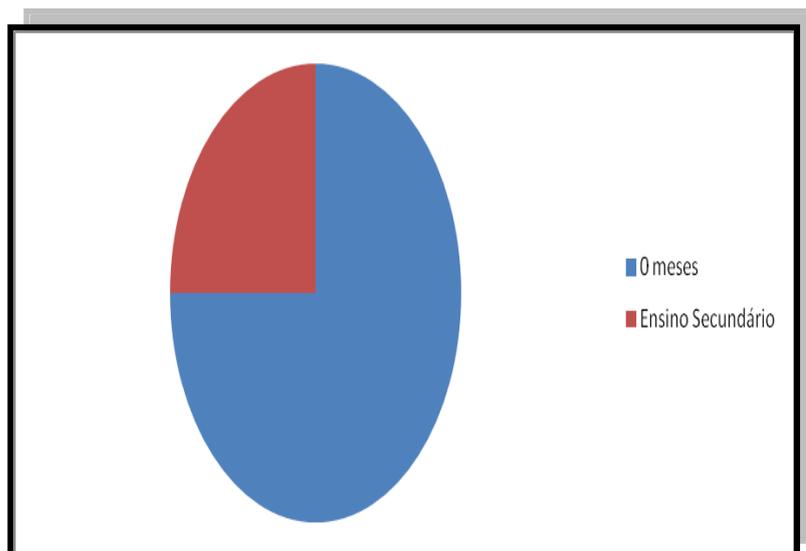


Figura 33 Duração da Educação Especial

Pela análise da Figura 34, constatamos que todos os pais concordam que os seus filhos foram penalizados a nível académico pelo facto de serem disléxicos.

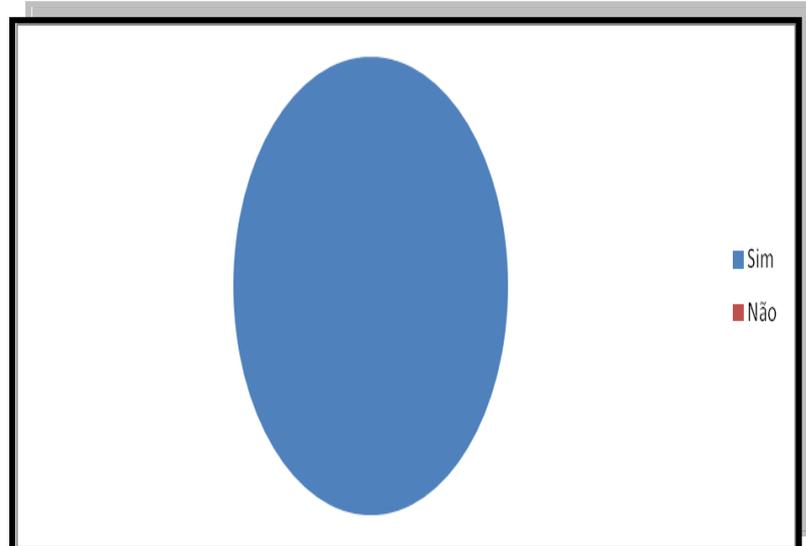


Figura 34 Penalização a nível académico

Com os dados fornecidos pela Figura 35, notamos que todos os pais consideram que as perspetivas académicas e profissionais dos seus educandos foram e são condicionadas pela Dislexia.

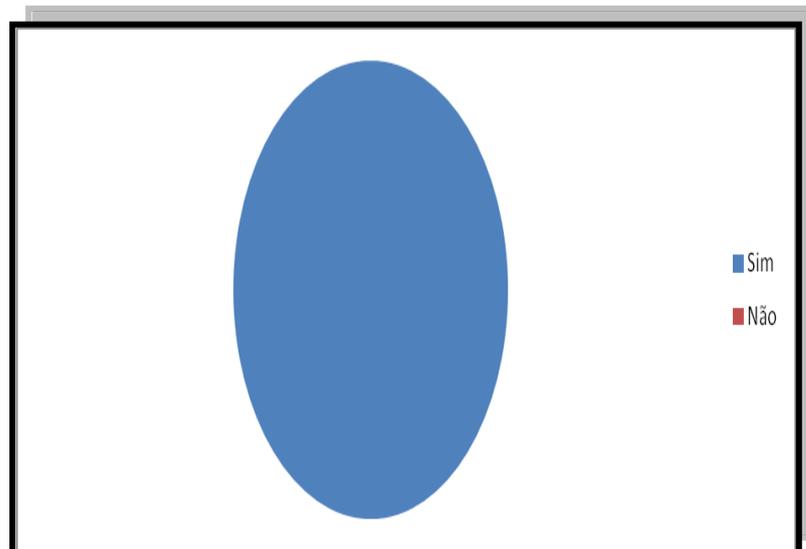


Figura 35 A Dislexia e as perspetivas académicas e profissionais

Quanto à forma como lidam com o desempenho escolar dos seus filhos, as respostas divergiram, o que é bem evidente pela análise da Figura 36, dado que 25% reconheceram que são apreensivos, 25% revelaram que aceitavam as limitações, incentivavam o esforço e reconheciam os sucessos

dos seus educandos, outros 25% declararam que valorizam o esforço dos seus educandos e os restantes 25% assumiram que nem sempre lidaram da melhor forma.

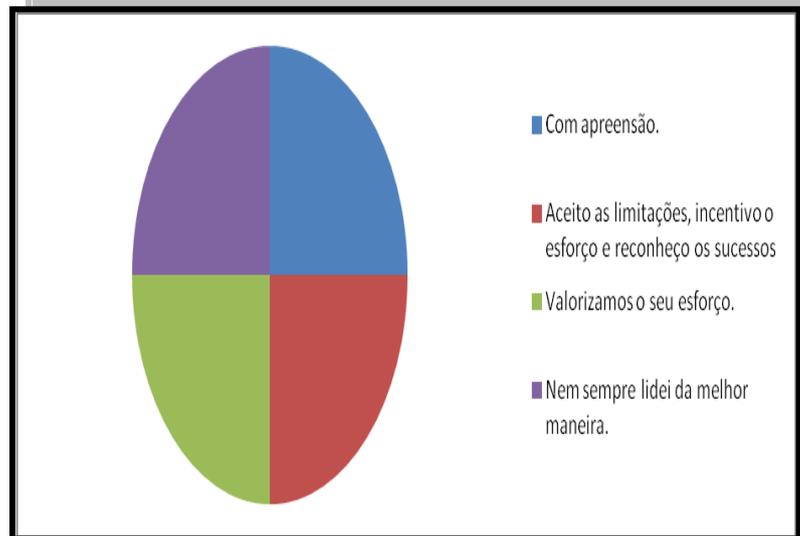


Figura 36 Os pais e a Dislexia

De acordo com a opinião dos pais registada na Figura 37, constatamos que todos eles concordam que a Dislexia influenciou e influencia os seus educandos em termos emocionais.

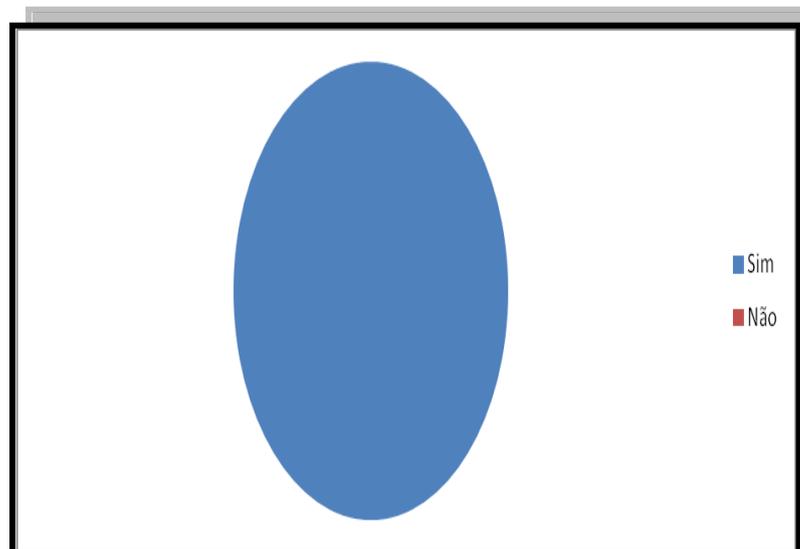


Figura 37 A Dislexia e os fatores emocionais

Pela análise da Figura 38, observamos que as idades dos pais entrevistados situam-se entre os 48 e os 52 anos de idade.

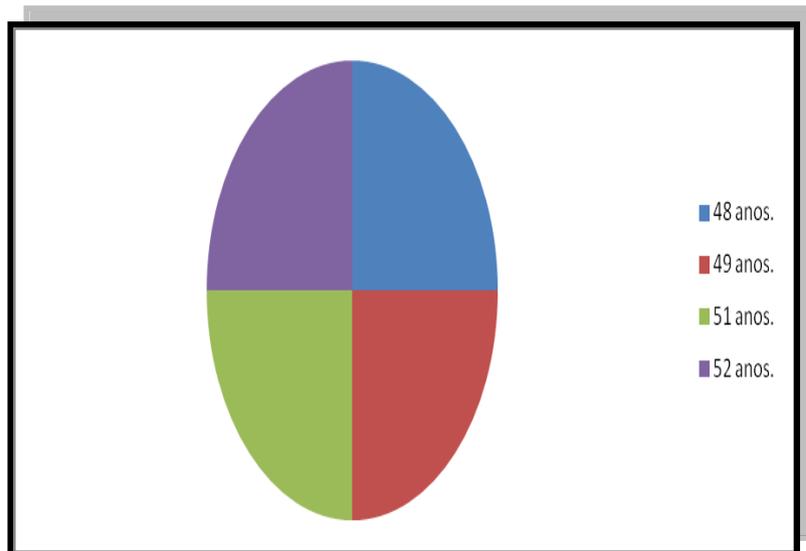


Figura 38 Idade dos pais

Relativamente às habilitações académicas dos pais, apuramos que 50% tem o 12º ano de escolaridade, 25% tem o 11º ano e os restantes 25% são bacharéis.

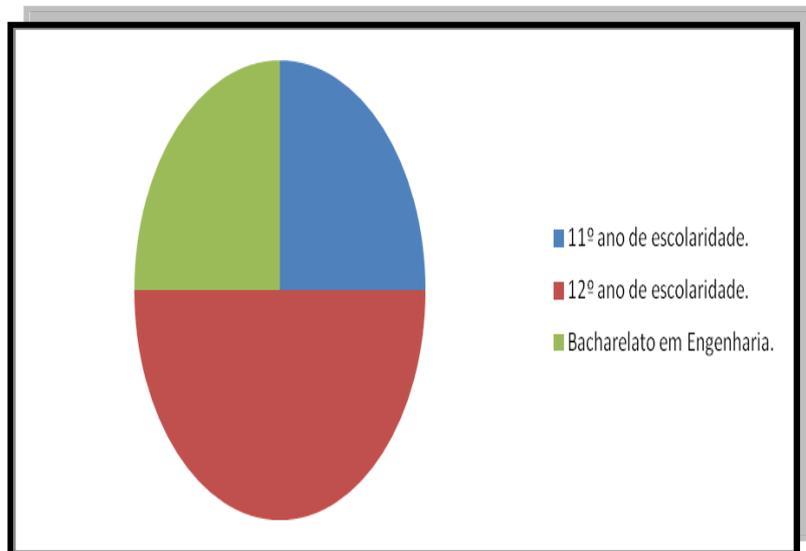


Figura 39 Habilitações Académicas dos pais

Por último, a Figura 40 mostra que 50% dos pais entrevistados estão desempregados, enquanto que os outros 50% estão empregados.

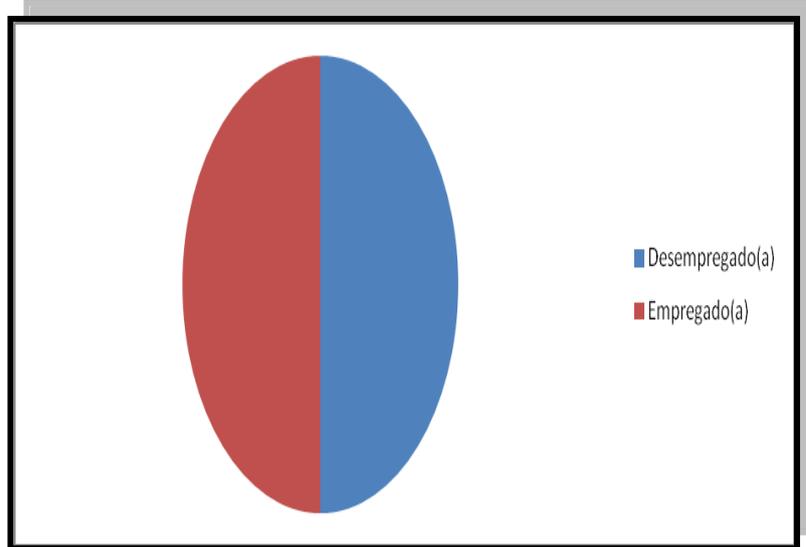


Figura 40 Situação Profissional dos pais

CAPÍTULO IV – SÍNTESE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste projeto de investigação sobre a interferência dos fatores psicoafectivos na aprendizagem de um aluno disléxico, obtivemos uma amostra constituída por oito elementos, sendo quatro adultos disléxicos e os restantes quatro são pais de adultos disléxicos.

Com a realização das entrevistas a estes dois grupos colhemos dados que nos permitirão compreender melhor o enquadramento teórico, bem como, nos possibilitarão uma reflexão sobre a temática da Dislexia.

Para o desenvolvimento deste projeto, a pergunta de partida era: Em que medida os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico?

As hipóteses iniciais por nós formuladas eram três, nomeadamente:

- Os alunos disléxicos apresentam uma baixa autoestima em função dos resultados escolares.
- Os alunos disléxicos não se sentem apoiados pelo sistema educativo.
- Os alunos disléxicos não se sentem apoiados pelos parentes mais próximos.

De acordo com as entrevistas realizadas, ambos os grupos (adultos disléxicos e pais de adultos disléxicos) concordaram que o diagnóstico foi realizado por psicólogos e que este realizou-se num período que se situa entre os oito e os onze anos de idade.

Sendo que no enquadramento teórico referimos que a avaliação/diagnóstico deve ocorrer de forma tão precoce quanto possível, constatamos que na realidade não é isso que acontece, uma vez que o diagnóstico é feito tardiamente quando as crianças já estão entre o 3º e o 5º ano de escolaridade.

Também em relação ao contexto escolar, ambos os grupos estão de acordo, no sentido de que a escola, na sua maioria, não contemplou estes

jovens com as medidas educativas como é o caso do apoio educativo e, quando o fez, limitavam-se a distribuir mais fichas como as que os alunos já realizavam com o professor titular de turma.

Segundo os dois grupos, foi necessário recorrer a terapias e explicações individuais para colmatar as dificuldades sentidas pelos alunos disléxicos e para as quais a escola não tinha uma resposta educativa de qualidade. Isto também se verificou em alguns casos nos quais os alunos tinham apoio educativo na escola.

É de referir que, em apenas um caso, o aluno beneficiou de acompanhamento especializado por parte de um professor de Educação Especial. No entanto, este acompanhamento só foi efetivado no ensino secundário, quando o aluno foi transferido do ensino particular para o ensino público.

Embora apenas metade dos alunos disléxicos entrevistados considerasse que foi penalizado a nível académico, todos os pais consideraram que os seus filhos foram penalizados a nível académico por causa da Dislexia, uma vez que todos referiram que com todo o esforço feito pelos filhos, se não fosse a Dislexia, os resultados escolares poderiam ter sido bem melhores.

Relativamente à forma como a Dislexia afetou as relações com os colegas e professores, estes jovens adultos deram dois tipos de resposta. Na grande maioria consideraram que as suas relações não tinham sofrido alterações em virtude da Dislexia. No entanto, houve um entrevistado que revelou ter sido vítima de bullying não apenas por parte dos colegas mas também por parte dos professores.

É de salientar que todos os pais concordam que a Dislexia condiciona as perspetivas académicas e profissionais dos seus filhos.

No que se refere à forma como a Dislexia influenciou e/ou influencia a relação com os seus pais, todos os jovens concordaram que tal não se verifica pois sentem-se apoiados e incentivados pelos pais.

Por seu lado, os pais revelaram que nem sempre sabem lidar com as dificuldades escolares causadas pela Dislexia, embora valorizem o esforço dos filhos.

Algo muito relevante é que os jovens adultos disléxicos disseram não ter sentido grande influência da Dislexia em termos emocionais. Todavia, todos os pais, sem exceção, confessaram que a Dislexia não só influenciou, como continua a influenciar os seus filhos em termos emocionais e, alguns pais, revelaram que ainda hoje como jovens adultos disléxicos os seus filhos tem que recorrer a terapias.

Para terminar, o mais importante neste projeto de investigação não é a confirmação de que os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico, de que a Dislexia condiciona as suas relações e o seu futuro académico e profissional. O mais importante é refletir porque é que a escola continua a não ter uma resposta educativa de qualidade para estes alunos, porque é que a escola não apoia estes alunos e não ensina os seus pais a lidarem com esta problemática.

Portugal assinou a Declaração de Salamanca, em 1994, que preconiza que a educação deve ser para todos *“independentemente das diferenças individuais”*. Nesta declaração, todos os países signatários declaram ainda que acreditam e proclamam que:

- *cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem,*
- *cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias,*
- *os sistemas de educação devem ser planeados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades,*
- *as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades,”*
(Declaração de Salamanca, 1994).

Também a nossa Constituição, a Constituição da República Portuguesa, no número 1 do artigo 74º preconiza que: *“Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar”*.

Mas será que Portugal já passou da assinatura à prática?

Vale a pena refletir, pois, afinal, já se passaram cerca de 14 anos da publicação da Declaração de Salamanca e Portugal aprovou e publicou o Decreto-Lei n.º3/2008, de 7 de janeiro que exclui da Educação Especial as crianças com dificuldades específicas de aprendizagem, como é o caso da

Dislexia, uma vez que as medidas contempladas referem-se a alunos com necessidades educativas de caráter permanente, o que representa um recuo colossal no atendimento às crianças com dificuldades específicas de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo pretendemos apresentar as considerações finais deste projeto de investigação.

Hoje em dia, a Escola tem que dar resposta a todos os seus alunos e isso constitui um desafio, em especial, para os professores.

É essencial que a Dislexia seja avaliada de forma atempada e tão precoce quanto possível, sendo que o ideal seria a realização de uma prova compreensiva ainda no pré-escolar.

É preciso motivar os alunos disléxicos para a aprendizagem com atividades adequadas ao seu perfil académico. O professor deve incentivá-los e elogiá-los sempre que possível, aumentando assim a sua autoestima.

Quanto mais cedo for diagnosticada a Dislexia, mais rapidamente poderá iniciar-se a intervenção junto destes alunos, diminuindo os sentimentos de fracasso e frustração em relação à escola.

Atendendo à nossa pergunta de partida pensamos poder responder que, de facto, os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico.

Os nossos objetivos de estudo também foram alcançados pois podemos afirmar, através dos resultados obtidos, que os fatores psicoafectivos condicionam não só a aprendizagem mas também as relações com a comunidade educativa e com a própria família.

No que concerne às hipóteses por nós formuladas, conseguimos confirmar todas as hipóteses, designadamente: os alunos disléxicos apresentam uma baixa autoestima em função dos resultados escolares, que os alunos disléxicos não se sentem apoiados pelos sistema educativo e, por fim, que os alunos disléxicos sentem-se apoiados pelos parentes mais próximos.

De acordo com os dados obtidos através das entrevistas realizadas podemos concluir que:

- ❖ o diagnóstico de Dislexia acontece tardiamente, por volta dos oito anos e, invariavelmente, o diagnóstico é feito por um psicólogo;
- ❖ a nível escolar, estes alunos são relegados e encarados como preguiçosos ou com inteligência abaixo da média e que, apesar de vivermos no paradigma da Escola Inclusiva, não existe, na realidade, uma resposta educativa que contemple o atendimento aos alunos disléxicos;
- ❖ a nível familiar, os pais mostram preocupação quanto ao futuro académico e profissional uma vez que estão condicionados pela Dislexia. Evidencia-se que os pais fazem um esforço para colmatar a falta de resposta educativa com a procura de psicólogos e professores particulares. É de referenciar que os pais esforçam-se no sentido de apoiar e elogiar os filhos pelos seus sucessos. Em todos os casos, notou-se uma luta constante para minorar os efeitos psicoafectivos negativos da Dislexia, mesmo já numa fase adulta.

Os disléxicos precisam de muito apoio por parte de todos aqueles que intervêm no seu processo de ensino-aprendizagem, pois só assim será possível alcançar o sucesso quer a nível académico, quer a nível psicoafectivo.

BIBLIOGRAFIA

- ✓ **AFONSO, N.** (2005). *Investigação Naturalista em educação – um guia prático e crítico*. Lisboa: Edições Asa.
- ✓ **AJURIAGUERRA, J. et al.** (1984). *A Dislexia em Questão: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ✓ **ALMEIDA, J. F.; PINTO, J. M.** (1975). *A investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
- ✓ American Psychiatric Association. (2002) *DSM-IV-TR: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*, Edição n.º 4 Revisão de Texto. Lisboa: Climepsi Editores.
- ✓ **ARANTES, V. A.** (2003). *A afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Atlas.
- ✓ **ESTRELA, Maria.** (2009). *A Interrelação Dislexia e Formação de Professores*. Dissertação de Mestrado. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- ✓ **FONSECA, Vítor da.** (2008). *Dificuldades de Aprendizagem – Abordagem Neuropsicológica e Psicopedagógica ao Insucesso Escolar – 4ª edição*, Lisboa: Âncora Editora.
- ✓ **GLAT, Rosana.** (2007). *Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- ✓ **HENNIGH, Kathleen A.** (2003). *Compreender a Dislexia: Um Guia para Pais e Professores*; traduzido por Isabel Parda, Porto: Porto Editora.
- ✓ **MASSI, Giselle.** (2007). *A dislexia em questão*. São Paulo: Plexus Editora.
- ✓ **MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.** (2002). *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas.
- ✓ **PEREIRA, Rafael Silva.** (2009). *Dislexia e Disortografia – Programa de Intervenção e Reeducação*, vol. I, Montijo: You! Books.
- ✓ **PIAGET, J; INHELDER, B.** (1990). *A Psicologia da Criança*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- ✓ **QUIVY, R & CAMPENHOUDT, L.** (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. – 4ª edição. Lisboa: Edições Gradiva.
- ✓ **ROCHA, Bárbara Pinto et al.** (1991). *A Reeducação da Criança Disléxica*, Lisboa: Escher.
- ✓ **SELIKOWITZ, M.** (2001). *Dislexia e Outras Dificuldades de Aprendizagem*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda.
- ✓ **SERRA, H.** (2008). *NEE dos alunos disléxicos e/ou sobredotados*. Saber & Educar. [Em linha]. N.º 13, p. 137-147. Disponível em Repositório ESEPF.

- ✓ **SHAYWITZ, Sally.** (2006). Entendendo a Dislexia – um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura, traduzido por Vinícius Figueira; Porto Alegre: Artmed.
- ✓ **SHAYWITZ, Sally.** (2008). Vencer a Dislexia – Como dar resposta às perturbações da leitura em qualquer fase da vida, traduzido por Isabel Soares, Porto: Porto Editora.
- ✓ **SILVA, Filomena.** (2005). *Lado a Lado – Experiências com a Dislexia*, Porto: Porto Editora.
- ✓ **VALETT, Robert E.** (1990). Uma Abordagem Neuropsicológica para a Educação de Crianças com Graves Desordens de Leitura; traduzido por Martha Rosemberg, São Paulo: Editora Manole.
- ✓ **YIN, R.** (2010). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos.* – 4ª edição. Porto Alegre: Bookman.

WEBGRAFIA

- ✓ **BARTHOLOMEU, D. et al.** (2004). *Dificuldades de Aprendizagem na Escrita e Características Emocionais de Crianças*, acessido a 12.06.2013, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a16.pdf>.
- ✓ *Dificuldades de Aprendizagem* (s/d), acessido a 17.05.2013, disponível em <http://www.appdae.net/dificuldaprend.html>.
- ✓ **MARTINS, Vicente.** (2013). A questão da escolarização dos alunos com transtornos funcionais específicos: Dislexia, disgrafia e disortografia, acessido a 25.03.2013, disponível em <http://www.profala.com/arteducesp158.pdf>.
- ✓ *O que é a dislexia?* (s/d), acessido a 16.04.2013, disponível em <http://dislex.co.pt/index.php/quee>.

LEGISLAÇÃO

- ✓ Constituição da República Portuguesa, acessido a 15.05.2013, disponível em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- ✓ UNESCO, *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1994.
- ✓ Despacho n.º 2237/2011 de 31 de janeiro, Diário da República N.º 21 – 2.ª Série, Ministério da Educação, Lisboa.
- ✓ Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de abril, Diário da República N.º 79 – 1.ª Série, Ministério da Educação, Lisboa.

- ✓ Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro, Diário da República N.º 4 – 1.ª Série, Ministério da Educação, Lisboa.

ANEXOS

ANEXO 1 - AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Exmo.(a). Sr.(a).,

No âmbito da Pós-Graduação em Educação Especial, eu, Márcia Raquel Silva Rodrigues de Castro, venho por este meio, solicitar a sua participação num estudo, através da realização de uma entrevista, que pretende abordar em que medida os fatores psicoafectivos que interferem na aprendizagem de um aluno disléxico.

Este estudo não promove qualquer risco para si e não serão publicados os seus dados pessoais. A referida entrevista só será realizada se houver a sua colaboração expressa.

Em qualquer etapa desta, poderá esclarecer eventuais dúvidas que venham a surgir.

A entrevista decorrerá no dia _____, pelas _____ horas.

Concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

Não concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

_____ Data: ____/____/_____
(Assinatura do(a) entrevistado (a))

_____ Data: ____/____/_____
(Assinatura da responsável pela entrevista)

ANEXO 2 - GUIÃO DE ENTREVISTA

GUIÃO DE ENTREVISTA

→ Objetivos

- Na opinião de um dislético, que fatores psicoafectivos interferiram na sua aprendizagem.

- Na opinião dos pais de um dislético, que fatores psicoafectivos interferiram na aprendizagem do seu educando.

→ Modelo de Entrevista

- Entrevista semiestruturada.

ENTREVISTA A UM ADULTO DISLÉXICO

Como disléxico(a) continua a vivenciar no seu quotidiano algumas dificuldades na relação com suportes escritos que tem que ler, escrever ou efetuar cálculos.

É exatamente sobre este assunto que vamos falar.

Comecemos pelo princípio desta sua experiência com a dislexia.

Diagnóstico / Intervenção

1. Como soube que tinha dislexia?
2. Como reagiu perante o diagnóstico?
3. Quem levantou a suspeita?
4. Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?
5. Que idade tinha quando foi efetuado o diagnóstico?

A nível escolar

6. Depois de ter sido diagnosticado(a) com dislexia teve apoio educativo? Dentro ou fora da escola? De que tipo?
7. Teve acompanhamento especializado por um professor de Educação Especial? Durante quanto tempo?
8. Pelo facto de ter dislexia, considera que foi penalizado a nível académico?
9. Pensa que a dislexia afetou a sua relação com os seus professores ou com os seus colegas?

A nível familiar

10. A nível familiar, como é que os seus pais lidavam com o seu desempenho escolar?
11. Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou a sua relação com os seus pais?

Nesta fase final da nossa entrevista, gostaria que me facultasse algumas informações adicionais:

12. Qual é a sua idade?
13. Quais são as suas habilitações académicas?
14. Qual é a sua situação profissional?

Agradeço a sua atenção, disponibilidade e colaboração nesta entrevista.

Márcia Castro

ENTREVISTA AO PAI/MÃE DE UM ADULTO DISLÉXICO

Como pai/mãe de uma pessoa disléxica continua a vivenciar no seu quotidiano algumas dificuldades na relação do(a) seu(sua) filho(a) com suportes escritos que tem que ler, escrever ou efetuar cálculos.

Enquanto pai/mãe vivenciou uma angústia pela incerteza do que o futuro guardava para o(a) seu(sua) educando(a).

É sobre esse assunto que desejamos falar consigo.

Diagnóstico / Intervenção

1. Como soube que o(a) seu(sua) filho(a) tinha dislexia?
2. Quem levantou a suspeita?
3. Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?
4. Como reagiu perante o diagnóstico?

A nível escolar

5. Lembra-se se o(a) seu(sua) filho(a) teve apoio educativo? Dentro ou fora da escola? De que tipo?
6. Teve acompanhamento especializado por um professor de Educação Especial? Durante quanto tempo?
7. Na sua opinião, o(a) seu(sua) filho(a) foi penalizado(a) a nível académico pelo facto de ter dislexia?

A nível familiar

8. Considera que as perspetivas académicas e profissionais do(a) seu(sua) filho(a) foram/são condicionadas pela dislexia?

9. A nível familiar, como é que lidou/lida com o desempenho escolar do(a) seu(sua) filho(a)?
10. Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou o(a) seu(sua) filho(a) em termos emocionais?

Nesta fase final da nossa entrevista, gostaria que me facultasse algumas informações adicionais:

11. Qual é a sua idade?
12. Quais são as suas habilitações académicas?
13. Qual é a sua situação profissional?

Agradeço a sua atenção, disponibilidade e colaboração nesta entrevista.

Márcia Castro

ANEXO 3 - AUTORIZAÇÕES DAS ENTREVISTAS

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Exmo.(a). Sr.(a).,

No âmbito da Pós-Graduação em Educação Especial, eu, Márcia Raquel Silva Rodrigues de Castro, venho por este meio, solicitar a sua participação num estudo, através da realização de uma entrevista, que pretende abordar em que medida os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico.

Este estudo não promove qualquer risco para si e não serão publicados os seus dados pessoais. A referida entrevista só será realizada se houver a sua colaboração expressa.

Em qualquer etapa desta, poderá esclarecer eventuais dúvidas que venham a surgir.

A entrevista decorrerá no dia 27/05, pelas 19h00 horas.

- Concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.
- Não concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

Fátima Silva

Data: 27/05/2013

(Assinatura do(a) entrevistado (a))

Márcia Castro

Data: 27/05/2013

(Assinatura da responsável pela entrevista)

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Exmo.(a). Sr.(a).,

No âmbito da Pós-Graduação em Educação Especial, eu, Márcia Raquel Silva Rodrigues de Castro, venho por este meio, solicitar a sua participação num estudo, através da realização de uma entrevista, que pretende abordar em que medida os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico.

Este estudo não promove qualquer risco para si e não serão publicados os seus dados pessoais. A referida entrevista só será realizada se houver a sua colaboração expressa.

Em qualquer etapa desta, poderá esclarecer eventuais dúvidas que venham a surgir.

A entrevista decorrerá no dia 27/05, pelas 19h00 horas.

- Concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.
- Não concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

Carolina Neves

Data: 27/05/2013

(Assinatura do(a) entrevistado (a))

Márcia Castro

Data: 27/05/2013

(Assinatura da responsável pela entrevista)

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Exmo.(a). Sr.(a).,

No âmbito da Pós-Graduação em Educação Especial, eu, Márcia Raquel Silva Rodrigues de Castro, venho por este meio, solicitar a sua participação num estudo, através da realização de uma entrevista, que pretende abordar em que medida os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico.

Este estudo não promove qualquer risco para si e não serão publicados os seus dados pessoais. A referida entrevista só será realizada se houver a sua colaboração expressa.

Em qualquer etapa desta, poderá esclarecer eventuais dúvidas que venham a surgir.

A entrevista decorrerá no dia 30/05, pelas 20h00 horas.

Concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

Não concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

Graciete Carvalho

(Assinatura do(a) entrevistado (a))

Data: 30/05/2013

Márcia Castro

(Assinatura da responsável pela entrevista)

Data: 30/05/2013

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Exmo.(a). Sr.(a).,

No âmbito da Pós-Graduação em Educação Especial, eu, Márcia Raquel Silva Rodrigues de Castro, venho por este meio, solicitar a sua participação num estudo, através da realização de uma entrevista, que pretende abordar em que medida os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico.

Este estudo não promove qualquer risco para si e não serão publicados os seus dados pessoais. A referida entrevista só será realizada se houver a sua colaboração expressa.

Em qualquer etapa desta, poderá esclarecer eventuais dúvidas que venham a surgir.

A entrevista decorrerá no dia 30/05 pelas 20h00 horas.

Concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

Não concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

Miguel Carvalho

Data: 30/05/2013

(Assinatura do(a) entrevistado (a))

Márcia Castro

Data: 30/05/2013

(Assinatura da responsável pela entrevista)

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Exmo.(a). Sr.(a).,

No âmbito da Pós-Graduação em Educação Especial, eu, Márcia Raquel Silva Rodrigues de Castro, venho por este meio, solicitar a sua participação num estudo, através da realização de uma entrevista, que pretende abordar em que medida os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico.

Este estudo não promove qualquer risco para si e não serão publicados os seus dados pessoais. A referida entrevista só será realizada se houver a sua colaboração expressa.

Em qualquer etapa desta, poderá esclarecer eventuais dúvidas que venham a surgir.

A entrevista decorrerá no dia 03/06, pelas 22h00 horas.

Concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

Não concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

Diana Patrícia Silva

Data: 03/06/2013

(Assinatura do(a) entrevistado (a))

Márcia Raquel Silva

Data: 03/06/2013

(Assinatura da responsável pela entrevista)

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Exmo.(a). Sr.(a).,

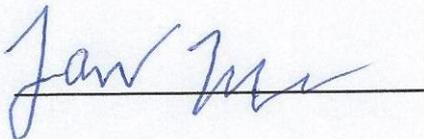
No âmbito da Pós-Graduação em Educação Especial, eu, Márcia Raquel Silva Rodrigues de Castro, venho por este meio, solicitar a sua participação num estudo, através da realização de uma entrevista, que pretende abordar em que medida os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico.

Este estudo não promove qualquer risco para si e não serão publicados os seus dados pessoais. A referida entrevista só será realizada se houver a sua colaboração expressa.

Em qualquer etapa desta, poderá esclarecer eventuais dúvidas que venham a surgir.

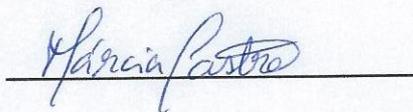
A entrevista decorrerá no dia 03/06, pelas 22h00 horas.

- Concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.
- Não concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.



(Assinatura do(a) entrevistado (a))

Data: 03/06/2013



(Assinatura da responsável pela entrevista)

Data: 03/06/2013

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Exmo.(a). Sr.(a).,

No âmbito da Pós-Graduação em Educação Especial, eu, Márcia Raquel Silva Rodrigues de Castro, venho por este meio, solicitar a sua participação num estudo, através da realização de uma entrevista, que pretende abordar em que medida os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico.

Este estudo não promove qualquer risco para si e não serão publicados os seus dados pessoais. A referida entrevista só será realizada se houver a sua colaboração expressa.

Em qualquer etapa desta, poderá esclarecer eventuais dúvidas que venham a surgir.

A entrevista decorrerá no dia 01/06, pelas 09h30 horas.

- Concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.
- Não concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

Daniel Teixeira

Data: 01/06/2013

(Assinatura do(a) entrevistado (a))

Márcia Castro

Data: 01/06/2013

(Assinatura da responsável pela entrevista)

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Exmo.(a). Sr.(a).,

No âmbito da Pós-Graduação em Educação Especial, eu, Márcia Raquel Silva Rodrigues de Castro, venho por este meio, solicitar a sua participação num estudo, através da realização de uma entrevista, que pretende abordar em que medida os fatores psicoafectivos interferem na aprendizagem de um aluno disléxico.

Este estudo não promove qualquer risco para si e não serão publicados os seus dados pessoais. A referida entrevista só será realizada se houver a sua colaboração expressa.

Em qualquer etapa desta, poderá esclarecer eventuais dúvidas que venham a surgir.

A entrevista decorrerá no dia 01/06, pelas 09h30 horas.

- Concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.
- Não concordo em ser entrevistado no âmbito do Projeto *Psicoafetividade e Dislexia*.

Marcia Torresio

Data: 01/06/2013

(Assinatura do(a) entrevistado (a))

Marcia Castro

Data: 01/06/2013

(Assinatura da responsável pela entrevista)

ANEXO 4 - ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1A

Como dislético(a) continua a vivenciar no seu cotidiano algumas dificuldades na relação com suportes escritos que tem que ler, escrever ou efetuar cálculos.

É exatamente sobre este assunto que vamos falar.

Começemos pelo princípio desta sua experiência com a dislexia.

Diagnóstico / Intervenção

1. Como soube que tinha dislexia?

Quando foi diagnosticada nem me apercebi do que tinha nem sequer sabia o que era. O psicólogo disse aos meus pais que eu tinha dislexia.

2. Como reagiu perante o diagnóstico?

Como tinha 11 anos nem sabia bem o que era, não aceitava muito bem eram as idas ao psicólogo.

3. Quem levantou a suspeita?

A dislexia foi diagnosticada pelo Psicólogo.

4. Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?

Sim.

5. Que idade tinha quando foi efetuado o diagnóstico?

11 anos.

A nível escolar

6. Depois de ter sido diagnosticado(a) com dislexia teve apoio educativo? Dentro ou fora da escola? De que tipo?

A escola nunca reconheceu a dislexia. Tive apoio de um psicólogo particular.

7. Teve acompanhamento especializado por um professor de Educação Especial? Durante quanto tempo?

Na escola nunca tive apoio.

8. Pelo facto de ter dislexia, considera que foi penalizado a nível académico?

Por vezes sim.

9. Pensa que a dislexia afetou a sua relação com os seus professores ou com os seus colegas?

Não.

A nível familiar

10. A nível familiar, como é que os seus pais lidavam com o seu desempenho escolar?

Lidavam bem.

11. Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou a sua relação com os seus pais?

Não.

Nesta fase final da nossa entrevista, gostaria que me facultasse algumas informações adicionais:

12. Qual é a sua idade?

19 anos

13. Quais são as suas habilitações académicas?

Estou no 1º ano da faculdade

14. Qual é a sua situação profissional?

Estudante.

Agradeço a sua atenção, disponibilidade e colaboração nesta entrevista.

Márcia Castro

ENTREVISTA 1B

Como pai/mãe de uma pessoa disléxica continua a vivenciar no seu quotidiano algumas dificuldades na relação do(a) seu(sua) filho(a) com suportes escritos que tem que ler, escrever ou efetuar cálculos.

Enquanto pai/mãe vivenciou uma angústia pela incerteza do que o futuro guardava para o(a) seu(sua) educando(a).

É sobre esse assunto que desejamos falar consigo.

Diagnóstico / Intervenção

1. Como soube que o(a) seu(sua) filho(a) tinha dislexia?

Levei a minha filha a um psicólogo quando ela tinha 11 anos, aconselhada pela diretora de turma, pois ela estava deslocada na escola, isolava-se e chorava com facilidade.

2. Quem levantou a suspeita?

Quem levantou a suspeita foi a diretora de turma do 5º ano. Eu nunca suspeitei de dislexia antes do diagnóstico ter sido feito.

Sabia, sentia que alguma coisa não estava bem com a minha filha, mas não imaginava que fosse dislexia.

3. Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?

O diagnóstico foi feito por um Psicólogo, que não me falou logo em dislexia mas em Lateralidade Cruzada.

4. Como reagiu perante o diagnóstico?

Foi um grande choque. Apesar se não saber muito sobre o assunto na altura, comecei logo a pesquisar e foi com o tema lateralidade cruzada que cheguei à dislexia e na consulta seguinte confirmei com o Psicólogo.

A nível escolar

5. Lembra-se se o(a) seu(sua) filho(a) teve apoio educativo? Dentro ou fora da escola? De que tipo?

A nível escolar, a dislexia da minha filha nunca foi reconhecida. Nem pelos diretores de turma, nem pela Psicóloga da escola apesar de todos os relatórios que apresentei e reuniões que solicitei.

Todo o apoio educativo que ela teve foi fora da escola com custos suportados por mim. Fez sessões individuais de terapia com um psicoterapeuta e teve explicações individuais.

6. Teve acompanhamento especializado por um professor de Educação Especial? Durante quanto tempo?

Como a dislexia nunca foi reconhecida na escola nunca teve apoio. O único comentário da psicóloga da escola, foi que a minha filha tinha dificuldades de aprendizagem.

7. Na sua opinião, o(a) seu(sua) filho(a) foi penalizado(a) a nível académico pelo facto de ter dislexia?

A minha filha não tem um grau de dislexia muito profundo, se assim posso dizer, mas claro que o facto de ser disléxica a obrigou / obriga a muito mais trabalho, esforço e empenho do que outro aluno que não seja disléxico.

A nível familiar

8. Considera que as perspetivas académicas e profissionais do(a) seu(sua) filho(a) foram/são condicionadas pela dislexia?

Sim, porque se não fosse disléxica teria tido possivelmente melhores resultados com todo o esforço que fez. Embora a minha filha nunca tenha ficado retida durante o seu percurso escolar (está no 1º ano da faculdade com 19 anos).

9. A nível familiar, como é que lidou/lida com o desempenho escolar do(a) seu(sua) filho(a)?

Sempre com muita apreensão. Sei que a dislexia associada á Lateralidade Cruzada, lhe dão muita dificuldade de concentração e dificuldade em ordenar ideias e expressar-se por escrito.

10. Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou o(a) seu(sua) filho(a) em termos emocionais?

Sim, claro que sim.

Nesta fase final da nossa entrevista, gostaria que me facultasse algumas informações adicionais:

11. Qual é a sua idade?

51 anos

12. Quais são as suas habilitações académicas?

12º ano

13. Qual é a sua situação profissional?

Administrativa numa empresa de acessórios para Construção Civil

Agradeço a sua atenção, disponibilidade e colaboração nesta entrevista.

Márcia Castro

ENTREVISTA 2A

Como dislético(a) continua a vivenciar no seu quotidiano algumas dificuldades na relação com suportes escritos que tem que ler, escrever ou efetuar cálculos.

É exatamente sobre este assunto que vamos falar.

Comecemos pelo princípio desta sua experiência com a dislexia.

Diagnóstico / Intervenção

1. Como soube que tinha dislexia?

Quando foi diagnosticada no psicólogo.

2. Como reagiu perante o diagnóstico?

Nem sabia o que era dislexia.

3. Quem levantou a suspeita?

Foram amigos dos meus pais.

4. Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?

A dislexia foi diagnosticada pelo Psicólogo.

5. Que idade tinha quando foi efetuado o diagnóstico?

10 anos.

A nível escolar

6. Depois de ter sido diagnosticado(a) com dislexia teve apoio educativo? Dentro ou fora da escola? De que tipo?

A escola nunca reconheceu a dislexia

7. Teve acompanhamento especializado por um professor de Educação Especial? Durante quanto tempo?

Na escola nunca tive apoio de educação especial.

8. Pelo facto de ter dislexia, considera que foi penalizado a nível académico?

Não.

9. Pensa que a dislexia afetou a sua relação com os seus professores ou com os seus colegas?

Não.

A nível familiar

10. A nível familiar, como é que os seus pais lidavam com o seu desempenho escolar?

Acho que lidam bem.

11. Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou a sua relação com os seus pais?

Não.

Nesta fase final da nossa entrevista, gostaria que me facultasse algumas informações adicionais:

12. Qual é a sua idade?

18 anos

13. Quais são as suas habilitações académicas?

Estou no 12º ano do curso de Técnico de comércio

14. Qual é a sua situação profissional?

Estudante.

Agradeço a sua atenção, disponibilidade e colaboração nesta entrevista.

Márcia Castro

ENTREVISTA 2B

Como pai/mãe de uma pessoa disléxica continua a vivenciar no seu quotidiano algumas dificuldades na relação do(a) seu(sua) filho(a) com suportes escritos que tem que ler, escrever ou efetuar cálculos.

Enquanto pai/mãe vivenciou uma angústia pela incerteza do que o futuro guardava para o(a) seu(sua) educando(a).

É sobre esse assunto que desejamos falar consigo.

Diagnóstico / Intervenção

1. Como soube que o(a) seu(sua) filho(a) tinha dislexia?

A suspeita começou em conversas com amigos, com casos de dislexia na família, comparando sintomas. Tinha o meu filho 11 anos.

2. Quem levantou a suspeita?

Os mesmos amigos.

3. Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?

O diagnóstico foi feito por um Psicólogo do centro de saúde. Posteriormente o mesmo foi confirmado por pedopsiquiatra.

4. Como reagiu perante o diagnóstico?

O choque inicial foi grande, mas foi mais difícil aprender a viver com o “problema”.

A nível escolar

5. Lembra-se se o(a) seu(sua) filho(a) teve apoio educativo? Dentro ou fora da escola? De que tipo?

A nível escolar a dislexia do meu filho nunca foi reconhecida. Nem pelos diretores de turma, nem pela Psicóloga da escola apesar de todos os relatórios que apresentei.

O único apoio educativo que ele teve foram aulas extra (de grupo) na sala de estudo da escola para melhorar o desempenho escolar, durante um ano letivo.

Fez sessões individuais de terapia com um psicoterapeuta no centro de saúde e eu sempre o acompanhei nas tarefas da escola.

6. Teve acompanhamento especializado por um professor de Educação Especial? Durante quanto tempo?

Como a dislexia nunca foi reconhecida na escola nunca teve apoio. O único comentário da psicóloga da escola, foi que o meu filho tinha dificuldades de aprendizagem.

7. Na sua opinião, o(a) seu(sua) filho(a) foi penalizado(a) a nível académico pelo facto de ter dislexia?

Sim, claro que sim. Pelo facto de ser disléxico não conseguiu o desempenho desejado, apesar dos esforços.

A nível familiar

8. Considera que as perspetivas académicas e profissionais do(a) seu(sua) filho(a) foram/são condicionadas pela dislexia?

Sim, uma vez que ele tem dificuldades, as metas a que se poderia propor foram condicionadas e limitadas por essas mesmas dificuldades.

9. A nível familiar, como é que lidou

10./lida com o desempenho escolar do(a) seu(sua) filho(a)?

Tenho que aceitar as limitações e incentivar o esforço, reconhecendo os sucessos.

11. Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou o(a) seu(sua) filho(a) em termos emocionais?

Sim, sem dúvida.

Nesta fase final da nossa entrevista, gostaria que me facultasse algumas informações adicionais:

12. Qual é a sua idade?

52 anos

13. Quais são as suas habilitações académicas?

11º ano

14. Qual é a sua situação profissional?

Desempregada

Agradeço a sua atenção, disponibilidade e colaboração nesta entrevista.

Márcia Castro

ENTREVISTA 3A

Como dislético(a) continua a vivenciar no seu cotidiano algumas dificuldades na relação com suportes escritos que tem que ler, escrever ou efetuar cálculos.

É exatamente sobre este assunto que vamos falar.

Comecemos pelo princípio desta sua experiência com a dislexia.

Diagnóstico / Intervenção

1. Como soube que tinha dislexia?

Foi a psicóloga que informou

2. Como reagiu perante o diagnóstico?

Fiquei sem reação, pois não sabia o que era.

3. Quem levantou a suspeita?

A professora do 1º Ciclo.

4. Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?

Não. O diagnóstico foi confirmado pelo Psicólogo.

5. Que idade tinha quando foi efetuado o diagnóstico?

Tinha 8 anos.

A nível escolar

6. Depois de ter sido diagnosticado(a) com dislexia teve apoio educativo? Dentro ou fora da escola? De que tipo?

Sim, na escola e na terapia. Na escola tinha trabalhos extra e na terapia fazia atividades com o psicólogo.

7. Teve acompanhamento especializado por um professor de Educação Especial? Durante quanto tempo?

Não, tive acompanhamento por um professor no apoio educativo. Durante o 1º Ciclo.

8. Pelo facto de ter dislexia, considera que foi penalizado a nível académico?

Não.

9. Pensa que a dislexia afetou a sua relação com os seus professores ou com os seus colegas?

Não.

A nível familiar

10. A nível familiar, como é que os seus pais lidavam com o seu desempenho escolar?

Os meus pais estavam e estão sempre preocupados, insistiam para que eu fizesse mais trabalhos e estudasse mais.

11. Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou a sua relação com os seus pais?

Não.

Nesta fase final da nossa entrevista, gostaria que me facultasse algumas informações adicionais:

12. Qual é a sua idade?

18 anos.

13. Quais são as suas habilitações académicas?

12º ano.

14. Qual é a sua situação profissional?

Estudante.

Agradeço a sua atenção, disponibilidade e colaboração nesta entrevista.

Márcia Castro

ENTREVISTA 3B

Como pai/mãe de uma pessoa disléxica continua a vivenciar no seu quotidiano algumas dificuldades na relação do(a) seu(sua) filho(a) com suportes escritos que tem que ler, escrever ou efetuar cálculos.

Enquanto pai/mãe vivenciou uma angústia pela incerteza do que o futuro guardava para o(a) seu(sua) educando(a).

É sobre esse assunto que desejamos falar consigo.

Diagnóstico / Intervenção

1. Como soube que o(a) seu(sua) filho(a) tinha dislexia?

O meu filho teve dificuldades de aprendizagem da leitura desde o início da sua escolaridade e no final do 2^a ano a professora disse que era melhor fazer o despiste de dislexia.

2. Quem levantou a suspeita?

A professora.

3. Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?

Não.

4. Como reagiu perante o diagnóstico?

Ainda hoje não sei digerir essa informação, porque tenho muito receio em que este problema limite o seu futuro.

A nível escolar

5. Lembra-se se o(a) seu(sua) filho(a) teve apoio educativo? Dentro ou fora da escola? De que tipo?

Sim, na escola com o apoio educativo e fora da escola tem consultas com o Psicólogo.

6. Teve acompanhamento especializado por um professor de Educação Especial? Durante quanto tempo?

Não. Teve aulas com um professor de apoio educativo durante o 1º Ciclo.

7. Na sua opinião, o(a) seu(sua) filho(a) foi penalizado(a) a nível académico pelo facto de ter dislexia?

Em certas situações considero que sim.

A nível familiar

8. Considera que as perspetivas académicas e profissionais do(a) seu(sua) filho(a) foram/são condicionadas pela dislexia?

Sim.

9. A nível familiar, como é que lidou/lida com o desempenho escolar do(a) seu(sua) filho(a)?

Reconheço que, por vezes, não tivemos a melhor reação.

Foi um processo de aprendizagem também para nós.

10. Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou o(a) seu(sua) filho(a) em termos emocionais?

Sim.

Nesta fase final da nossa entrevista, gostaria que me facultasse algumas informações adicionais:

11. Qual é a sua idade?

49 anos.

12. Quais são as suas habilitações académicas?

Bacharelato em engenharia.

13. Qual é a sua situação profissional?

Desempregada.

Agradeço a sua atenção, disponibilidade e colaboração nesta entrevista.

Márcia Castro

ENTREVISTA 4A

Como dislético(a) continua a vivenciar no seu cotidiano algumas dificuldades na relação com suportes escritos que tem que ler, escrever ou efetuar cálculos.

É exatamente sobre este assunto que vamos falar.

Comecemos pelo princípio desta sua experiência com a dislexia.

Diagnóstico / Intervenção

1. Como soube que tinha dislexia?

Sempre tive dificuldades em aprender a ler. Eu via que os meus colegas liam e faziam contas com muita facilidade e eu não era capaz, apesar do meu esforço. Mas só soube o que tinha pelo psicólogo, já com 10 anos.

2. Como reagiu perante o diagnóstico?

Primeiro, pensei que tinha um problema. Depois, tentei perceber o que era e tentava explicar às pessoas.

3. Quem levantou a suspeita?

Os professores do 5º ano. Embora a professora de Inglês do 3º ano tenha falado com os meus pais e alertado para que havia alguma coisa de errado comigo.

4. Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?

Não. O diagnóstico foi feito por uma psicóloga a nível particular.

5. Que idade tinha quando foi efetuado o diagnóstico?

10 anos.

A nível escolar

6. Depois de ter sido diagnosticado(a) com dislexia teve apoio educativo? Dentro ou fora da escola? De que tipo?

Sempre tive apoio fora da escola por uma psicóloga que tentava articular com a escola, embora os professores não colocassem as orientações em prática.

7. Teve acompanhamento especializado por um professor de Educação Especial? Durante quanto tempo?

A partir do 10º ano comecei a ter acompanhamento especializado, quando fui transferida do ensino particular para o ensino público. Tive apoio durante o ensino secundário.

8. Pelo facto de ter dislexia, considera que foi penalizado a nível académico?

Sim. Os professores nunca tiveram em conta a minha dislexia e tratavam-me como atrasada mental.

9. Pensa que a dislexia afetou a sua relação com os seus professores ou com os seus colegas?

Sim, a partir do momento em que tiveram conhecimento da minha dislexia, nunca mais tive amigos. Fui vítima de bullying por parte dos meus colegas, os meus professores assistiam e não faziam nada.

A nível familiar

10. A nível familiar, como é que os seus pais lidavam com o seu desempenho escolar?

Os meus pais sempre me apoiaram e ajudaram-me a ultrapassar os obstáculos.

11. Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou a sua relação com os seus pais?

Não.

Nesta fase final da nossa entrevista, gostaria que me facultasse algumas informações adicionais:

12. Qual é a sua idade?

20 anos.

13. Quais são as suas habilitações académicas?

Estou no 2º ano da licenciatura de Criminologia.

14. Qual é a sua situação profissional?

Estudante.

Agradeço a sua atenção, disponibilidade e colaboração nesta entrevista.

Márcia Castro

ENTREVISTA 4B

Como pai/mãe de uma pessoa disléxica continua a vivenciar no seu quotidiano algumas dificuldades na relação do(a) seu(sua) filho(a) com suportes escritos que tem que ler, escrever ou efetuar cálculos.

Enquanto pai/mãe vivenciou uma angústia pela incerteza do que o futuro guardava para o(a) seu(sua) educando(a).

É sobre esse assunto que desejamos falar consigo.

Diagnóstico / Intervenção

1. Como soube que o(a) seu(sua) filho(a) tinha dislexia?

Os primeiros sinais foram percebidos por nós. Mas a certeza do que era, o nome, só soubemos por volta dos 10/11 anos.

2. Quem levantou a suspeita?

A primeira suspeita foi levantada pela professora de Inglês do 3º ano de escolaridade. Mas a situação foi ignorada por todos os outros professores e, por isso, o diagnóstico foi muito tardio. O diagnóstico só surgiu no 5º ano.

3. Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?

Não. O diagnóstico foi efetuado por uma psicóloga.

4. Como reagiu perante o diagnóstico?

Não sabíamos o que era, nem o que poderíamos esperar para o futuro da nossa filha.

A nível escolar

5. Lembra-se se o(a) seu(sua) filho(a) teve apoio educativo? Dentro ou fora da escola? De que tipo?

Fora da escola, teve acompanhamento por parte de uma psicóloga, a partir do 5º ano e dentro da escola a partir do 10º ano com a entrada no ensino público.

6. Teve acompanhamento especializado por um professor de Educação Especial? Durante quanto tempo?

Sim, no ensino secundário.

7. Na sua opinião, o(a) seu(sua) filho(a) foi penalizado(a) a nível académico pelo facto de ter dislexia?

Sim, claramente.

A nível familiar

8. Considera que as perspetivas académicas e profissionais do(a) seu(sua) filho(a) foram/são condicionadas pela dislexia?

Sim, sem qualquer sombra de dúvida.

9. A nível familiar, como é que lidou/lida com o desempenho escolar do(a) seu(sua) filho(a)?

Lidamos bem e valorizamos sempre o esforço dela.

10. Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou o(a) seu(sua) filho(a) em termos emocionais?

Sim,... Muito pior do que isso! A minha filha foi vítima de bullying por parte dos colegas, os professores violavam a confidencialidade e toda a gente sabia do que se passava e não agiam em favor dela. A nível emocional, foi muito, muito, mas mesmo muito complicado. A nossa filha ainda tem consultas de psiquiatria e de psicologia devido às marcas emocionais que ainda estão muito presentes.

Nesta fase final da nossa entrevista, gostaria que me facultasse algumas informações adicionais:

11. Qual é a sua idade?

48 anos.

12. Quais são as suas habilitações académicas?

12º ano de escolaridade.

13. Qual é a sua situação profissional?

Empregado.

Agradeço a sua atenção, disponibilidade e colaboração nesta entrevista.

Márcia Castro

ANEXO 5 - GRÁFICOS E TABELAS

DADOS RECOLHIDOS JUNTO DE ADULTOS DISLÉXICOS

DIAGNÓSTICO/INTERVENÇÃO

		N.º	%
Como soube que tinha dislexia?	Pelo professor.	0	0
	Pelo psicólogo.	4	100
	Pelos pais.	0	0
Total		4	100

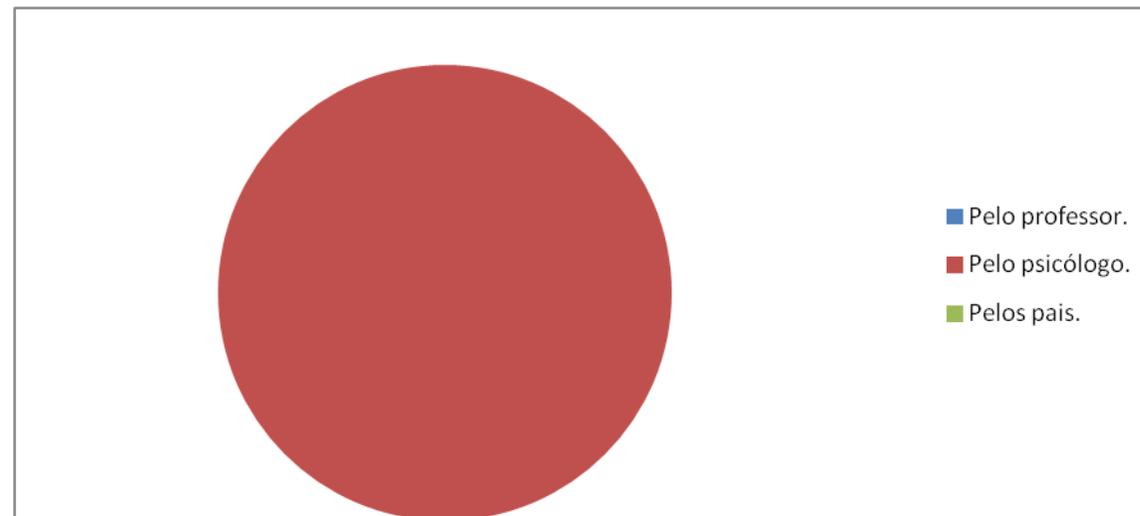


Figura 9 Detecção da Dislexia

		N.º	%
Como reagiu perante o diagnóstico?	Angustia	0	0
	Tristeza	0	0
	Desconhecimento	4	100
Total		4	100

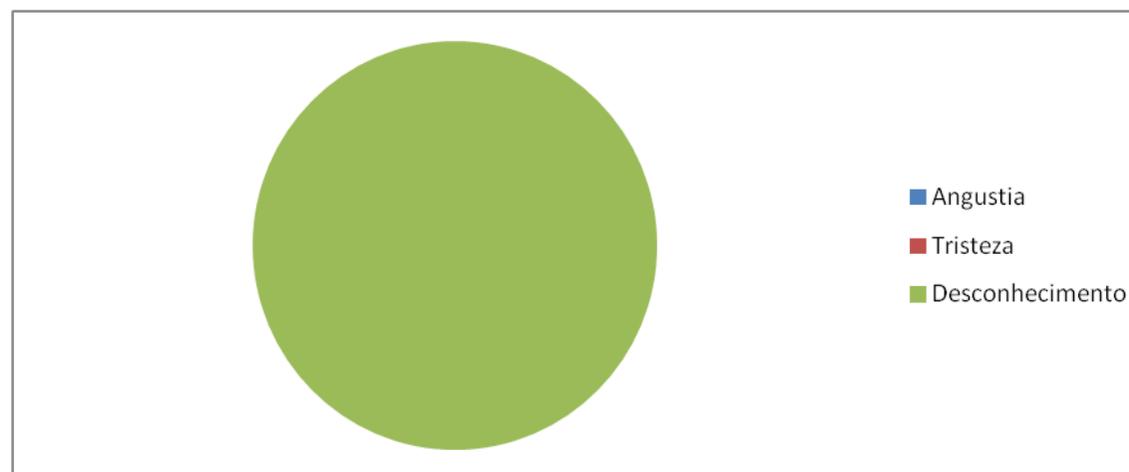


Figura 10 Primeira reação face à Dislexia

		N.º	%
Quem levantou a suspeita?	Pais	0	0
	Amigos da família	1	25
	Professores	2	50
	Psicólogo	1	25
Total		4	100

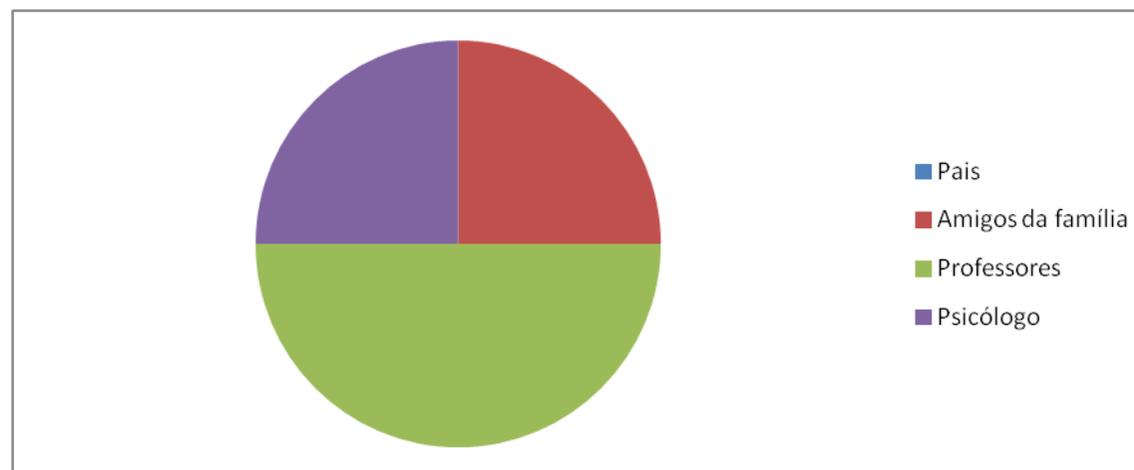


Figura 11 Quem levantou a suspeita

		N.º	%
Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?	Professores	0	0
	Psicólogo	4	100
	Médico de Família	0	0
Total		4	100

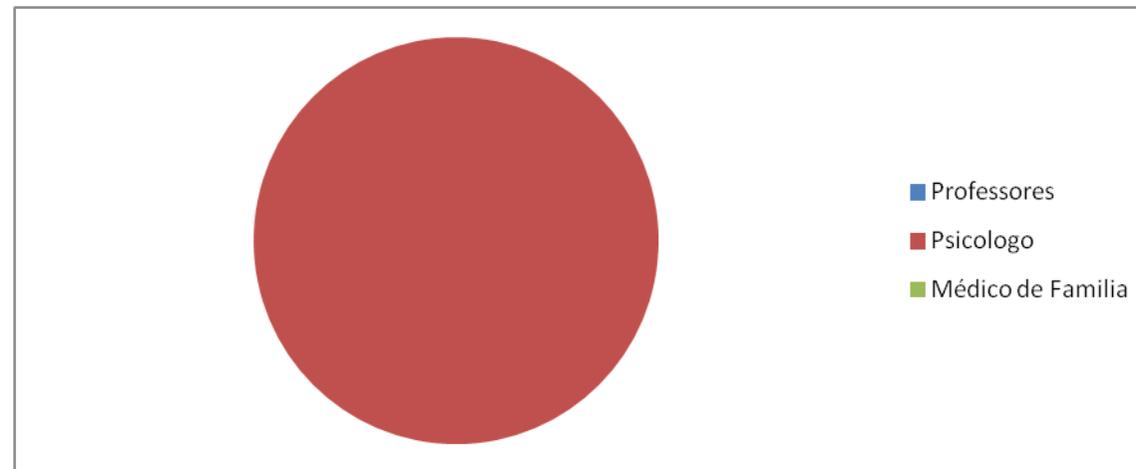


Figura 12 Quem efetuou o diagnóstico

		N.º	%
Que idade tinha quando foi efetuado o diagnóstico?	8 anos.	1	25
	10 anos.	2	50
	11 anos	1	25
Total		4	100

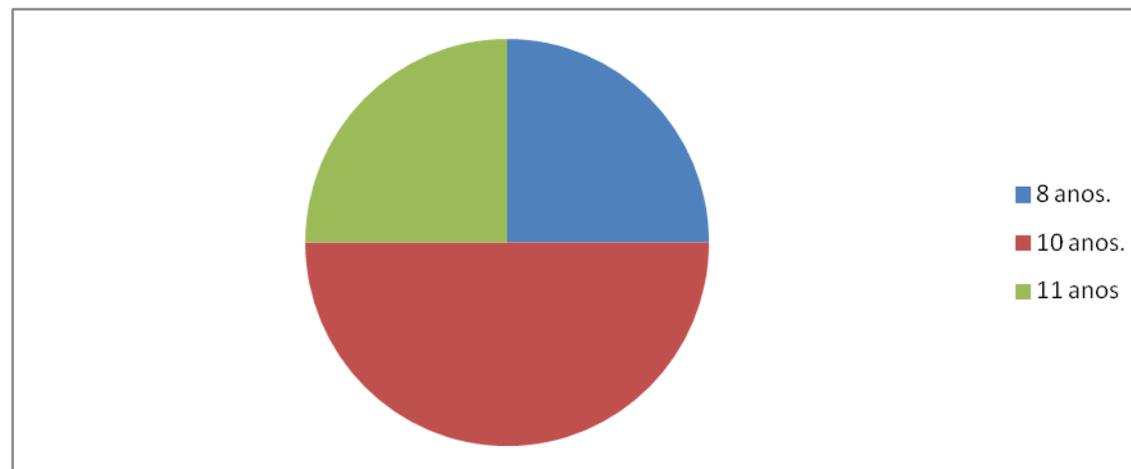


Figura 13 Com que idade foi realizado o diagnóstico

A NÍVEL ESCOLAR

		N.º	%
Depois de ter sido diagnosticado(a) com dislexia teve apoio educativo?	Sim.	2	50
	Não.	2	50
Total		4	100

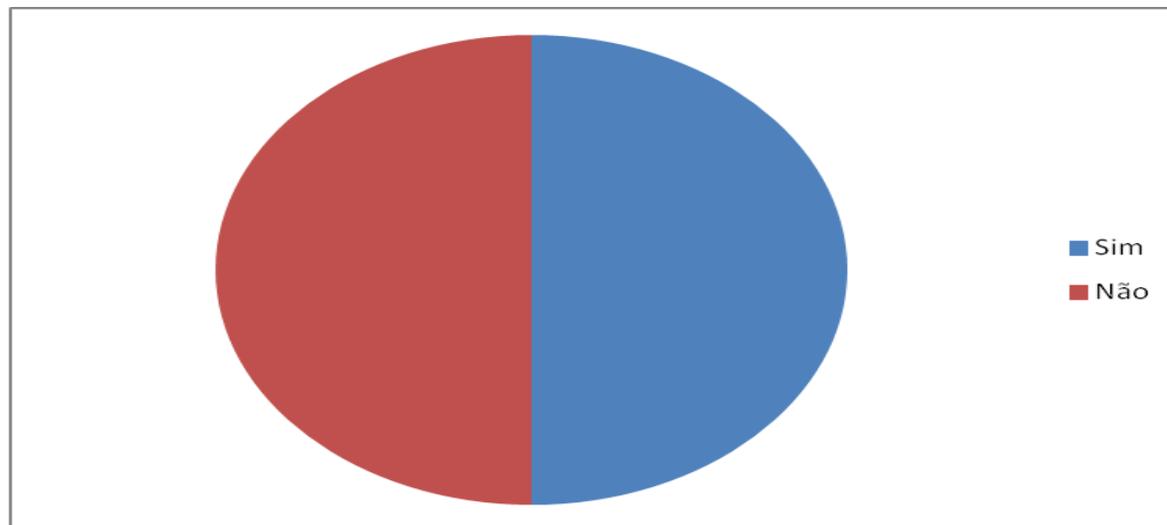


Figura 14 Apoio Educativo

		N.º	%
Teve apoio educativo?	Dentro da escola.	0	0
	Fora da escola.	2	50
	Dentro e fora da escola.	2	50
Total		4	100

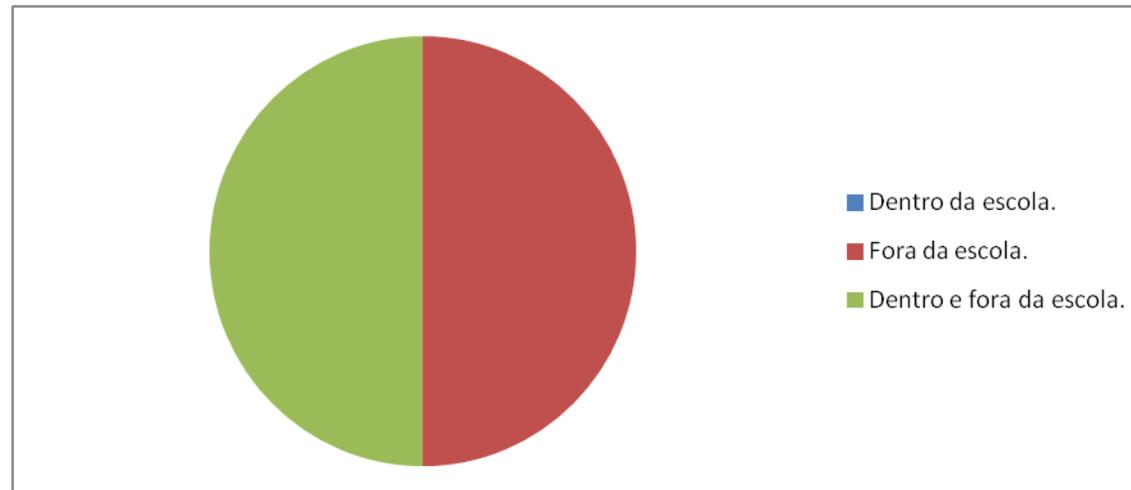


Figura 15 Local do Apoio Educativo

		N.º	%
Teve apoio educativo? De que tipo?	Psicoterapeuta (centro de saúde) e aulas extra na escola	1	25
	Terapia com Psicólogo.	1	25
	Terapia com Psicólogo e explicações individuais.	1	25
	Terapia com Psicólogo e apoio educativo na escola.	1	25
Total		4	100

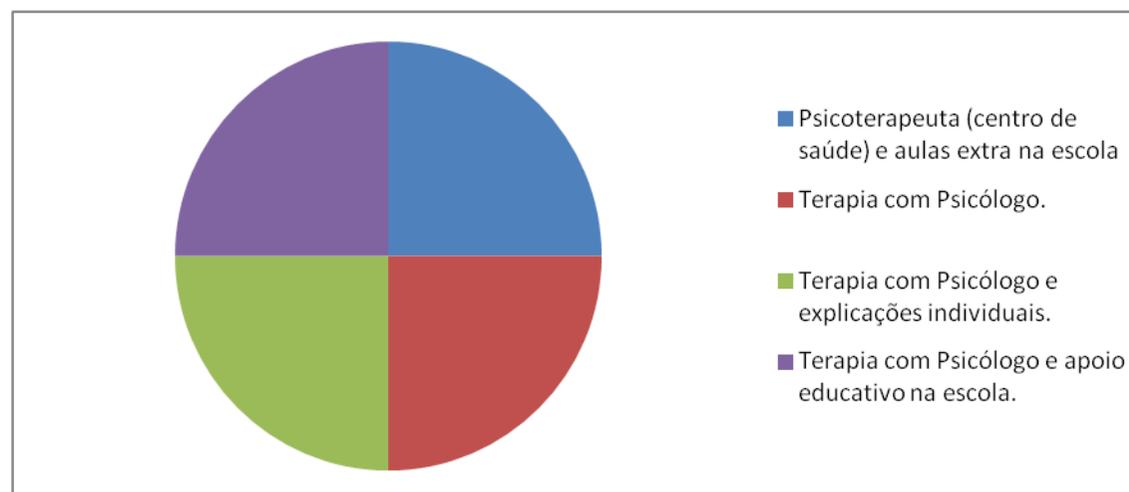


Figura 16 Tipo de Apoio Educativo

		N.º	%
Teve acompanhamento especializado por um Professor de Educação Especial?	Sim.	1	25
	Não.	3	75
Total		4	100

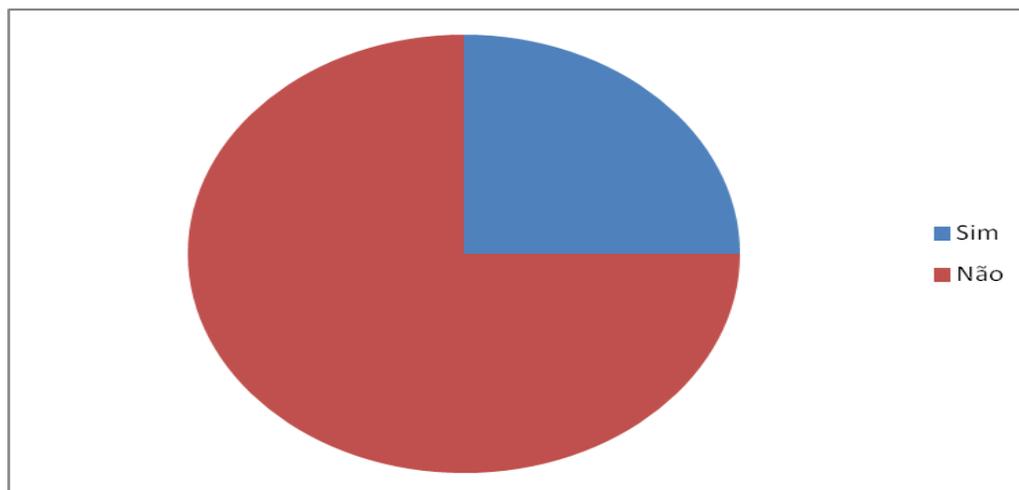


Figura 17 Educação Especial

		N.º	%
Durante quanto tempo teve acompanhamento especializado por um Professor de Educação Especial?	0 meses.	3	75
	Ensino Secundário.	1	25
Total		4	100

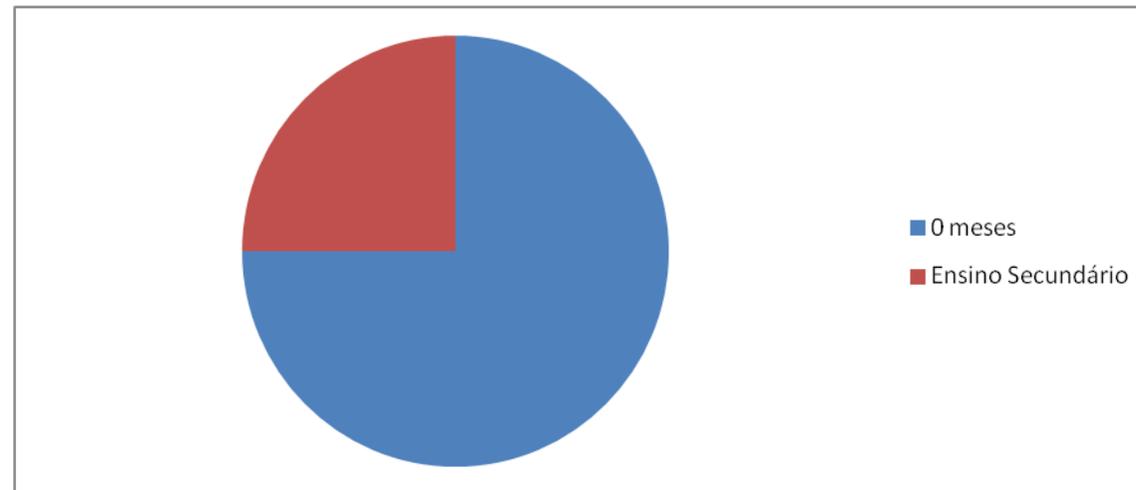


Figura 18 Duração da Educação Especial

		N.º	%
Pelo facto de ter dislexia, considera que foi penalizado a nível académico?	Sim.	2	50
	Não.	2	50
Total		4	100

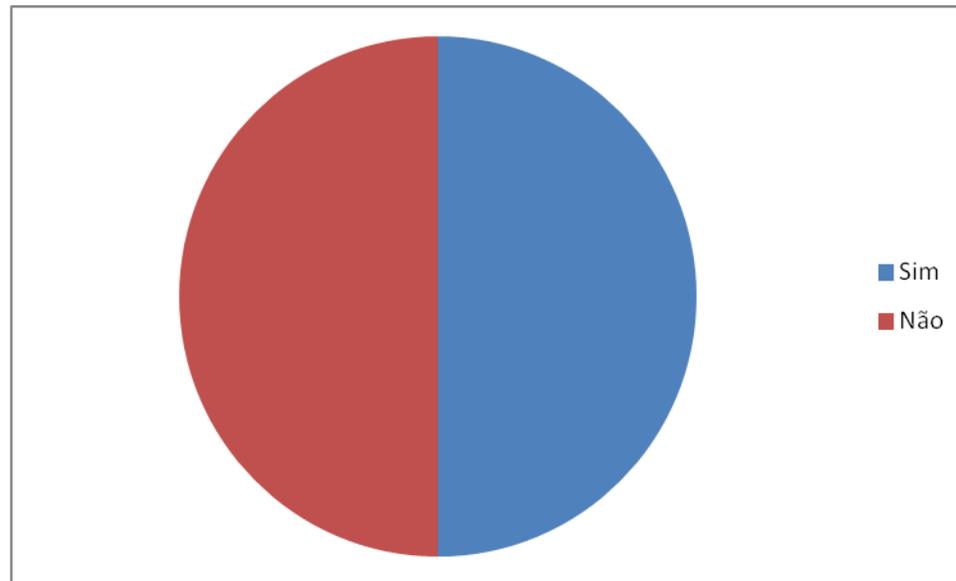


Figura 19 Penalização a nível académico

		N.º	%
Pensa que a dislexia afetou a sua relação com os seus professores ou com os seus colegas?	Sim.	1	25
	Não.	3	75
Total		4	100

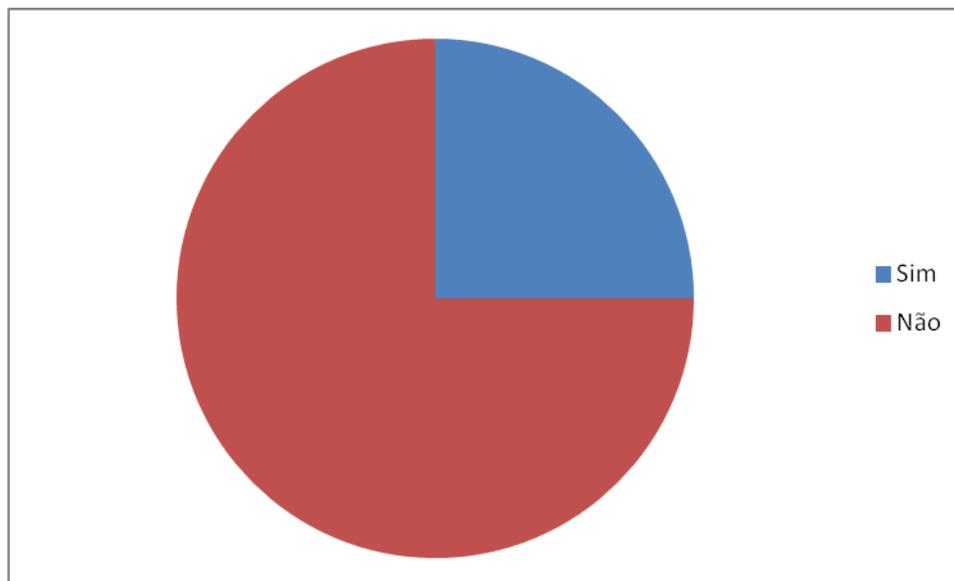


Figura 20 Relação do disléxico com os seus professores e colegas

A NÍVEL FAMILIAR

		N.º	%
A nível familiar, como é que os seus pais lidavam com o seu desempenho escolar?	Lidavam bem.	2	50
	Apoiaram e ajudaram a ultrapassar os obstáculos.	1	25
	Com preocupação.	1	25
Total		4	100

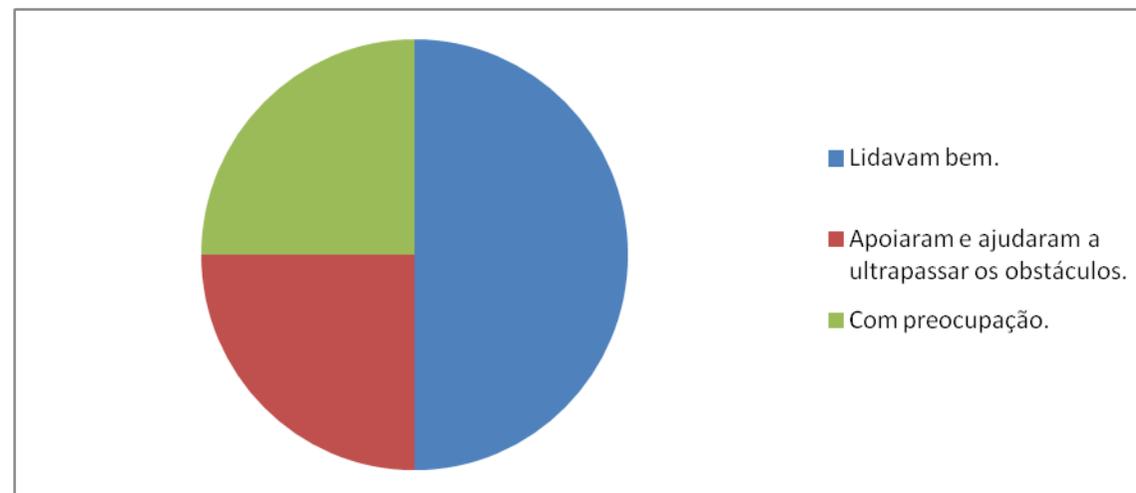


Figura 21 Os pais e a Dislexia

		N.º	%
Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou a sua relação com os seus pais?	Sim.	0	0
	Não.	4	100
Total		4	100

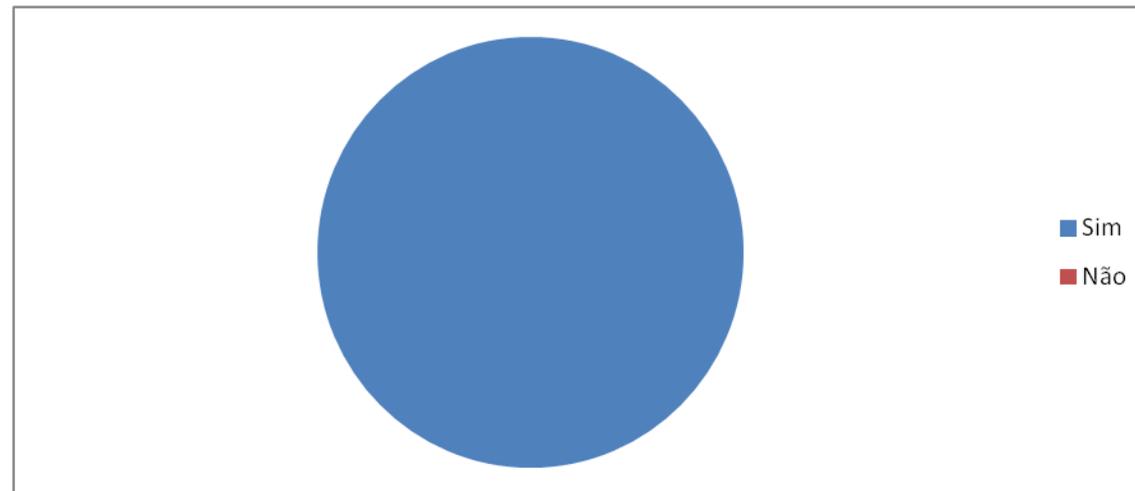


Figura 22 A Dislexia e a relação parental

DADOS PESSOAIS

		N.º	%
Qual é a sua idade?	18 anos.	2	50
	19 anos.	1	25
	20 anos.	1	25
Total		4	100

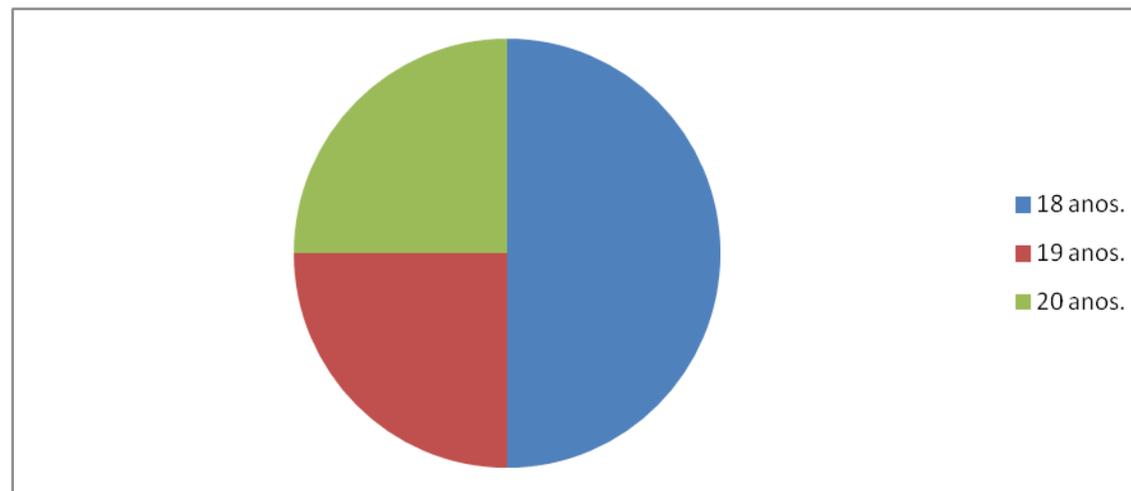


Figura 23 Idade

		N.º	%
Quais são as suas habilitações académicas?	12º ano de escolaridade.	2	50
	1º ano da faculdade.	1	25
	2º ano da faculdade.	1	25
Total		4	100

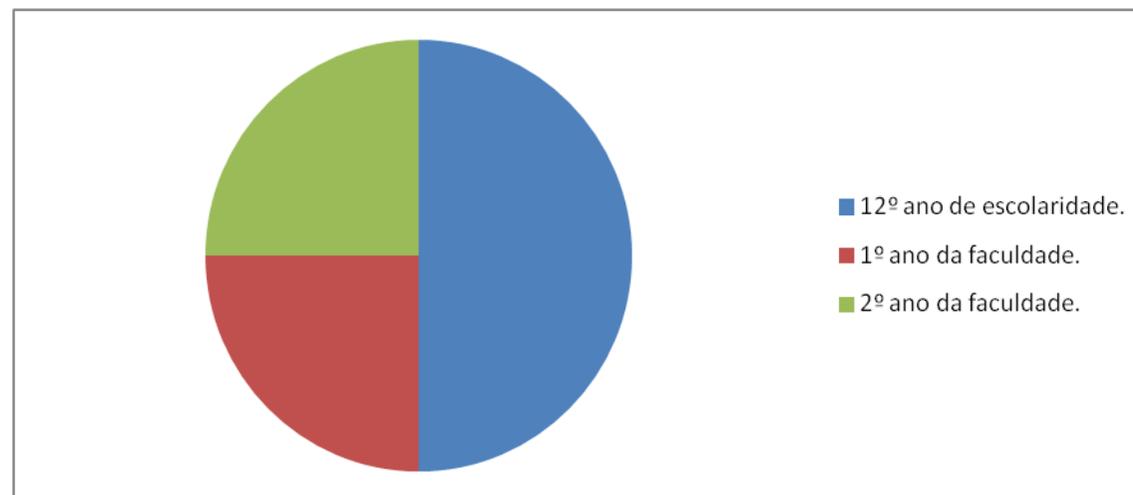


Figura 24 Habilitações Académicas

		N.º	%
Qual é a sua situação profissional?	Estudante.	4	100
	Outra.	0	0
Total		4	100

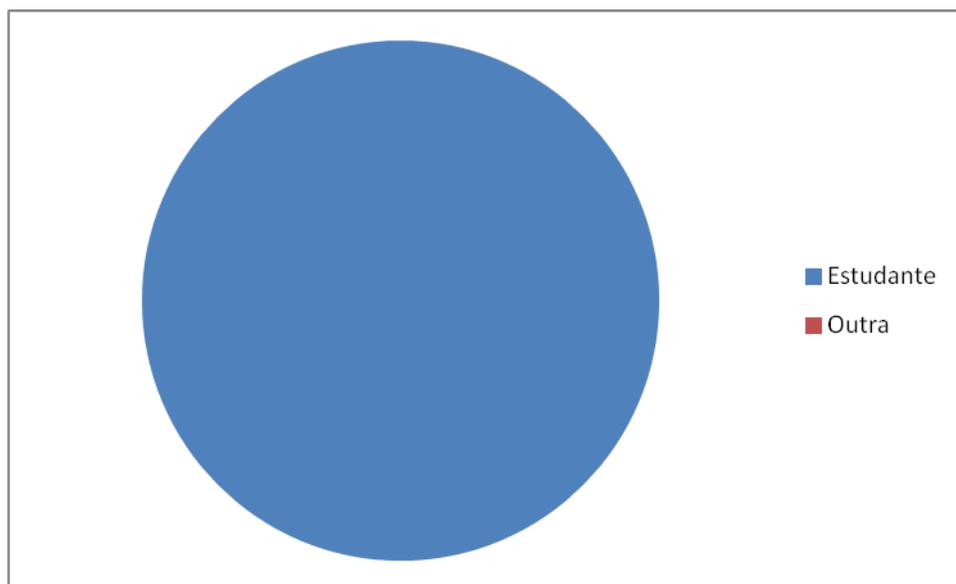


Figura 25 Situação atual

DADOS RECOLHIDOS JUNTO DOS PAIS DE ADULTOS DISLÉXICOS

DIAGNÓSTICO/INTERVENÇÃO

		N.º	%
Como soube que o(a) seu (sua) filho(a) tinha dislexia?	Pelo professor.	1	25
	Pelo psicólogo.	3	75
	Pelos pais.	0	0
Total		4	100

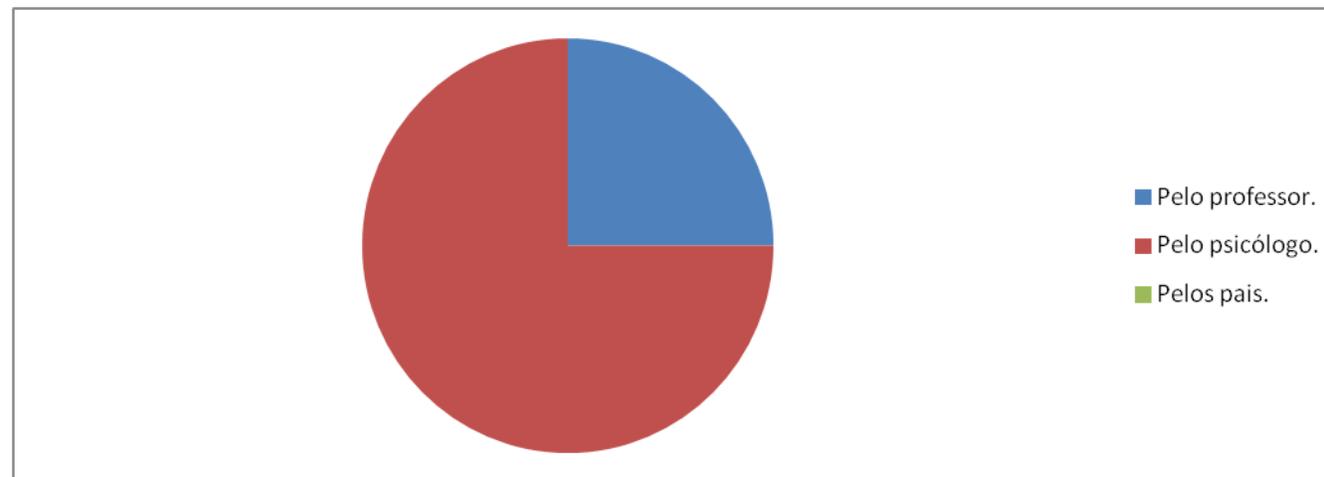


Figura 26 Deteção da Dislexia

		N.º	%
Quem levantou a suspeita?	Pais	0	0
	Amigos da família	1	25
	Professores	3	75
	Psicólogo	0	0
Total		4	100

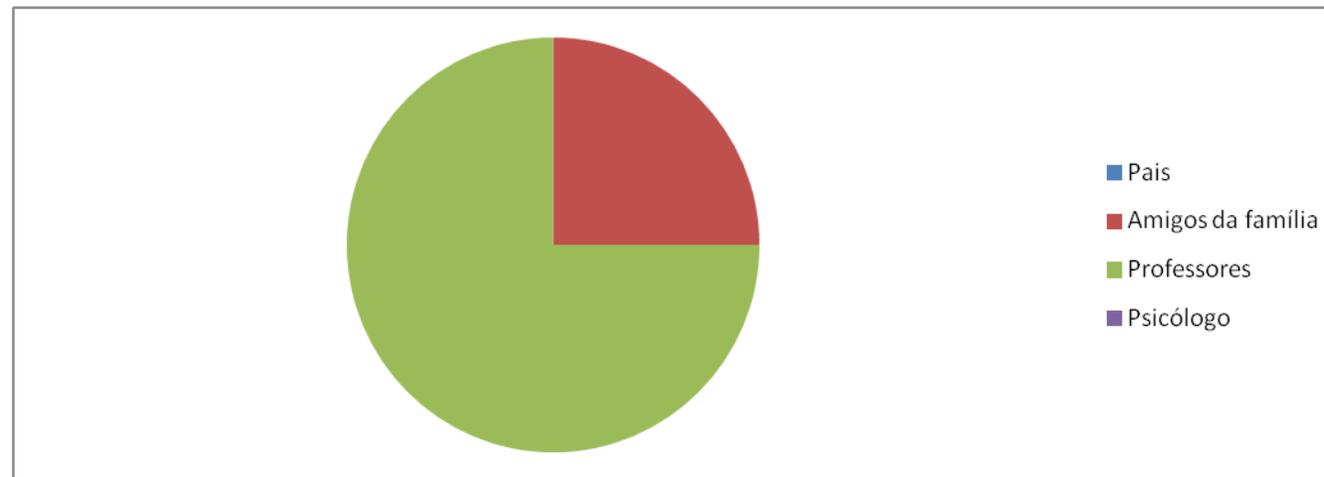


Figura 27 Quem levantou a suspeita

		N.º	%
Foi a mesma pessoa que efetuou o diagnóstico?	Professores	0	0
	Psicólogo	4	100
	Médico de Família	0	0
Total		4	100

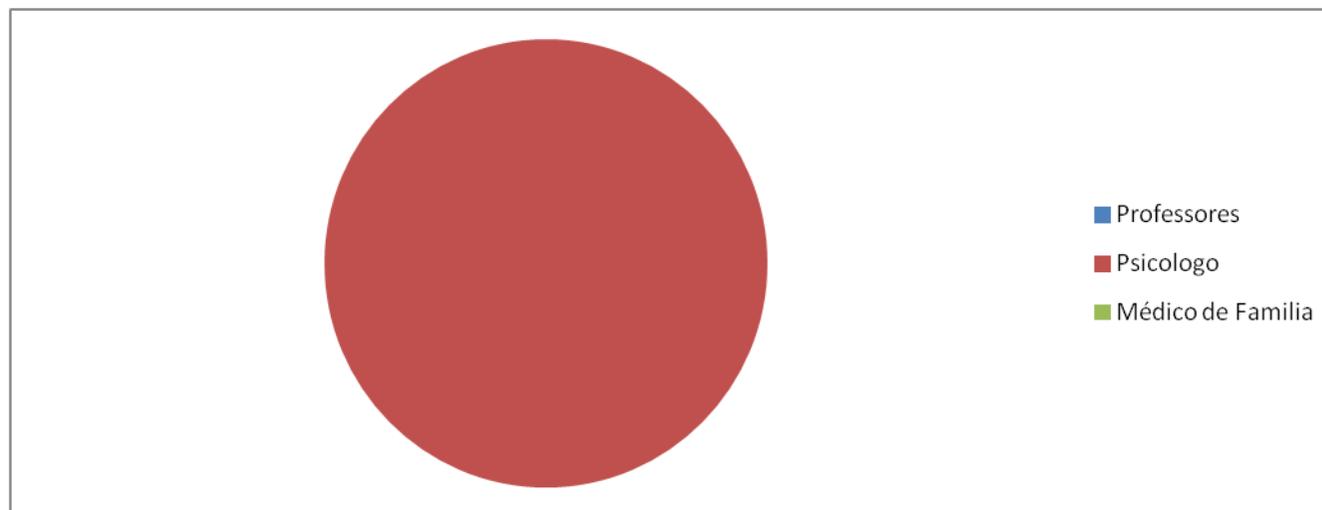


Figura 28 Quem efetuou o diagnóstico

		N.º	%
Como reagiu perante o diagnóstico?	Angustia	2	50
	Tristeza	0	0
	Desconhecimento	2	50
Total		4	100

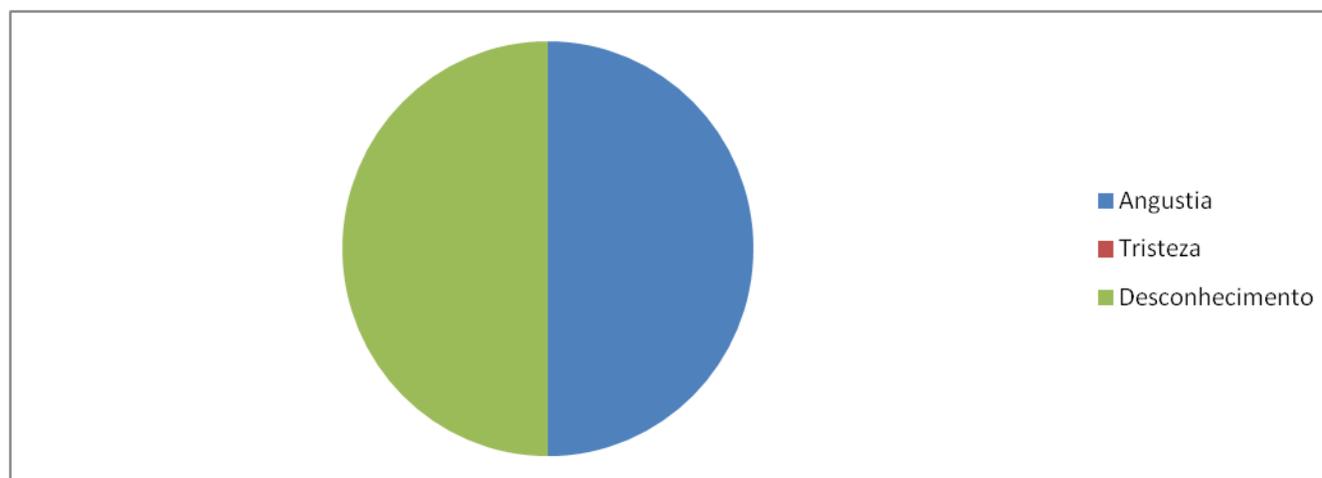


Figura 29 Primeira reação face à Dislexia

A NÍVEL ESCOLAR

		N.º	%
O(a) seu (sua) filho(a) teve apoio educativo?	Dentro da escola.	0	0
	Fora da escola.	2	50
	Dentro e fora da escola.	2	50
Total		4	100

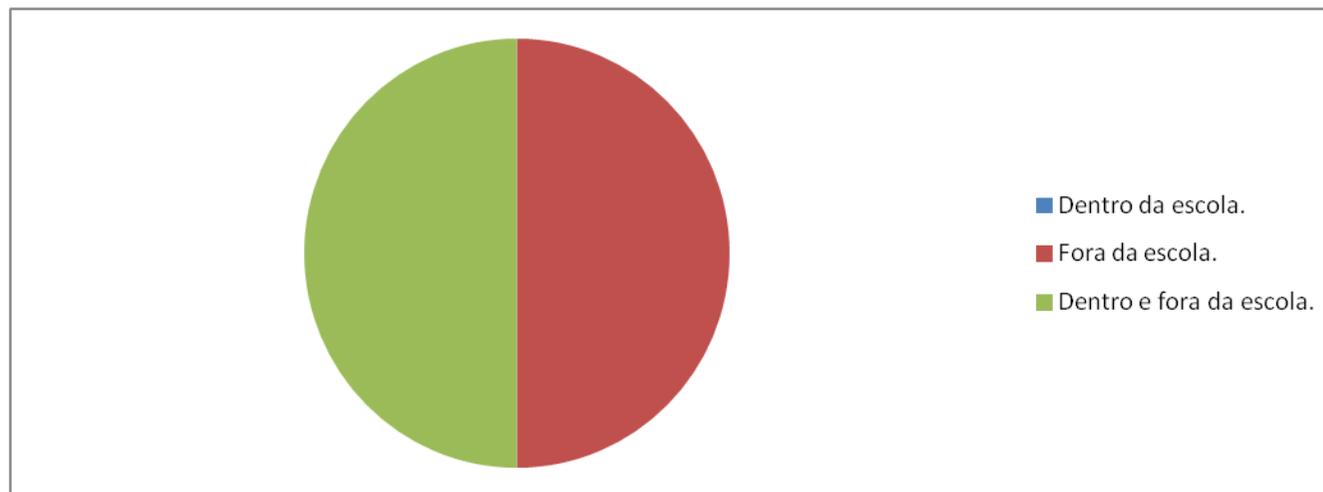


Figura 30 Local do Apoio Educativo

		N.º	%
O(a) seu (sua) filho(a) teve apoio educativo? De que tipo?	Psicoterapeuta (centro de saúde) e aulas extra na escola	1	25
	Terapia com Psicólogo.	1	25
	Terapia com Psicólogo e explicações individuais.	1	25
	Terapia com Psicólogo e apoio educativo na escola.	1	25
Total		4	100

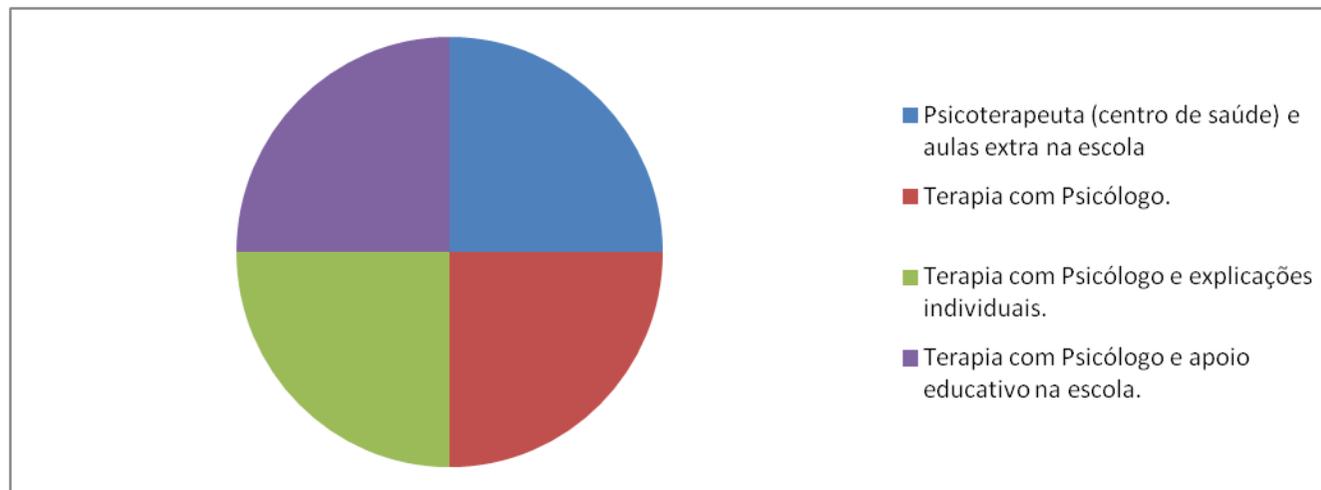


Figura 31 Tipo de Apoio Educativo

		N.º	%
Teve acompanhamento especializado por um Professor de Educação Especial?	Sim.	1	25
	Não.	3	75
Total		4	100

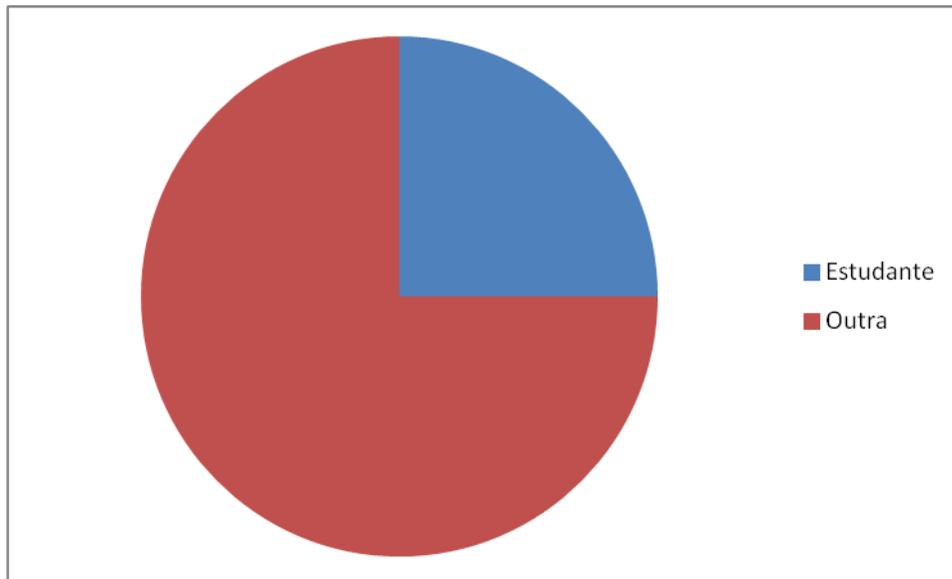


Figura 32 Educação Especial

		N.º	%
Durante quanto tempo teve acompanhamento especializado por um Professor de Educação Especial?	0 meses.	3	75
	Ensino Secundário.	1	25
Total		4	100

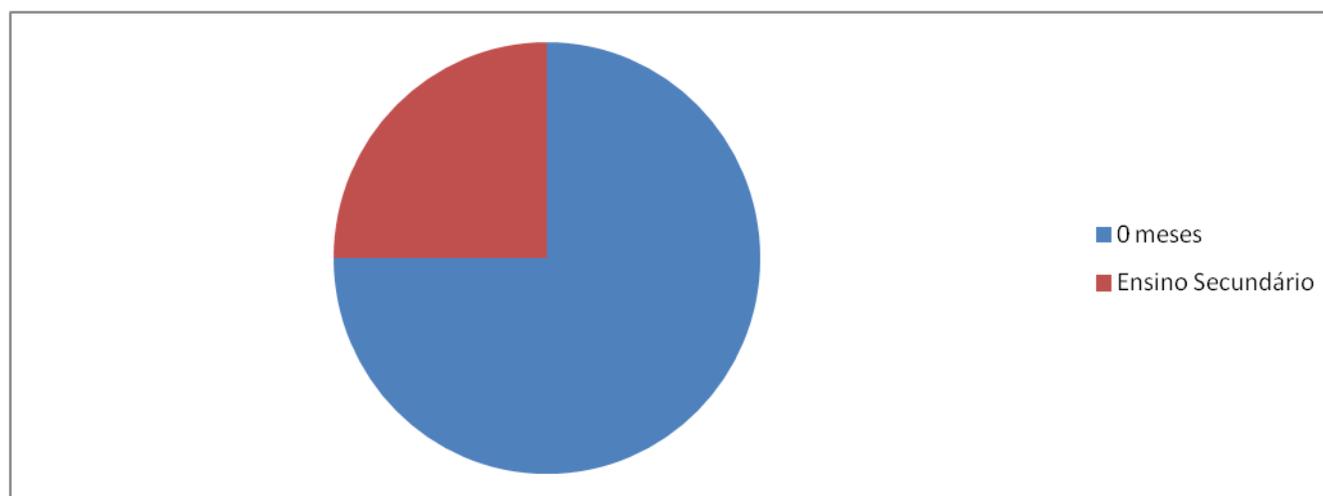


Figura 33 Duração da Educação Especial

		N.º	%
Na sua opinião, o(a) seu(sua) filho(a) foi penalizado(a) a nível académico pelo facto de ter dislexia?	Sim.	4	100
	Não.	0	0
Total		4	100

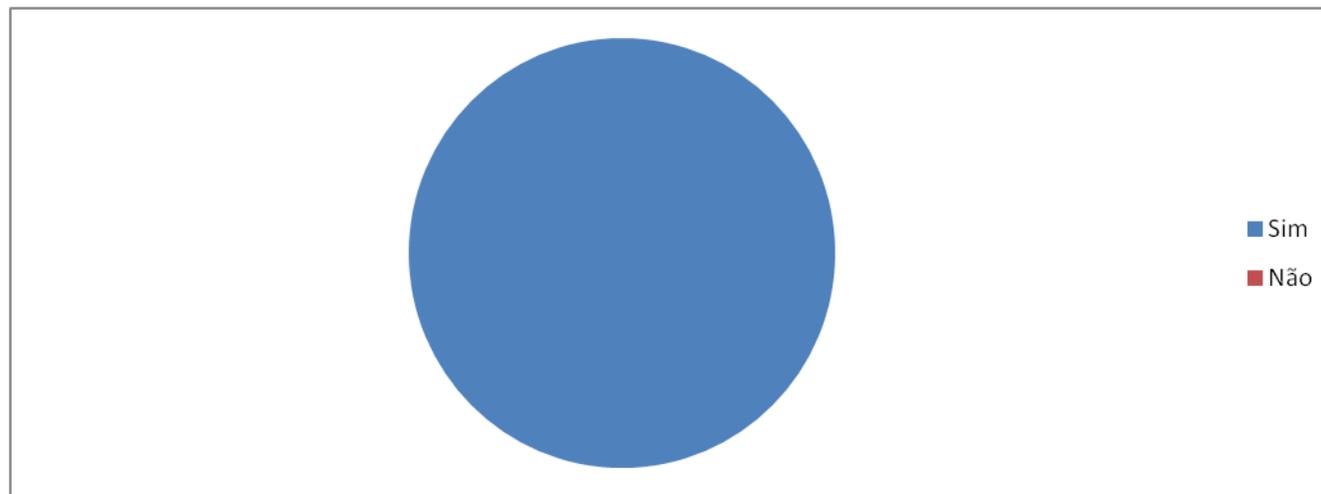


Figura 34 Penalização a nível académico

A NÍVEL FAMILIAR

		N.º	%
Considera que as perspetivas académicas e profissionais do(a) seu(sua) filho(a) foram/são condicionadas pela dislexia?	Sim.	4	100
	Não.	0	0
Total		4	100

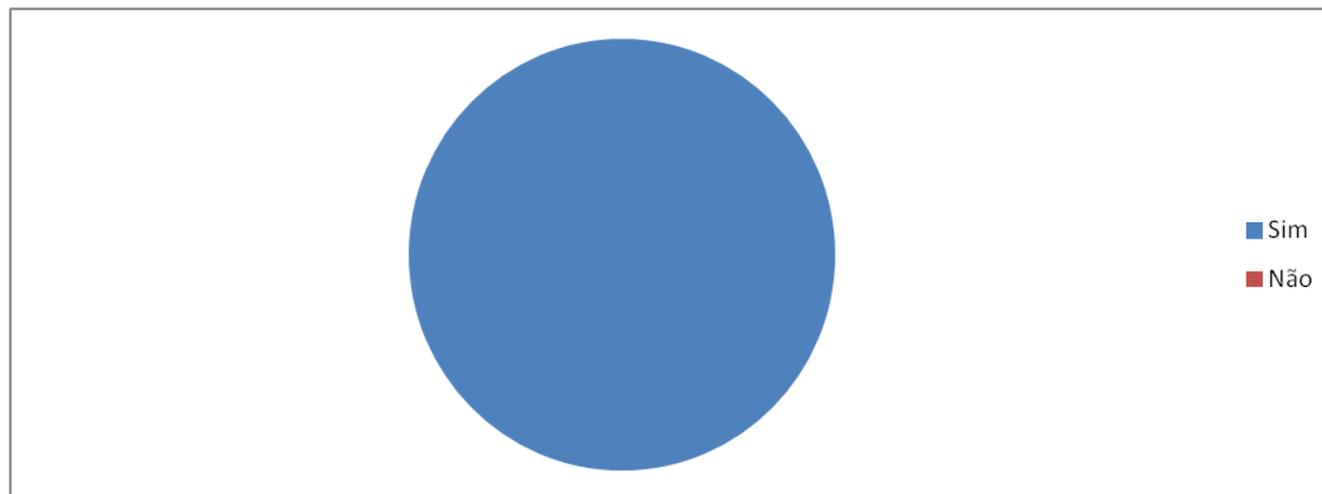


Figura 35 A Dislexia e as perspetivas académicas e profissionais

		N.º	%
A nível familiar, como é que lidou/lida com o desempenho escolar do(a) seu(sua) filho(a)?	Com apreensão.	1	25
	Aceito as limitações, incentivo o esforço e reconheço os sucessos	1	25
	Valorizamos o seu esforço.	1	25
	Nem sempre lidei da melhor maneira.	1	25
Total		4	100

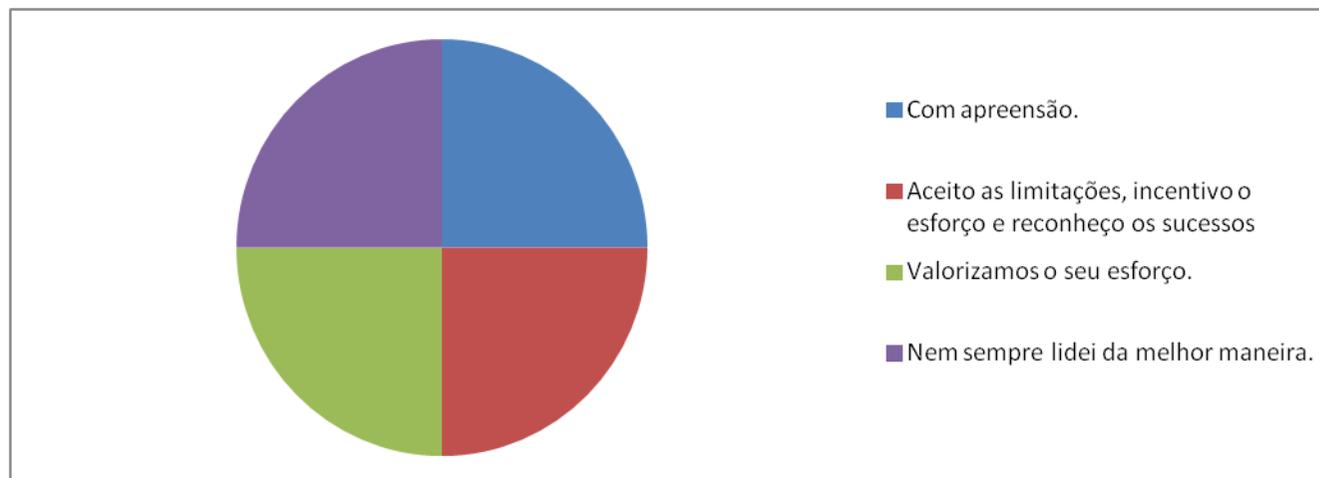


Figura 36 Os pais e a Dislexia

		N.º	%
Na sua opinião, a dislexia influencia/influenciou o(a) seu(sua) filho(a) em termos emocionais?	Sim.	4	100
	Não.	0	0
Total		4	100

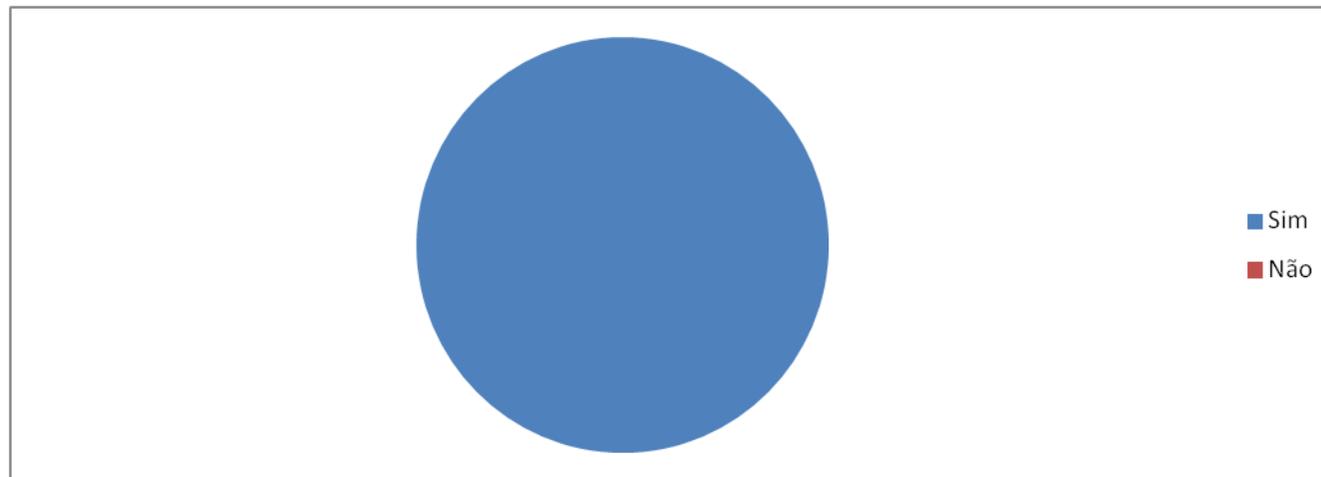


Figura 37 A Dislexia e os fatores emocionais

DADOS PESSOAIS

		N.º	%
Qual é a sua idade?	48 anos.	1	25
	49 anos.	1	25
	51 anos.	1	25
	52 anos.	1	25
Total		4	100

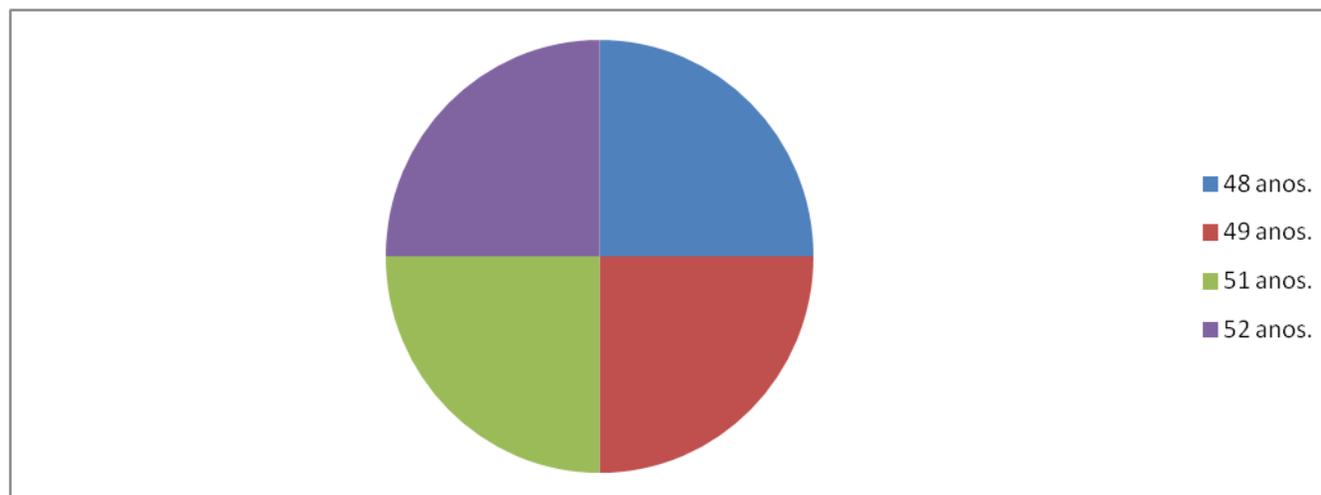


Figura 38 Idade dos pais

		N.º	%
Quais são as suas habilitações académicas?	11º ano de escolaridade.	1	25
	12º ano de escolaridade.	2	50
	Bacharelato em Engenharia.	1	25
Total		4	100

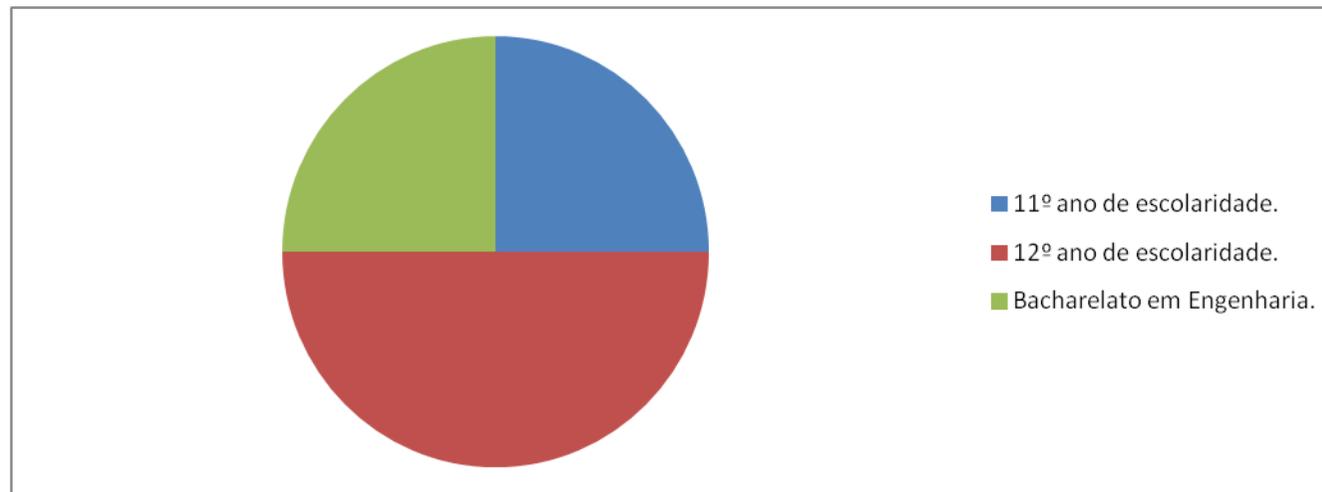


Figura 39 Habilitações Académicas dos pais

		N.º	%
Qual é a sua situação profissional?	Desempregado(a).	2	50
	Empregado(a).	2	50
Total		4	100

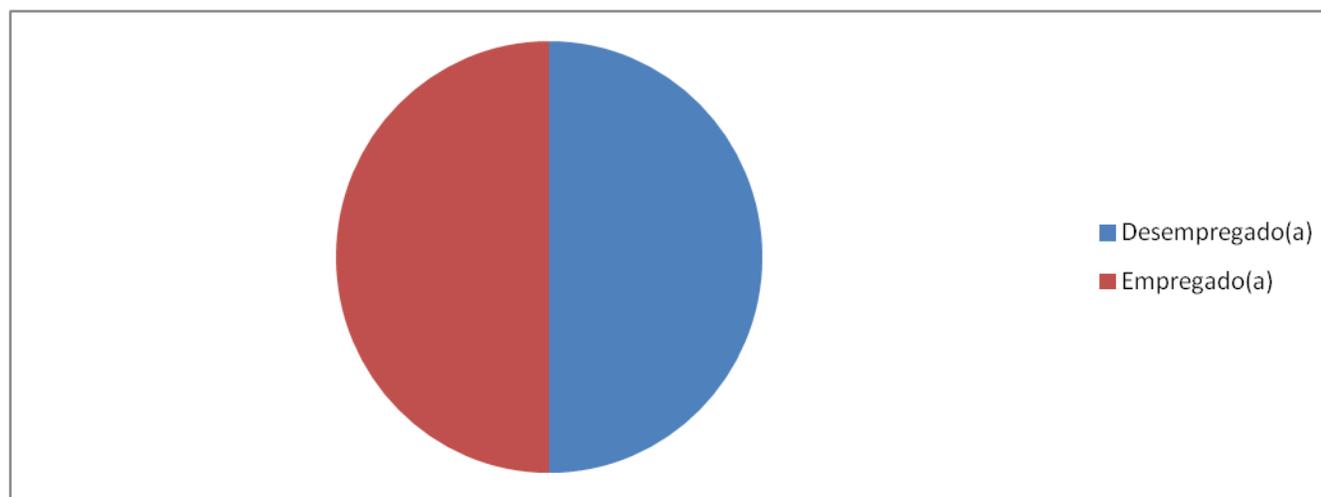


Figura 40 Situação Profissional dos pais

